

FOLHA POLONÊSA

PRZEGLAD POLSKI

REVISTA
POLONÊSA



Ano IV Agosto 1963

32



A SURPREENDENTE IBM ELÉTRICA

A Nova IBM Elétrica, resultado de mais de 30 anos de pesquisa de Engenharia e experiência de Fabricação, surpreende de imediato pela beleza de suas linhas. O mais importante, porém, é o seu extraordinário índice de funcionalidade, sua capacidade de produção... e conseqüente redução de despesas. Veja que características próprias: dispositivo Exclusivo de Cópias Múltiplas que permite a obtenção de 15 a 20 cópias de uma só vez... teclado ajustável, com toque Personalizado... o carro de deslizamento Silencioso de 13"... a tabulação rápida e suave com ação Desaceleradora... a nova ação da Tampa... e 23 outras realizações técnicas que resultam numa datilografia sem esforço, o que significa maior produção para você, com a Nova IBM Elétrica.



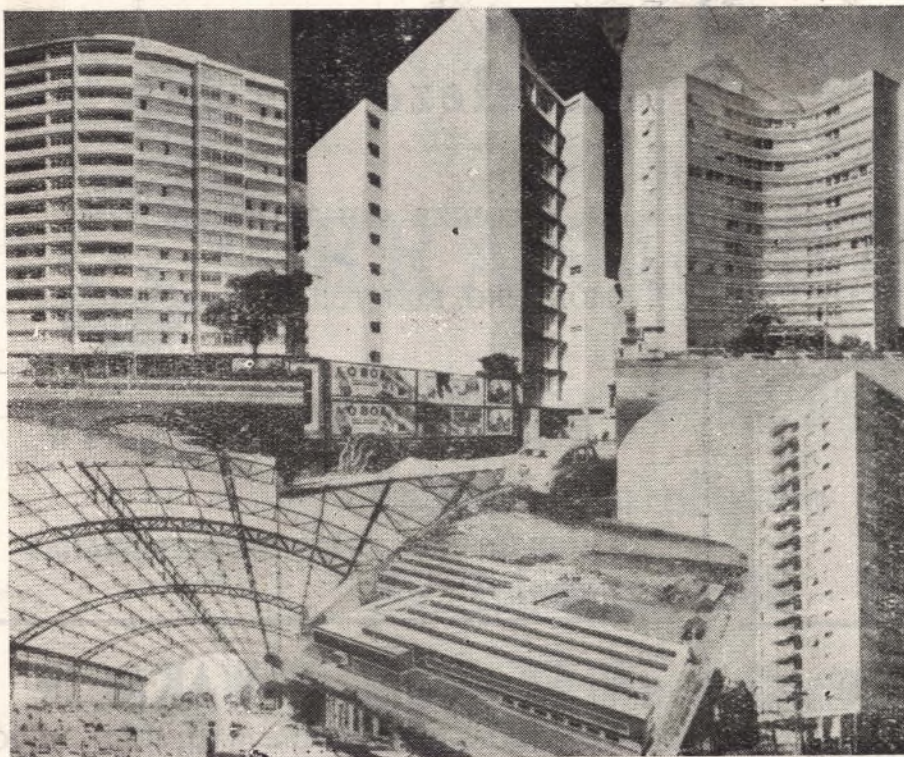
IBM

DO BRASIL LTDA. • DIVISÃO DE MÁQUINAS DE ESCRIVER ELÉTRICAS

RIO DE JANEIRO: Av. Rio Branco, 80 - 6.º and. - Tel. 23-8566

SÃO PAULO: Avenida São Luiz, 86 - Telefone 32-5167

FILIAIS: Belém - Belo Horizonte - Brasília - Curitiba - Fortaleza - Niterói - Porto Alegre - Recife - Salvador - Santos



Organização completa de
construções e projetos
de edifícios
industriais,
residenciais
e obras de
engenharia

12 ANOS DE
TRADIÇÃO

Construtora e Imobiliária Tresel S. A.

AVENIDA S. JOÃO, 1086 - 4.º And. - FONE 36-7186 (rêde interna) - SÃO PAULO



"INTRA FERRO"

Indústria de Trefilação de Ferro Ltda.

Trefilação de metais não ferrosos:

Alumínio

Alpaca

Cobre

Latão

Av. Celso Garcia 1.338

phones: 93-1471

São Paulo



INDUSTRIA DE ABRASIVOS S.A.

Rua Fernandes Vieira, 174 - Belém - Fones: 92-2764 e 93-9700

Elektryczne instalacje przemysłowe
niskiego i wysokiego napięcia

E L O B R A

OBRAS ELÉTRICAS LTDA.

Brigadeiro Tobias 356 — 10.º Conj. 103 — Tel.: 34-0806

SÃO PAULO

Paczki i pieniądze
DO POLSKI I ZWIĄZKU SOWIECKIEGO

P. K. O. — Warszawa
Tazab — London

Z a s t ę p s t w o:

Empresa — J. RAJIC LTDA.
Praça da Sé, 399 — 4.º
Telefon.: — 33-4983 i 36-8530
SÃO PAULO — BRASIL

Embeleze seu lar

E VALORIZE SEU TV TORNANDO-O
MODERNO, FUNCIONAL E AGRADÁVEL

Mesas ELEM para TV

PROCURE NAS LOJAS ESPECIALIZADAS

WEEK-ENDY I WAKACJE

RANCHO BOA ESPERANÇA, SÃO JOÃO NOVO
1.000 m. n.p. morza, źródła wody mineralnej, urocze spacery,
konie pod wierzch, owoce.
Apartamenty z wodą bieżącą i światłem elektrycznym, kuch-
nia polska. — CENY UMIARKOWANE.
Odległość od São Paulo — koleją 1 i ½ godz. Estr. Soroca-
bana lub drogą kołową 45 km. przez Cotia, Roselandia, Ita-
pevi, Santa Rita, São João Novo.

Informacje telefonicznie: tel.: 35-5584 lub
Caixa Postal, 6335, São Paulo.
Tel.: SÃO JOÃO NOVO N.º 9



KUBKI PAPIEROWE

do 1 ltr pojemności

BUTELKI PAPIEROWE

(Container's)

Talerzyki i kubki papierowe

Na uroczystości, pikniki, etc. (Fantasia)

Opakowania specjalne dla super-mercados, fabryk konserw, etc.

INDÚSTRIA INAJA

Artefatos, Copos, Embalagens de Papel S.A.



Fábrica: Rua Clelia, 1642 — Fone: 62-8631 — SÃO PAULO

End. Telegr.: "COPINDUS"

Artykuły luksusowe męskie. Arty-
kuły importowane. Materiały kra-
jowe i zagraniczne.

Pracownia krawiecka
(kierownictwo włoskie)
KOSZULE NA MIARĘ

Dandy

J. Grunpeter (dawn. Katowice)
R. Oscar Freire 667 (esq. R. Augusta)
SÃO PAULO

CONSTRUÇÕES MECÂNICAS
ROZENOWICZ LTDA.

Transportadores
Alimentadores
Elevadores
Peneiras
Moinhos de martelos
Estruturas metálicas

Rua da Balsa, 10 PIQUERI
Cx. Postal, 11.912 — SÃO PAULO



BRASAMPA S/A

**Assistência técnica para
indústria do plástico**

Av. Ipiranga, 1248 - Conj. 1107

São Paulo - Capital

KORZYSTAJCIE Z USŁUG

Companhia para Expansão da Construção

"COEXCO"

COEXCO incorpora novos e confortáveis domos residenciais. W domach COEXCO rozmieszczenie mieszkań, ich wykończenie i estetyka pozostają na najwyższym poziomie.

Pięć zasad COEXCO:

niezawodny termin
stała, niezmienna cena
własne tereny
staranne wykończenie
sprzedaż na raty

COMPANHIA PARA EXPANSÃO DA CONSTRUÇÃO "COEXCO"

São Paulo, r. São Bento, 279 — 12.º andar. Tel. 33-4737

Caldeiraria e Mecânica INOX Ltda.

ESPECIALIZADOS EM AÇO INOXIDÁVEL
— COBRE — ALUMÍNIO — FERRO —



RESERVATÓRIOS
AUTOCLAVES
CALDEIRAS
TANQUES
TACHOS



EQUIPAMENTO P/INDÚSTRIAS

- ★ Química - Farmacêutica
- ★ Gorduras - Sabões
- ★ Perfumarias - Cosméticos
- ★ Têxtil - Tinturarias
- ★ Papel - Papelão
- ★ Conservas - Chocolates
- ★ Carnes - Frigoríficos
- ★ Laticínios - Pasteurizados
- ★ Bebidas - Distilarias
- ★ Plásticos - Borracha
- ★ Tratamento de água

ESCRITÓRIO E FABRICA:
Rua Oliveira Lima, 455
Cambugi

Fone: 35-4995
SÃO PAULO

"BRASTRAF" INDÚSTRIA DE TREFILAÇÃO S. A.

Trefilação de:

Tubos de aço com ou sem costura.

Barras cheias redondas e com todos os perfis.

Arame de aço.

Rua Ibitirama, 1.800
V. Prudente
Enderêço telegráfico
"BRASTRAF"

Enderêço para correspondência
Rua 7 de Abril, 252 — 10.º

Fones: 63-3100
63-3109

SÃO PAULO

KLINIKA OCZNA
NOSA, USZU I GARDŁA

Dr Wolf Ursztajn

dypłomowany w Paryżu i w Brazylii, członek tytularny Brazylijskiego Towarzystwa Oftalmologicznego w Rio de Janeiro.

Recepty do okularów. Operacje i leczenie

Przyjmuje codziennie od 9 do 18, w soboty do 12. Av. São João, 755 1 p. cj. 11, obok kina Metro — Tel.: 34-1909

JEDNODNIÓWKA

California News

Niezależne pismo miesięczne. Ciekawe artykuły i wiadomości ze Stanów Zjednoczonych, głównie z Kalifornii i Arizony.

Prenumerując "Jednodniówkę" nie płacisz w dolarach. Wystarczy, że przysłesz używane znaczki pocztowe z Południowej i Centralnej Ameryki.

Zamówienia należy przysyłać pod adresem:

B. A. Zaremba, 6481 E. Florence ave BELL GARDENS,
Cal. U. S. A.

O REVESTIMENTO PLÁSTICO MAIS VERSÁTIL
DO MUNDO

GENUÍNA CHAPA PLÁSTICA



Mais de cem cores e padrões diferentes.
Não mancha, não queima, não aranha, não acumula poeira.

Fabricada em acabamento brilhante, fôsko e meio fôsko.

COMPANHIA QUÍMICA INDUSTRIAL
DE LAMINADOS

Av. Rio Branco, 57 5.º — fone: 23-9515

RIO DE JANEIRO

Filial: São Paulo, Av. Paulista, 2113
(Conjunto Nacional) Tels.: 32-8312

Indústria Metalúrgica STELLA LTDA.

TUBOS "ELETRODUTOS"

TUBOS TREFILADOS

TUBOS PARA QUALQUER FIM INDUSTRIAL

Escritório: — Rua Conselheiro Crispiniano

N.º 53 — 9.º andar — conj. 93

Telefones: — 35-9189 e 35-9180

SÃO PAULO

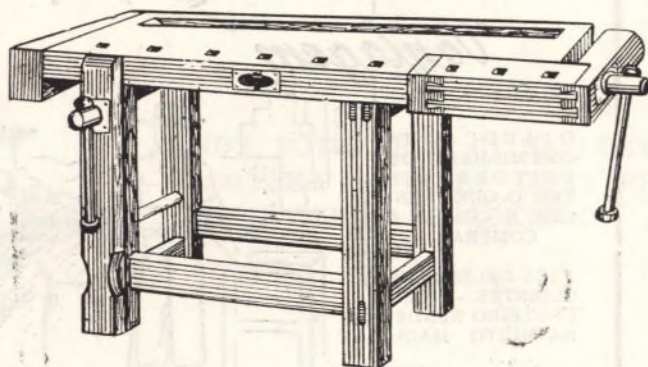
Fábrica — Via Monteiro Lobato, 3097

Guarulhos

INDÚSTRIA DE MADEIRAS



RUA SOUZA LIMA, 200 — TEL.: 52-3942, — SÃO PAULO



Fabrykuje solidne warsztaty dla stolarzy, modelarzy i amatorów jak również dla ślusarzy, jubilerów i t. p.
Posiadamy duży zapas warsztatów gotowych.

PASSAGENS AÉREAS O U MARÍTIMAS A PRAZO

Para qualquer parte do
BRASIL
e do
MUNDO

PELA COMPANHIA DE SUA
PREFERÊNCIA.

Vendas e Informações:

Agência Geral

"TOUR-BRASIL"

Avenida Ipiranga, 1129

Telefones:

37-8671

36-5402

36-1740

**PREPARAMOS A
DOCUMENTAÇÃO.**

Tipografia

ALADA LTDA.

Rua Vitória, 237 Tel.: 35-2994

SÃO PAULO

Druki handlowe wszelkiego
rodzaju

Zaproszenia na śluby

Karty wizytowe .

Stemple

**WYKONANIE SOLIDNE
I TERMINOWE**

SPIG

Sociedade Paulista de Instalações Gerais Ltda.

PROJETOS

INSTALAÇÕES INDUSTRIAIS

ELETRICIDADE

MECÂNICA

HIDRÁULICA

AV. DUQUE DE CAXIAS, 94

FONE: 52-1105 - (Rêde Interna)

End. Telegr.: "SPIGERAL"

São Paulo



TRANSPORTES RODOVIÁRIOS PARA:

**São Paulo
Salvador
Recife**

Av. Guilherme Cotching, 776

Fone: 93-7910 — SÃO PAULO.

KULTURA

Największy na emigracji miesięcznik literacko-kulturalny.

Prenumerata roczna — 9 dol.

Zamówienia przyjmuje:

SEWERYN A. HARTMAN

Cx. Postal 6335 — São Paulo

Wszystkie nowości książkowe Kultury.

LUD

O MAIOR JORNAL
POLONES DA AMERICA
LATINA

FUNDADO EM 1920

**BOA IMPRESSÃO
VASTA DISTRIBUIÇÃO
TRADIÇÃO**

Circulação

É O PRIMEIRO EM
TERRAS DO INTERIOR
PARANENSE!



Penetração

É O PRIMEIRO EM
PENETRAÇÃO NOS
LARES DO INTERIOR!



Vantagem

O "LUD" CONTA
COM MILHARES DE
LEITORES, QUE
TÊM O QUE VENDER
E COM QUE COMPRAR.

FAÇA DELES SEUS
CLIENTES. — SEU
CRUZEIRO RENDERA
MUITO MAIS.



ANUNCIE NO LUD

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: — RUA CABRAL 846
FONE: 4-1057 — CAIXA POSTAL 155 — CURITIBA - PARANA

E FAÇA AGORA SUA ASSINATURA



MESSAGERIES MARITIMES

Folha Polonesa LANÇA UMA GRANDE

EXCURSÃO PARA O NATAL NA POLÔNIA



IDA COM O NAVIO **“CHARLES TELLIER”** SAINDO DE SANTOS EM 26-NOV.-63

VOLTA COM O NAVIO **“LAENEC”** CHEGANDO EM SANTOS EM 6-FEV.-64

PREÇOS MUITO VANTAJOSOS E COM GRANDE FACILIDADE DE PAGAMENTO

INFORMAÇÕES: **Passatours Viagens e Cambio Ltda.**

TELS.: 33-7337 36-1808 37-0944

AVENIDA SÃO LUIZ N.º 104



CZY WIECIE, ŻE ŁOŻYSKA KULKOWE (rolamentos) F. Ł. T. SĄ
POSZUKIWANE PRZEZ FACHOWCÓW TUTEJSZYCH ZARÓWNO
NA TERENIE PÓŁNOCNEJ, JAK I POŁUDNIOWEJ BRAZYLII?

CZY WIECIE, ŻE ŁOŻYSKA KULKOWE F. Ł. T. POLSKA
EKSPORTUJE NA CAŁY ŚWIAT?

GDY POTRZEBNE CI SĄ ŁOŻYSKA KULKOWE KUPUJ TYLKO
ŁOŻYSKA F. Ł. T., GDYŻ PRÓCZ DOBREJ JAKOŚCI SĄ ONE
POCHODZENIA POLSKIEGO.

DO NABYCIA W FIRMACH WYSPECJALIZOWANYCH.

RESIL S.A.

INDÚSTRIA E COMÉRCIO

RUA MARTIM BURCHARD 254

FONES: 93-5050 - 92-2498

**CARCASSAS DE MOLAS DE AÇO
PARA VEÍCULOS MOTORIZADOS**

Insubra

S. A.

A MAIS COMPLETA LINHA DE TÔDAS AS MÁQUINAS PARA SEU ESCRITÓRIO

Distribuidores exclusivos no Brasil das seguintes marcas:

ADLER — máquinas de escrever e de contabilidade

EVEREST — máquinas de escrever e somar, de calcular e de contabilidade

ROTO-CENTO-PRINTO — duplicadores e mimeógrafos a álcool, tinta e processos heliográficos

CITOGRAPH — equipamentos de endereçar e organização

ORMIG — máquinas de racionalização e organização de trabalho

DIEHL — máquinas de calcular superautomáticas

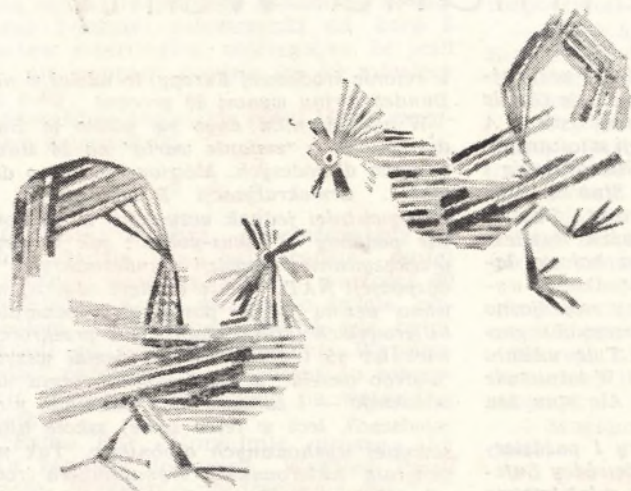
POSTALIA — máquinas para franquiar correspondência e selos fiscais.

São Paulo: — rua Vitória, 302/4, fone: 37-3171

Rio de Janeiro: — Av. Rio Branco, 138, 14.º, fone: 22-6663 e 22-9880

Pôrto Alegre: — Praça Rui Barbosa, 220 Ed. Tannhauser 2.º, fone: 8323

DISTRIBUIDORES AUTORIZADOS NAS OUTRAS CAPITAIS DO PAÍS.



REDADORES RESPONSÁVEIS: Casimiro Kinskowski e Sigismundo Schlegel.

REDATOR CHEFE: Seweryn A. Hartman

DIRETOR ADMINISTRATIVO: Sergio Elia.

REPÓRTER: José Fassina

REVISOR: Adelio Buono

EDITADA: pela Editora Team Ltda.

Redação e Administração: Av. Ipiranga, 1071 - 8.º - S/811/12
Cx. Postal 4530 - Fone: 35-5432 — São Paulo — Brasil.

Assinaturas: Cr\$ 800,00 anuais (12 números). Para os estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul Cr\$ 500,00.

Para o exterior: US \$ 3,00. Número avulso Cr\$ 70,00.

Composto e impresso nas oficinas do jornal "LUD" — Al Cabral, 846 — Curitiba — Paraná.



POLITYKA I RZECZYWISTOŚĆ — POLITYKA I RZECZYWISTOŚĆ — POLITYKA

NIEMCY ZBROJĄ AFRYKĘ

Kiedy kilka lat temu cały świat obie-gła wiadomość, że NRF zakłada bazy wojskowe w Hiszpanii w tajemnicy przed NATO, Stany Zjednoczone i Anglia były nieprzyjemnie zaskoczone. Na pytanie: "poco Niemcy to robią?" "stary pan" nie umiał odpowiedzieć i musiał wycofać się z przedsięwzięcia, któremu prócz niego patronował generalissimus Franco.

Sprawa przycichła, zapomniano o niej. Zdawało się, że "dobrzy, adenauerowi Niemcy" zadowolą się rozwijaniem Bundeswehry na własnym terenie. Ale oto mniej więcej przed rokiem technicy niemieccy zaczęli budować dwie wytwórnie pocisków zdalnie kierowanych w Egipcie. Zupełnie niedawno odbyła się w obecności prez. Nassera skromna uroczystość wypuszczenia pierwszych rakiet z poligonu doświadczalnego w Dolnym Egipcie. Głowice tych pocisków mają być podobno napełnione radioaktywnym ko-baltem 60, a zasięg ich wynosi około 300 kilometrów.

Na początku czerwca b. r. wybuchł nowy skandal polityczno-zbrojeniowy. Jak się okazuje bońskie ministerstwo spraw wojskowych od kilku lat udziela w największej tajemnicy pomocy wojskowej niektórym krajom afrykańskim wysyłając instruktorów Bundeswehry i sprzęt wojskowy. O sprawach tych nie informowano Bundestagu, ani też nie o-mawiano ich na plenarnych posiedze-niach rządu NRF.

Burza rozpuściła się dopiero, gdy mi-nisterstwo obrony zmuszone zostało do opublikowania komunikatu o pomocy wojskowej dla Nigerii i działalności w tym kraju grupy zachodnio-niemieckich techników i instruktorów lotniczych Bundeswehry. Po ukazaniu się tej in-formacji deputowany do Bundestagu z ramienia SPD, H. Kalbitzer, wystosował list otwarty do ministra Współpracy Gos-podarczej, W. Scheela, domagając się

wyjaśnienia celów i rozmiarów tej pomo-cy militarnej, o której nie byli poinfor-mowani posłowie do parlamentu. Scheel odpowiedział, że nie ma z tym nic wspól-nego i że sprawa wynika wyłącznie z inicjatywy ministerstwa Obrony.

Rzecznik rządu NRF von Hase, u-dzielając na konferencji prasowej odpo-wiedzi w sprawie pomocy wojskowej dla krajów afrykańskich przyznał, że z bud-żetu ministerstwa Obrony wyasygnowa-no w r. 1962 50 milionów marek na ten cel, a w r. b. zapreliminowano 109 milio-nów marek. Przyznał również, że poza grupą deputowanych z komisji obrony Bundestagu nikt o tej sprawie nie zo-stał poinformowany, nawet nie wszyscy ministrowie, bowiem: "sprawy o charak-terze militarnym załatwiane są z uwagi na konieczną tajność tylko przez mały krąg zainteresowanych".

Na pytanie ile państw otrzymuje od NRF pomoc wojskową i od kogo wyszła inicjatywa podpisania tego rodzaju u-kładów, von Hase odmówił odpowiedzi. Odwołano również zapowiedzianą kon-ferencję prasową, na której rzecznik ministerstwa Obrony ppłk. Viebig miał złożyć dodatkowe wyjaśnienie o pomocy wojskowej NRF dla krajów afrykań-skich.

Jak doniosła agencja UDN akcję prze-nikania Bundeswehry na kontynent a-frykański zapoczątkował były minister Obrony Strauss, który w tym celu wy-słał do Afryki jednego ze swoich najbar-dziej zaufanych współpracowników, gen. Bundeswehry Becka.

Bezstronny obserwator, przypatrujący się tej niemieckiej robocie, musi sobie zadać pytanie po co się ją wykonuje. Chyba nie z czystej miłości chrześcijań-skiej do biednych "czarnych braci". Jest w tym jakiś głębszy sens, który każe osz-czednym Michałkom wydawać ciężkie miliony na edukację militarną nowopo-

wstałych państw afrykańskich. I mimo woli nasuwa się myśl, czy mamy tu do czynienia z organizowaniem baz wojsko-wych dla przyszłej wojny, w której "ra-sa panów" raz jeszcze pokusi się o pa-nowanie nad światem. A przy tym cóż to za sposobność do prowadzenia w ci-chym ustroniu prób z nową bronią, mo-że nawet termojądrową, bez wzbudzania niepotrzebnych podejrzeń kochanych a-liantów z NATO.

Odwetowcy bońscy sądzą zapewne, że w tej przyszłej wojnie kontynent afry-kański z jego zasobami surowcowymi mo-że mieć znaczenie rozstrzygające. Rozu-miał to dobrze Hitler organizując Afri-kakorps i gdyby Rommlowi udało się wygrać batalię afrykańską kto wie jak potoczyłyby się dalsze losy wojny. Ale Hitler miał za mało czasu na przygo-towanie kampanii. Teraz się to robi bar-dziej systematycznie, bez pudła.

"Der alte Herr" i sztab Bundeswehry nie życzą sobie, aby afera afrykańska nabrała zbyt dużego rozgłosu. Niech przyjaćiół z NATO nie boli przedwcześ-nie głowa. Dość się już namartwili prze-wlekłym konfliktem w Kongo. Na wszy-stko przyjdzie czas. Pasztet z przepió-rek jeszcze się dostatecznie nie przyru-mienił. Na razie czuć tylko jego zapach.

ARAMIS

SPIS RZECZY:

Polityka i rzeczywistość ..	str. 9 - 12
W świecie nauki ..	12 - 13
Przeszłość a teraźniejszość ..	14
Literatura i sztuka ..	15 - 20
Podróże — Przygoda ..	21 - 22
W Brazylii ..	23 - 24
Rzeczy ciekawe ..	25 - 27
W starym kraju ..	27 - 28
Na naszym podwórku ..	29 - 31
Na pograniczu bajki ..	31

Hokus - pokus i "zmiana warty"

Aż trzykrotnie w roku Pańskim 1962 władze Bundesrepublik wykonywały swoisty hokus-pokus z przekazywaniem kolejnych dywizji Bundeswehry "do dyspozycji NATO". 19 maja przekazały stacjonującą w Oldenburgu (Dolna Saksonia) XI dywizję grenadierów pancernych. Była to z kolei dziewiąta dywizja Bundeswehry, która przeszła pod komendę dowódcy sił lądowych NATO na odcinku środkowoeuropejskim. W sześć miesięcy później, bo 10 listopada odbyła się uroczystość przekazania świeżo właśnie zmontowanej VII dywizji pancerniej, która stacjonuje w Unna (koło Dortmundu w Zagłębiu Ruhry). Objął ją dowódca lądowych sił zbrojnych NATO w Europie środkowej jako dziesiąta z kolei. Wreszcie 6 grudnia nastąpiła skromna, ale podniosła uroczystość objęcia władzy przez dowódcę lądowych sił zbrojnych NATO w tejże Europie środkowej nad kolejną jedenastą dywizją Bundeswehry, stacjonującą w Sigmaringen (Badenia - Wirtembergia). Jest to dywizja — oczywiście — jak najbardziej pancerna.

Ostatnią tj. dwunastą dywizję (ostatnią, jeżeli dotychczasowe plany nie ulegną zmianie i stan liczebny Bundeswehry nie zwiększy się do 750 tys. żołnierzy) dowódca lądowych sił zbrojnych w środkowej Europie objął wiosną br.

Ala przecież — powie ktoś — komendę nad wszystkimi tymi dywizjami sprawować będzie generał atlantycki — jeśli już nie Amerykanin, to przynajmniej Anglik, czy choćby "pojedynany" z Bonn generał francuski, wojska zachodnio-niemieckie znajdują się zatem pod twardą kontrolą i ani mowy być nie może, żeby stały się samodzielne i zaczęły "brykać"...

W tym jednak sek, że — niestety — takiej gwarancji wcale nie ma. Dowództwo i kontrolę nad uroczystością przekazywanymi "do dyspozycji NATO" dywizjami Bundeswehry sprawuje od 1957 roku nie kto inny, lecz właśnie sztabowiec hitlerowski — generał Hans Speidel, który już w 1940 roku pracował nad (co prawda swoiście pojętym) dziełem integracji europejskiej, zredagował bowiem w owym roku z ramienia pewnego "męża opatrnościowego" dokument kapitulacji Francji. W nagrodę wyznaczono go trochę później na szefa sztabu wojsk okupacyjnych generała von Stülpnagla w Paryżu. Z tego też zapewne względu atlantycka kwatera doświadczonego w obcowaniu z Francuzami gen. Speidla znajduje się właśnie w stolicy Francji. Gen. Speidel po prostu dobrze zna teren... i wie, jak będzie należało w odpowiednim terminie użyć przekazywanych mu uroczystości dywizji Bundeswehry. Oprócz tego cieszy się wielkim poważaniem u współpracowników atlantyckich jako eks-doradca i opiekun VIII armii Mussoliniego na froncie wschodnim.

Ze względu na taki barwny i wspaniały staż wojskowy gen. Speidla puszczono mu jego przeszłość w niepamięć. Podobnej amnestii moralnej udzielono innemu sztabowcowi hitlerowskiemu, a mianowicie gen. Adolfowi Heusingerowi, któremu przedłużono kadencję przewodniczącego Stałego Komitetu NATO, kończącą się dn. 1 marca 1963 r. na razie o rok czyli do wiosny r. 1964.

Przedtem oczywiście upłynęło jeszcze trochę czasu, a tu już obecnie układ Bundesrepublik do atlantyckich sił zbrojnych jest (powiedzieć by się chciało: niepokojący) nader okazały. Siły lądowe NATO w Europie środkowej składają się z 6 dywizji USA, 3 dywizji brytyjskich (łącznie z 1 brygadą kanadyjską), 2 dywizji holenderskich, 2 dywizji brytyjskich i 1 dywizji duńskiej. Teore-

tycznie powinnyby do nich należeć przynajmniej 2 dywizje francuskie, ale gen. de Gaulle zastrzegł sobie własne nimi dowodzenie. A zatem $6+3+2+2+1=14$ dywizji mieszanych, przy czym dywizje brytyjskie, holenderskie i belgijskie mają stany niepełne. Stan np. brytyjskich nie przekracza 10 procent. Do owych dywizji dochodzi 11 dywizji Bundeswehry, czyli że faktyczna siła bojowa lądowych sił NATO w Europie środkowej wynosi około 25 dywizji. Widzimy więc jasno jak na dioni, że wkład Bundesrepublik stanowi już obecnie 44 procent. Tyle udziału w siłach lądowych. A w innych? W lotnictwie — na razie tylko 30 procent. Ale stan ten się zmieni "na lepsze"...

Generał-major Panitzki, który 1 października objął funkcję naczelnego dowódcy Luftwaffe, oświadczył w Bonn, że ministerstwo obrony postanowiło wyposażać swoje lotnictwo do roku 1965 w 700 supernowoczesnych maszyn amerykańskich typu "Starfighter". Maszyny te na życzenie Straussa uległy specjalnej przebudowie. Niemiecki "Starfighter" jest samolotem przystosowanym do przenoszenia bomb atomowych, a dysponuje szybkością nowoczesnego myśliwca.

Gen. Panitzki dodał jeszcze, że realizacja tzw. europejskiego programu budowy "Starfighterów", w której obok zachodni Niemiec — uczestniczą również belgijskie, włoskie i holenderskie firmy zbrojeniowe, "znajduje się w pełnym toku". Na razie Luftwaffe rozporządza — oczywiście, oprócz wszelkich innych — dwoma dywizjami "Starfighterów". Jeden z nich stacjonuje w Nörvenich, a drugi w Büchel.

Jeśli chodzi o morskie siły zbrojne NATO

w rejonie środkowej Europy, to udział w nich Bundesmariny wynosi 80 procent.

W październiku dużo się pisało w Bundesrepublik o "zmianie warty" na 26 stanowiskach dowódczych. Mówiono nawet o dalszej... demokratyzacji Bundeswehry. W rzeczywistości jednak uczyniono w tej sprawie podobny "hokus-pokus", jak z owym przekazywaniem dywizji Bundeswehry "do dyspozycji NATO". Oto bowiem zdymisjonowano pewną liczbę postawiających generatorów hitlerowskich, którzy dobrze już przekroczyli wiek lat 65 i doczekali się niemal wszyscy "złotego wesela" w służbie militarystyki niemieckiej — i zamiast nich powołano nieco młodszych, lecz w tejże samej szkole hitlerowskiej wychowanych osobników. Tak np. generała hitlerowskiego Kamhubera (rocznik 1896) zastąpił gen. Panitzki — eks-podpułkownik w sztabie Göringa, znany z nalołów na Polskę, a dowódcą V okręgu wojskowego zamiast gen. Reinhardta został gen. Lehrer — eks-pułkownik hitlerowskiego sztabu generalnego. A zatem nie tylko do dalszej, lecz choćby i do wstępnej demokratyzacji od tej "zmiany warty" jest jeszcze bardzo daleko.

Jeśli do tego dodamy, że w całości sił zbrojnych NATO Bundesrepublik zajęła w 1962 r. drugie miejsce (po Stanach Zjednoczonych) pod względem wkładu finansowego, liczebności dywizji oraz liczby oficerów w sztabach kierowniczych i poszczególnych dowództwach atlantyckich — otrzymamy pełnię obrazu. A wtedy łatwo sobie wyobrazić, jaka ma być rola NRF w Europie w latach najbliższych.

ALEKSANDER PŁACZKOWSKI

REFLEKTOREM PO ŚWIECIE

Artur Mac Cartan był zawodowym złodziejem. W ciągu 45 lat swojego interesującego żywota 17 razy odwiedził więzienia. Najbardziej polubił więzienie Paterhead w Szkocji: posiadało ono doskonałą bibliotekę.

Wziął się do studiowania dzieł traktujących o matematyce. M. in. natrafił na książkę profesora Uniwersytetu w Harvard, zawierającą obliczenia astronomiczne.

— Przecież to osioł... — burknął przeliczywszy odległość do jednej z gwiazd, którą pan profesor określił na 6 milionów lat.

"Odległość wynosi nie 6 milionów, ale 134 miliony lat", napisał do profesora.

"Dear Sir, ma pan rację", — odpisał profesor. "Poleciłbym już poprawić tę przykrą pomyłkę".

Takie i tym podobne błędy znalazł Artur w Encyklopedii Nelsona, w słowniku Webstera i innych uczonych dziełach.

Ostatnio, po wyjściu z więzienia, magistrat miasta Glasgow ofiarował mu posadę dozorcę jednej z toalet miejskich. Pośród miłych zapachów, Artur Mac Cartan, siedzi i liczy. Noszę się z myślą wysłania do niego listu. Podam w nim moje zarobki, ceny produktów spożywczych w Brazylii i poproszę o wyliczenie jak mam związać koniec z końcem.

W matematyce byłem słaby przez całe życie. Jeśli rozwiąże zadanie uznaję Artura Mac Cartana za —geniusza.

* * *

Uroczą żonę Prezydenta Stanów Zjednoczonych, Jacqueline Kennedy, otrzy-

muje przeciętnie tygodniowo 2.000 listów. Powinśzować urodzinowych dostała 30 000. Znaczna część tej korespondencji pochodzi od dzieci. Oto kilka przykładów:

"Droga Mrs. Kennedy,

Czy nie mogłaby mi pani poradzić gdzie mogę dostać pracę? Pragnę zarobić trochę pieniędzy aby kupić sobie konia. Ja myślę, że pani jest naprawdę śliczna! Mam 12 lat i czekam na odpowiedź".

"Droga Mrs. Kennedy,

Mam 6 lat i bardzo lubię żeby w pokoju było ładnie. Proszę żeby mi pani przysłała fotografię pokoiów w Białym Domu. Załączam 1 dolara, który można użyć na upiększenie pani mieszkania".

W odpowiedzi na wiadomość o chorobie Jacqueline Kennedy wysłała list do małej dziewczynki znajdującej się w szpitalu. Matka jej odpisała:

"Nigdy nie zapomnę błasku w oczach Jenny, kiedy czytała list Pani. Sprawili on cud. Czuje się już znacznie lepiej. Niech Bóg Panią błogosławi".

Po latach piwnicznego zimna, serce bije w Białym Domu.

* * *

W Liverpoolu, pewne małżeństwo, udając się na zasłużony "week-end" zostawiło kota bez dozoru. Za ten zbrodniczy czyn sędzia skazał nieszcześliwych właścicieli, na karę 10 funtów szterlingów. Nie pomogło tłumaczenie, że kot miał pozostawioną balię mleka do dyspozycji. Kosztą rozprawy wyniosły 12 funtów

szt. które tak samo musieli zapłacić skazancy.

W tym samym Liverpoolu ten sam sędzia skazał 16-letniego łobuza za zgwałcenie 7-letniej dziewczynki na karę 5 funtów szterlingów, ostrzegając, że jeśli się nie poprawi pójdzie na 12 miesięcy do kozy.

Szczęśliwe angielskie koty! Mniej szczęśliwe dziewczynki.

* * *

Osobiste: Piekarz przejeżdżający co rano, kładzie na balustradzie mojej skromnej werandy, chleb wartości 60 krzyżów. Kiedy wczoraj o świcie, poszedłem na werandę chleba nie było. Ukraść go nieznany złodziej. Wypiłem "bose" cafézinho i poszedłem do roboty. Dziś wieczorem położyłem na werandzie kartkę:

"Exmo. Snr. Uprzejmie proszę aby pan zapukał do drzwi. Wyniosę Panu masło. Serdeczne pozdrowienia itd."

Grzeczność nigdy nikomu nie zaszkodziła.

* * *

Po rozwodzie ze swoim pierwszym mężem Michaeliem Wildingiem, znanym aktorem filmowym, Suzan Wilding wychodziła za mąż trzy razy. Wszyscy jej mężowie byli milionerami. Obecnie, w wywiadzie udzielonym dziennikarce S. Barnes, notliwa Zuzanna, — primo voto — Wilding, stwierdziła, że nigdy w życiu nie spotkała bogatego człowieka, który byłby szczęśliwy. Jej mężowie żyli w ciągłym strachu, że spotka ich niepowodzenie albo nieprzewidziana katastrofa, oblewali się żółcią na wspomnienie konkurentów; czytanie sprawozdań giełdowych wywoływało u nich gorączkę.

Muszę przyznać trochę racji tak doświadczonej osobie.

W zamierzonych, rzec można przedhistorycznych czasach nie byłem wprawdzie milionerem, ale odziedziczyłem pokazy spadek. Był i piękny majątek, były i domy w miastach, były i dwa doskonałe samochody, był nieelichy rachunek w banku. Może i nie byłem za bardzo szczęśliwy. Dziś, nie mam się o co kłopotać.

Medytując nad filozofią Suzan Wilding doszedłem do wniosku, że lepiej być nieszczęśliwym z milionami, aniżeli szczęśliwym z dwoma "kontami" do pierwszego. Słowa te piszę 15-go i wzdycham patrząc na kalendarz.

* * *

Murzyn południowo-afrykański, Mam-bui, udał się do Francistoun, gdzie w oczach policjanta rozbił szybę wystawową w sklepie na głównej ulicy, i zaczął spokojnie ładować do kieszeni zegarki.

Kiedy go aresztowano był zdumiony. — Nasz doktor — czarodziej, — oświadczył policjantom, — dał mi zastrzyk przeciw aresztowaniu.

Szczepionka nie podziałała.

Nie wiem dlaczego ten Mam-bui przypomniał mi mego serdecznego przyjaciela, pułkownika Lecewicza, dowódcę pułku Strzelców Konnych z Płocka.

Przejeżdżając do Warszawy, zatrzymałem się czasami w mieszkaniu mojego kolegi szkolnego Janka Fruzińskiego na Polnej 32.

Zjawiał się tu także pułk. Lecewicz. Pułkownik nie uznawał teatrów ani kin. Chodził do cyrku, ale przeważnie siedział na Polnej przy telefonie. Z książki telefonicznej wylął co ciekawsze

typki i telefonował. Stał jego ofiarą był znany jasnovidz Szyller — Szkolnik.

— Ja w sprawie końca świata... — rozpoczął rozmowę.

— Złam kark!... — odpowiadał pan Szyller-Szkolnik.

Żadne niepowodzenia nie zrażały Lecewicza.

— Czy pan Czosnek? — zapytywał następną ofiarę. — Tu mówi Kielbasa; ogromnie mi pana brakuje.

— Dobry wieczór panie Frendzel — witał się uprzejmie z właścicielem składu z ulicy Żelaznej, — czy przyszył się pan już do kanapy?

— Uważaj pan, bo się pan wyleje, panie Kube! — ostrzegał troskliwie znane kupca z ul. Gęsiej.

Którejś niedzieli, ćwicząc konia w "sztucznej jeździe", spadł i złamał sobie obojczyk.

— Mogłem skrócić kark... — powiedział.

Po tym wypadku skreślił ze swojej listy Szyllera-Szkolnika.

* * *

Nowy Jork, East 64 Street. Pani Mary Boyle podarowała swojemu wiernemu słuzącemu, bilet na Irlandzkie Derby. Kiedy pierwszy przyszedł do mety t. zw. "fuks" i na bilet padła wygrana 140.000 dolarów, pani Mary zażądała zwrotu biletu, twierdząc że dała go słuzącemu tylko "na przechowanie". Wynikła gorąca sprzeczka podczas której zniechęcony do swojej chlebodawczyni słuzący, poszedł do łazienki, wrzucił bilet tam gdzie powinien wrzucić, i spuścił wodę.

Gdyby przy tym wypadku był obecny mój sąsiad, Byk-boy, o którym wspominałem w Reflektorze (Nr. 30 Przeglądu Polskiego) — nie ulega najmniejszej wątpliwości, że dałby nurka do rury kanalizacyjnej.

* * *

Syn milionera, właściciela kopalni miedzi i diamentów, kilku firm przemysłowych i fabryk, jedyny spadkobierca wielkiej fortuny, Peter Picton, stał się tematem pomrukiwań w klubach londyńskich i salonach wyższej "Society".

Peter, opuścił majątek ziemski, darowany przez ojca, nie oglądał się nawet za sześćdziesięciopokojowym pałacem, i dołączył do wędrownego — cyrku. Powierzono mu rolę — błazna. Peter tak dobrze wywiązywał się z zadania, tak umiejętnie potrafił bawić dzieci, że szybko awansował. Wkrótce zaangażował go słynny cyrk Bertrand'a Mills'a gdzie został członkiem zespołu niedoścignionych braci Rosellini.

Papa Picton, żdziwiony nieco postępkami jedynaka, wezwał go do Londynu.

— Peter, co ty właściwie wyprawiasz? — zapytał go nalewając do kieliszków szampana. — Mówią, że występujesz w cyrku, że masz zamiar się ożenić z woltyżerką na trapezie, Miss Gillian. Jeśli jest naprawdę ładna, nic nie mam przeciw twojemu małżeństwu. Zeń się, zabieraj żonę i jedź do swojego majątku. Trapez możesz kazać zbudować na trawniku obok basenu pływackiego, a w niedalekiej przyszłości będziesz mógł bawić sztucznym nosem i grymasami własne dzieci.

— Drogi ojczu, — odpowiedział Peter, — posyłałeś mnie do moich tego świata, do wszystkich wiedzących lepiej, — nadętych dyrektorów; na twoich przyjęciach spotkałem polityków, finansistów, nowobogackich; patrzyłem na nadęte

wielkości, na ludzi którzy uważają, że poza ich dyktandem, nie ma miejsca na inne zdanie; którzy wyobrażają sobie, że posiadli, — wraz z pieniędzem — wszystkie mądrości. Otóż, stwierdziłem drogi ojczu, że obrałem się pośród gromady marnych — błaznów. Jestem nim obecnie i czuję się znakomicie w swojej roli. Majątek możesz sprzedać, służbę rozpuścić i nie myśleć o pomocy finansowej dla mnie. Moja pensja pokrywa wszystkie wydatki.

Peter Picton jeździ w chwili obecnej wraz ze swoim cyrkiem po Szwecji.

Patrząc na jego fotografię, ("TO-DAY" 6-VI-63) — zamyśliłem się głęboko.

* * *

Tegoroczną nagrodę literacką "Wiadomości" za najlepszą książkę przyznano niejakiemu W. Gombrowiczowi. Za przyznaniem mu nagrody głosowało pięciu członków "jury" — których nazwisk nie wymieniam, nie chcąc im robić przykrości; — przeciwko przyznaniu podniosły się ręce tak świetnych pisarzy jak Zygmunt Nowakowski, Wacław Grubiński i gen. Marian Kukiel.

Miałem sen o spadzie, o pióropuszu, o skrzydłach geniusza: wydawało mi się, że jestem Gombrowiczem. Oto jadę przepelnionym autobusem. Pepek wpija się w mój pepek. Czego on chce?! Jak śmie! Pepek brucha w pepek świata! Ktoś poza mną odetchnął głęboko. Poczulem, że jego zegarek odgnęła mi nerkę. Zegarek staroświecki, sarmacki, uratowany. Nie zabrali go Moskale?

A przecież w kieszeni mam telegram. Grydz! Grydzem go przez lata, "Wstyd panie Grydzewski!" A tu telegram. I sto funkców na omastę. Cha, cha, cha!... Ja: hau, hau, a oni głaszczą. Nastraszyli się. Nareszcie! Wsiadę i otelegrafuję: "Ja nie wiem jaka to nagroda". Tyle ich jest, tyle ich mam, że — nie wiem. Słowo, daje!"

Oto i mój przystanek. Coca-Cola. Fabryka. Jestem tu szefem reklamy. Dla szynela, panie, dla szynela! Siadam i piszę:

"Pijcie Gombrowicza!!!"

A potem, Paryż, Berlin, Barcelona. Napoleon — szczeniak. Bach — cymbalista. Rabalais — grafoman. Gombrowicz!!!

Coca-Cola.

Punkt. Kropka. I wielka literatura.

* * *

Na pograniczu włosko-szwajcarskim, we wsi Cascina Amato, żyje Don Cennaro Aurora, o którym mówią że posiada nadprzyrodzone zdolności lecznicze. Tłumy wala do wioski, miejscowy bar robi kokosy. Nadprzyrodzona kuracja polega na tańcu. Tysiące ludzi tańczy na wiejskiej murawie, na uliczkach wioski, przed szkołą i na cmentarzu. Cancan — mucha, twist — komar, rock and roll — dziecinne wygibasy. W Cascina Amata dziewczęta podczas tańca rwą na sobie suknie, młodzieńcy gubią spodnie, starcy tańczą na czworakach.

Niedawno zjawili się w wiosce silne oddziały policji dla rozpędzenia całego sanatorium. — Idźcie precz! — krzyczano — Jesteśmy uleczeni!

XX wiek.

Psia krew, że ja muszę chodzić o lasce! Gdyby nie to, postarałbym się napisać "Supra-Pornografie". "Ferdy-rure w barszczu", "Dziennik Nad-filozofa", dostałbym zapewne nagrodę "Wiadomości" i pognął do Cascina Amata.

Tą laską mogę najwyżej dać przez łeb, prof. Taylorowi, który nas obsmarowuje w swojej historii. O tańcu nie ma mowy.

Henryk Przyborski

W roku 1889 angielski archeolog Artur Evans udał się na Kretę i odkrył w Knossos ruiny pałacu legendarnego króla Minosa, pałacu, który z racji zawilego rozkładu swoich komnat i korytarzy przypuszczalnie obrazował się w folklorze greckim w labirynt Minotaura. Kulturę Krety znano do tej chwili jedynie tylko z lakonicznych wzmianek Homera, Tukidydesa i innych pisarzy greckich, a przede wszystkim z legend o Ikarze i Tezeuszu.

Evans poświęcił czterdzieści lat swego życia i odziedziczony po ojcu majątek wykopaliskom kretańskim. Kopał, interpretował znaleziska, rekonstruował historię Krety na podstawie stratygrafii i odbudowywał niektóre części pałacu, co zresztą spotkało się z żywą krytyką wielu innych archeologów. Wszystko, co dzisiaj wiemy o tak zwanej "minojskiej kulturze", która w drugim tysiącleciu przed naszą erą rozwinęła się jak kwiat egzotyczny na Krecie i około 1400 roku p.n.e. uległa zagładzie na skutek najazdu Achałów mykeńskich — zawdzięczamy prawie wyłącznie uporczywej pracy tego wielkiego archeologa.

Evans wybudował sobie na Krecie willę i z latami przyzwyczaił się traktować wyspę jak swoje własne podwórko. Do dziś dnia krąży tam rozmaite zabawne anegdoty na temat jego apodyktyczności. Pewnego razu, gdy miał już 80 lat, przejeżdżał w samochodzie przez Heraklejon i ku swemu oburzeniu spostrzegł, że robotnicy rozbierają zabytkowy dom z okresu panowania Wenecji na Krecie. Wyskokzył natychmiast z samochodu i rycząc jak lew rozpędził robotników laską, a potem wezwał do siebie burmistrza i złał go ostro, że pozwala burzyć zabytek, z którego miasto powinno być dumne. Prace robotnicze oczywiście wstrzymano bez zwłoki. Evans zmarł w roku 1941 przeżywszy 90 lat. Na szczęście los oszczędził mu tej strasznej chwili, kiedy spadochroniarze hitlerowcy zagarnęli jego ukochaną wyspę; osobliwie nie do zniesienia byłaby dlań wiadomość, że komendant wojsk okupacyjnych eksploatuje ruiny wykopaliskowe, by uzyskać kamień do robot "fortyfikacyjnych".

O kulturze kretańskiej nie ma potrzeby się rozpisywać.

Pałac Minosa przez swą lekką architekturę przypominający budowle Renesansu oraz malowidła ściennie, w których artyści kretańscy wyczarowali urodę swoich czasów, wcieloną w kolorowych orszakach pięściarzy, zapasników, ekwilibrystów, tancerzy, kapłanek, brodzących w liliach królewiczów i wydekoltowanych dam dworskich w kunsztownych fryzurach i bufiastych spódnicach — to świat jakby z bajki wyjęty, świat pełen szczęśliwości i słońca. Gdy leży on pod własnymi gruzami, pamięć o jego splendorach długo jeszcze była żywa w folklorze greckim, toteż nie jest może pozbawiona podstaw teorii niektórych uczonych, że Platon, opisując cuda Atlantydę, z tych właśnie podań ludowych obficie korzystał.

Po śmierci Evansa oczywiście nie zaprzestano prac wykopaliskowych na Krecie. Nowe pokolenie archeologów gromadzi nowe znaleziska i nowe przyczynki, dokłada cegiełkę za cegiełką do przyszłego syntetycznego obrazu kultury minojskiej. Już obecnie ukazują się książki, które próbują zbilansować to, co dotąd zrobiono. W bieżącym roku pojawiło się np. bardzo interesujące dzieło, pióra najbliższego współpracownika Evansa R. W. Hutchinsona pod tytułem: "Prehistoric Crete (Harmondsworth, Middlesex, 1962)". Możemy dowiedzieć się z niego wielu interesujących szczegółów o życiu Krety minojskiej, o instalacji wodociągowej w pałacach, ustroju politycznym, ekonomice, rolnictwie itd. — słowem o wszystkim, co dotąd udało się wydedukować z wykopalisk. Jest to właściwie encyklopedia obrazująca drobniutko historię, obyczaje i religię, encyklopedia tak za-



W ŚWIECIE NAUKI — W ŚWIECIE NAUKI —

NOWINY Z KRAJU MINOSA

sobna w rozmaite realia, że aż prosi się, by któryś z pisarzy z niej skorzystał i stworzył powieść historyczną o tym egzotycznym narodzie wyspiarzy.

Druga książka zasługująca na uwagę mniej jest dostępna dla przeciętnego czytelnika. Jej temat to dramatyczna historia rozszyfrowania pisma kretańskiego, oznaczonego przez naukę "pismem linearnym B". Tę obszerną pracę napisał John Chadwick, najbliższy współpracownik i przyjaciel człowieka, który to pismo odczytał — Michała Ventrisa. (*The Decipherment of Linear B, Harmondsworth, Middlesex, 1961*). Jakkolwiek z natury rzeczy nie sposób przedstawić tu metody, za pomocą której Ventris dokonał dzieła odcyfrowania pisma, to jednak pewne aspekty tego zagadnienia mogą nas laików zainteresować.

W ruinach Knossos i innych miejscowości kretańskich Evans znalazł tabliczki gliniane z nieznanym pismem. Odróżnił w tym piśmie trzy fazy rozwojowe: pismo obrazkowe, nazwane "hieroglifami kretańskimi", pismo linearne "A" i pismo linearne "B". Rozszyfrowanie dwóch pierwszych typów pisma nie wchodziło na razie w rachubę, gdyż znaleziony materiał zabytkowy był nader szczupły, natomiast pismo linearne B występuje na czterech tysiącach tabliczek glinianych. Był to więc dostatecznie obfity materiał do badań kryptograficznych.

Evans poświęcił czterdzieści lat pracy rozszyfrowaniu pisma B i największym rozczarowaniem jego życia było, że mu się to nie udało. Jakże były powody tego niepowodzenia? Przede wszystkim pismo kretańskie daleko trudniej rozszyfrować niż hieroglify czy znaki klinowe. W dwóch ostatnich wypadkach nauka dysponowała napisami dwu- lub trójjęzycznymi. Champolion miał do dyspozycji słynną tablicę z Rosetty z tekstem egipskim i równoległym przekładem greckim, poznał nawet z grubsza język egipski posługując się bardzo pokrewnym językiem koptyjskim. Pozostało mu więc tylko odczytanie poszczególnych hieroglifów. A jednak nadludzka praca, jaką włożył ten genialny człowiek w postawione sobie zadanie, podkopała jego zdrowie i przyczyniła się do jego przedwczesnej śmierci.

Istnieje jednak przykład niejako odwrotny. Polega on na tym, że odczytujemy pismo, nie rozumiemy jednak jego treści. Fonetyczne brzmienie poszczególnych słów jest dla nas pustym dźwiękiem. Chodzi tu o Etrusków, którzy posługiwali się alfabetem greckim, a których język stanowi jedną z największych tajemnic historii.

Trzecia możliwość dotyczy właśnie pisma linearnego B. Tutaj uczeni mieli do czynienia z kwintesencją wszelkich trudności, gdyż wielką niewiadomą był zarówno język, jak i też zespół znaków graficznych. Chcąc przystąpić do problemu rozszyfrowania tego egzotycznego pisma, należało nasamprzód założyć teoretycznie, z jakim językiem ma się do czynienia, a to znowu zahaczało o skomplikowane problemy chronologii kretańskiej. I tu właśnie Evansa zawiodła napróżd intuicja, a później wprowadziła w błąd zbyt mała elastyczność w rozumowaniu.

Wychodząc z założenia, że mieszkańcy przedhistorycznej Krety pochodzili z Anatolii i że posługiwali się pismem linearnym B jeszcze przed inwazją Greków mykeńskich,

Evans twierdził stanowczo, że rozwiązanie problemu należy szukać w jakimś języku Wschodu. Do tego poglądu skłania go zresztą również fakt, że tabliczki z pismem B znaleziono wyłącznie na Krecie, natomiast nie znaleziono ich w greckich Mykenach. (W r. 1952 argument ten upadł, gdy w jednym z domów mykeńskich znaleziono 50 tabliczek z tym pismem).

Evans, człowiek zresztą bardzo wybitny, miał jednak skłonność do narzucania swoich poglądów innym. Gdy jeden z angielskich archeologów odważył się wyrazić przypuszczenie, że w piśmie B kryje się może archaiczny język grecki Achałów, został ekskomunikowany w ten sposób, że na zawsze zamknięto mu wstęp do wykopalisk kretańskich. Sugestia starego tygrysa archeologii ciążyła przez długi okres czasu i wydatnie odroczyła chwilę rozszyfrowania pisma linearnego B. Uczeń i współpracownik Evansa John Pedlebury stał się rzecznikiem tej szkoły, gdy kiedyś powiedział: "Jaki był język minojski, trudno obecnie coś powiedzieć, z wyjątkiem tego, że nie był to język grecki".

Szereg uczonych, jak Czech Hrozny (który odczytał język hetycki), Anglik Gordon, Szwed Person i Bułgar Georgiew, znalazło się z tego powodu na manowcach, sądząc, że językiem pisma linearnego B jest bądź to język hetycki, bądź staroindyjski, bądź też jakiś zbliżony do baskijskiego. Nie sposób nawet ocenić ile pracy i cennego czasu poszło w ten sposób na marne. Taka oto jest historia pomyłek ludzkich.

W roku 1952 wystąpił w radio zgola nieznaną osobę nazwiskiem Michał Ventris i z całą pewnością siebie oświadczył, że wyjaśni tajemnicę pisma linearnego B. Pracując nad fonetycznymi wartościami poszczególnych znaków, zauważył ze zdumieniem, że zgłoski i całe słowa mają brzmienie przypominające archaiczną grekę. Doszedł zatem do przekonania, że pismo linearne B stworzyli sobie Grecy po opanowaniu Krety, przystosowując do swoich potrzeb językowych pismo linearne A, otrzymane w spadku po ujarzmionych Kretańczykach. Nie dosyć na tym — nieznaną prelegent utrzymywał ponadto, że zdołał już odczytać treść wielu napisów kretańskich.

Można wyobrazić sobie poruszenie wśród uczonych, którzy od lat biedzili się nad tym problemem bezskutecznie. Zuchwałe wynurzenia dyletanta przyjmowano zrazu z drwiną, ale Ventris nie dał się zbić z tropu. Rozsyłał do uczonych całego świata memoranda i ankiety, w końcu wywalczył sobie nawet dostęp do poważnych pism naukowych. Powoli przekonali się do niego bardziej obojętni specjaliści, między innymi również John Chadwick, autor poprzednio wymienionej książki. Jeden ze szwedzkich archeologów powiedział o rewelacyjnym artykule Ventrisa, że była to "bomba wrzucona do jego skrzynki listowej".

Kim była ta nowa wschodząca gwiazda na horyzoncie nauki? Michał Ventris urodził się w roku 1922. Ojciec jego był oficerem armii brytyjskiej stacjonowanej w Indiach; matkę jego, kobietę piękną, inteligentną, o żywych inklinacjach artystycznych, Chadwick nazywał "pół-Polką", nie precyzując, czy była redaczką naszą po kądzieli czy po mieczu. W każdym razie w domu rodzinnym musiała być dość silna tradycja polska, skoro Ven-

tris już od dzieciństwa mówił płynnie po polsku.

Mały Michaś, bo zapewne tak nazywała go matka, otrzymał wykształcenie kosmopolityczne, gdyż do szkoły chodził w Szwajcarii, a później studiował w Anglii architekturę. Podczas wojny wstąpił do lotnictwa i brał udział w bombardowaniu Niemiec hitlerowskich.

W roku 1936, gdy miał czternaście lat, odwiedził w Londynie wystawę wykopalisk z Knossos i pozostał na odczynie Artura Evansa o zapomnianej kulturze minojskiej i tajemniczym piśmie kretańskim. Wrażenie było tak ogromne, że poprzysiął sobie wówczas, iż poświęci wszystkie siły rozszyfrowaniu tego pisma. Jednakże dopiero po wojnie mógł przystąpić do urzeczywistnienia młodzieńczego marzenia. Wysiłki jego, jak to już wspomnieliśmy, zostały uwieńczone powodzeniem w roku 1952. Niestety w roku 1956 Ventris zginął tragicznie w katastrofie samochodowej. Przed śmiercią zdążył jednak poznać smak powodzenia, gdyż w ostatnich latach jego krótkiego życia posypały się nań honorowe doktoraty i dyplomy instytucji naukowych całego świata.

W relacji przyjaciół Ventris był człowiekiem błyskotliwym, wesołym, skromnym i obdarzonym wielkim urokiem osobistym. Cechowała go ponadto niesłychana pracowitość, zdolność do koncentracji umysłowej, akuracja, fotograficzna pamięć wzrokowa i łatwość asocjacji, a więc cechy, które pomogły mu w rozszyfrowaniu pisma linearnego B. Była to praca, jak świadczą pozostawione przezeń tysiące karteczek z notatkami i kalkulacjami, wręcz gigantyczna. Ventris spędzał chyba dnie i noce, mrozając się nad każdym znakiem z osobna i jego przypuszczalną wartością fonetyczną. Zastosował on przy tym wypróbowaną w wywiadach metodę rozpoznawania tajnych szyfrów, polegającą na obliczaniu częstotliwości występujących znaków graficznych i wykrywaniu w konsekwencji ich funkcji w kontekście językowym. Jest rzeczą fascynującą śledzić Ventrisa, jak krok w krok penetruje arkana tekstu wymuszając z poszczególnych znaków graficznych ich fonetyczną tajemnicę. Nie sposób oczywiście na tym miejscu wdawać się w szczegóły tej niezmiernie skomplikowanej sprawy, dość powiedzieć, że to, czego dokonał Ventris, pasuje go niewątpliwie na człowieka genialnego.

Teksty odczytanych tabliczek glinianych raczej sprawiły uczonym rozczarowanie. Są to bowiem wyłącznie spisy martwego i żywego inwentarza, związanego z gospodarką pałacu królewskiego. Nie ma wśród nich ani jednej tabliczki, która by podobnie jak tabliczki Mezopotamii dorzuciła jakąś informa-



Fragment pałacu w Knossos, odbudowany przez Evansa

JAK ZBUDOWANY JEST KSIĘŻYC

Na podstawie obserwacji można przypuszczać, że materia powierzchni księżycowej pochodzi z trzech źródeł: z meteorytów i gazów pochodzenia kosmicznego; z minerałów i skał pochodzenia księżycowego oraz z materiału tworzącego się przy zderzeniach ciał kosmicznych z powierzchnią Księżyca. Takim zderzeniom towarzyszyły wybuchy, rozpad i stapianie substancji pochodzenia kosmicznego czy meteorytowego oraz tworzenie się żużla. Na powierzchni powstawały ogniska bardzo wysokich ciśnień, mogły się więc tworzyć diamenty i inne niezwykle minerały.

Uczni amerykańscy są zwolennikami kosmicznego pochodzenia powierzchni Księżyca, są zdania, że procesy wulkaniczne prawie nie uczestniczyły w jej formowaniu. Według uczonych radzieckich hipotezy co do pyłastej czy meteorytowej, czy lodowo-kometarnej,

cię z zakresu ustroju, mitologii czy historii Krety w epoce mykeńskiej. Pomimo to można z nich wysnuć szereg ciekawych wniosków o stosunkach społecznych i politycznych, jakie naówczas panowały. Społeczeństwo, na którego czele stał król z drużyną swoich wojowników, dzieliło się na właścicieli ziemskich, kupców, rzemieślników i niewolników obojga płci. Jedną z tabliczek wymienia na przykład sześciuset niewolników oraz nazwisko ich właścicieli. Żyjąca w bogactwie arystokracja i nadmiernie rozbudowana biurokracja — to przypuszczalnie powód, dlaczego w ostatnim okresie wstrząsały Kretą rewolucje.

Mamy prawo zapytać, jaki jest stan badań nad pismem linearnym A, pismem o tyle ciekawszym, że kryje w sobie rozwiązanie tajemnicy autochtonicznego ludu Krety, twórcy kultury minojskiej. Ponieważ pisma A i B są blisko ze sobą spokrewnione, uczeni mają ułatwione zadanie, gdyż mogą wartości fonetyczne odkryte przez Ventrisa zastosować do podobnych znaków pisma A. Jednakże mimo powodzi rozpraw naukowych, które ukazały się w ostatnich latach, nie zdołano rozszyfrować dotąd treści nielicznych zresztą tekstów typu A, gdyż nie wiadomo, jakim językiem mówili Kretańczycy. Obecnie uczeni przychylają się raczej do zdania, że chodzi tu o język spokrewniony z hecyckim.

Na zakończenie ciekawostka. W ruinach pałacu w kretańskiej miejscowości Faistos znaleziono dysk ze znakami obrazkowymi, uszeregowanymi spiralnie od brzegu ku środkowi. Jest to stare pismo hieroglificzne liczące 42 znaki graficzne. Przy jego badaniu wyszła na jaw sprawa bardzo frapująca: poszczególne znaki były wyciśnięte odpowiednimi sztancami. Ponieważ trudno przypuszczać, by sztance te były sporządzone wyłącznie tylko celem wytłoczenia jednorazowego tekstu na dysku, dochodzimy do zgola nieoczekiwanego wniosku, że Kretańczycy już w XV wieku przed naszą erą wpadli na pomysł techniki powielania, będącej niejako antycypacją druku.

ZENON KOSIDOWSKI
("Przegląd Kulturalny")

czy wreszcie żużlowej powierzchni Księżyca nie zgadzają się z faktami. Tereny Księżyca obserwowane w świetle widzialnym wydają się jednostajne, ale na zdjęciach zrobionych w podczerwieni, a uzyskanych niedawno przez astrofizyka H. T. Kuprewicza w obserwatorium w Pułkowie okazały się niezwykle złożone. Powierzchnia meteorytowa, zasypa- na żużlem czy pokryta pyłem, nie byłaby tak różnorodna, wyraźnie plamista, a taką w istocie prezentuje Księżyc.

Wiadomo, że główną siłą napędową procesów wulkanicznych są gazy i para wodna. W niektórych lawach kwaśnych i szklawach wulkanicznych ziemi znajdujemy liczne pecherzyki wodne i gazowe o zawartości 1 - 3 proc. wody. Na powierzchni Księżyca pecherzykowych law powinno być jeszcze więcej.

Jest możliwe, że ogniska działalności wulkanicznej dotychczas nie wygasły. W dn. 3 listopada 1958 roku N. A. Kozyrow przy udziale W. I. Jezierskiego otrzymał unikalny spektrogram, który ujawnił krótkotrwały wpływ gazowych strumieni (związki węgla) z centralnego wierzchołka krateru Alfonsa.

Badanie rzeźby księżycowych "mórz" ujawniło ogólną prawidłowość rozwoju wnętrza i powierzchniowych zapadłisk Księżyca. Każde większe zapadlisko — morze księżycowe — podobne jest do trybun stadionu, do amfiteatru z koncentrycznymi stopniami. Wysokie stopnie krawędziowe usiane są mnóstwem gór o kształcie pierścieniowatym, podczas gdy na centralnych, najniższych partiach zapadłisk są tylko niewielkie, najbardziej świeże kratery. Miało tu więc miejsce stopniowe obniżanie poziomów i zmniejszanie rozmiarów mórz.

Można przypuszczać, że na miejscu księżycowego morza powstawały pod skorupą ogniska głębinowego rozgrzewu i stapiania. W miarę rozszerzania się ogniska pod skorupą Księżyca gromadziły się pary i gazy wznoszące się w głąb. Tworzyła się magma, następował wybuch lawy na powierzchni, czemu towarzyszyła ucieczka ogromnych ilości gazów. W ślad za tymi procesami następowało koncentryczne, stopniowe osuwanie się terenu. Tak kształtowały się tzw. tektoniczno-wulkaniczne zapadliska.

Zarysowane wstępnie geologiczne mapy Księżyca można sprawdzić i uściślić tylko metodami bezpośrednimi. Mamy już dziś techniczne możliwości osadzenia na Księżycu zasobnika z instrumentami pomiarowymi i aparaturą pomocniczą.

Geolodzy i geofizycy marzą o tym, aby na Księżycu zaczęły pracować i przekazywać informacje Ziemi fotokamery wyposażone w filtry dla określenia barwnych odcieni skał górskich, a także czule sejsmografy i inne przyrządy.

Zanim człowiek postawi stopę na Księżycu — geologia porównawcza powinna odpowiedzieć na szereg pytań, a przede wszystkim: — gdzie należy "ładować" i jak znaleźć takie skały i minerały, z których można wydobyć tlen, wodę, dwutlenek węgla.

(Wg. artykułu A. Chabakowa: "GEOLOGIA KOSMOSU")



BONEROWIE

W Polsce wieku XVI-go do najbogatszych rodzin należeli Bonerowie. Bodajże około 1480 r. Jana i Jakuba Bonerów ściągnął do Krakowa Seweryn Betman, kupiec i patrycjusz krakowski. Przytyli oni z Landau, miasteczka położonego w nadreńskim Palatynie. Mieszkali jednak już podówczas w Polsce Bonerowie. Jeden z nich Izajasz Boner, ojciec zakonu eremitów św. Augustyna, wykładał teologię na Uniwersytecie Krakowskim. Rodził się w Krakowie około r. 1400, umarł tu w 1471 r. Wsławił się tak gorliwym duszpasterstwem i świętobliwością, że już za życia przypisywano mu cuda. Zaraz po śmierci wszczęto jego beatyfikację, starano się o nią i później, ale dotąd nie doszła do skutku.

Jan i Jakób Bonerowie do spółki z Betmanem prowadzili rozległy handel z miastami niemieckimi i poprzez Lwów z miastami wschodnimi. Handlowali solą, Jan Boner objał z czasem zarząd żup krakowskich, sprowadzali sukna, jedwabie zwykłe i złotem przetykane, dostarczali szyby weneckich do budowy zamku wawelskiego oraz srebra do mennicy krakowskiej. Brali w dzierżawę różne cła. Jan Boner był nadwornym bankierem kolejno królów: Jana Olbrachta, Aleksandra i Zygmunta Starego. Król Zygmunt Stary darzył go nieograniczonym wprost zaufaniem, zarówno w sprawach drobnych jak i ważnych. Polecał mu więc kupić dom dla swojej kochanki, oraz wyszukać mamkę dla oczekiwanego dziecka, lecz również sfinansować ślub z królową Boną Sforzą. Boner również odbierał posag królowej Bony, wypłacony przez jej matkę ratami za pośrednictwem znanego domu bankierskiego Fuggerów w Norymberdze. Zaokrągał się coraz bardziej majątek Jana Bonera. Posiadał oprócz znacznych kapitałów domy w Krakowie, Lwowie, Poznaniu, Olkusz, Wrocławiu i Norymberdze, był właścicielem wielkich dóbr ziemskich w Polsce. Otrzymał szereg starostw, wreszcie został wielkorządcą krakowskim. Cesarz Maksymilian nadał mu herb zwany Bonarową, a Rada miejska krakowska nadała mu kaplicę św. Ducha w pięknym kościele Mariackim, co papież zatwierdził 19 lipca 1513 r. Boner przyozdobił kaplicę obrazami pędzla Hansa Kulmbacha, którego sprowadził z Norymbergii. Żonaty był Jan Boner z Szczęsną, najmłodszą córką rajcy Stanisława Morsztyna, członka znanej patrycjuszowskiej rodziny krakowskiej. Małżeństwo pozostało bezdzietne.

Olbrzymi majątek Jana Bonera, zmarłego w 1523 r. przeszedł na dzieci jego brata Jakuba. Było ich sześć, najwybitniejszym z nich był Seweryn. Został burgrabią i wielkorządcą krakowskim oraz kasztelanem sądeckim. Był również nadwornym bankierem króla Zygmunta Starego. Jego dom bankowy ogarniał swoim zasięgiem całą Europę. W ważniejszych miastach Niemiec i Włoch utrzymywał stałych faktorów i agentów. Odegrał w Polsce podódną rolę jak Fuggerowie w Niemczech czy Chigiowie we Włoszech. Odziedziczony po stryju majątek znacznie powiększył. W Krakowie miał kilkanaście kamienic m. in. główną siedzibę bonerowską, wspaniałą kamienicę w Rynku. Posiadał nadto rezydencję w Balicach oraz w Ogrodzieńcu, którego ruiny dotąd wzbudzają

podziw. Odgrywał dość istotną rolę polityczną, był popiecznikiem Habsburgów. Miał dwie żony, pierwszą była Zofia Betmanówna, drugą Jadwigę Kościelecką pochodząca ze znanej rodziny magnackiej. Przez majątek i koligacje Bonerowie wchodzą w krąg rodzin magnackich. Magdalena Bonerówna poślubiła księcia Stanisława Radziwiłła. Z synów Seweryna, Jan żonaty z Katarzyną Tę-

czyńską był kasztelanem bieckim i wsławił się jako przywódca Kalwinów małopolskich. Wybitny humanista Erazm z Rotterdamu dedykował mu swój egzemplarz Terencjusza. Najmłodszy syn Seweryna Bonera, również Seweryn, został kasztelanem krakowskim, czyli pierwszym senatorem Rzeczypospolitej. W czasie wypraw Batorego na Moskwę wystawił pułk jazdy. Zmarł bezpotomnie. Olbrzymi majątek Bonerów odziedziczyli w znacznej części Firlejowie. Jan Firlej, wojewoda lubelski, żonaty był z Zofią Bonerówną, siostrą Seweryna.

(Sz).

KRAM Z PRZYSMAKAMI

Trudno dociec, czy nasi pradziadkowie tak dużo pili wina, ponieważ używali wielu ostrych przypraw, czy też stosowali w nadmiarze pieprze, imbiry, pinele, aby mieć pretekst do wypitki. Wiele z dawnych przypraw weszło jako kanon do naszej kuchni, inne wyszły z mody. Kto dziś wie, co to pinele? Ta tajemnicza przyprawa, to ziarenka z szyszki pinii lub limby, niezwykle modna za Sasów. O szafranie mówi się dziś z drwiną, że to jakieś ziele do barwienia na żółto i tkanin i ciast. A to jest góraska roślina z Indii o dużych, lilijowych kwiatach. Z wysuszonego słupka otrzymuje się czerwony puszek o specyficznym zapachu. W dawnej Polsce uprawiana była pewna odmiana szafranu - krokos.

"Pieprz nie gada", tylko pali podniebienie. Łatwiej zjeść korzec maku niż funt pieprzu" — mawiano. Ale potrzeba ostrych przypraw była w narodzie tak wielka, że nim sprowadzono z Malajów pieprz, używano "póki co" liści i nasion rodzimego rdestu. Obecnie mamy widocznie delikatniejsze podniebienia (czy wątroby), bo gdy naszym licznym podróżnikom podadzą w jakichś tropikach kure

przyrządzoną z tysiącem korzeni, mają wrażenie, że są polkaczami ognia. Bez goździków, gałki muskatulowej i kwiatu muskatulowego żaden kucharz z czasów Augusta III nie zabrał się do przyrządzania alabrysu czyli bulionu. Nie jest nawet pewne, czy do owych rosółów nie używano i cynamonu, chociaż dzisiaj wiadomo, że ta kora z młodych gałązek drzew cynamonowych powinna służyć tylko do ryżu. Cytryny używano do zakwaszenia potraw już w epoce popuszczania pasa. Ale były drogie, sztuka kosztowała tyle, co dobry żart — tynfa.

Wszystkie przyprawy można było dostać w sklepach korzennych. Niezły to musiał być interes, ale też z przekąsem mówiono o dorabianiu się na pieprzu. "Oto starościna, której rodzice sklepik korzenny mają" — informuje Linde.

Obecna racjonalizacja odżywiania wprowadza tabu na "ogień w gębie". I musztarda jej na zawadzie, i gałka za ostrą, imbir niezdrowy, pieprz niszczy soki. Czyżby grozić miał i tym przyprawom los pineli?

SMAKOSZ.



Na sztucznym jeziorze w Zegrzynie pod Warszawą.



Polska w Kurytybie

(Wyjętek z III-ciej części książki p. t. "Raport Karny" — która ukaże się nakładem firmy wydawniczej B. Świdzki w Londynie.)

Stoję w westybulu hotelowym w Kurytybie i przyglądam się obrazowi wiszącemu na ścianie. Hotel nazywa się "Braz", a akwarele przedstawiają jego rozwój.

Rok 1916: drewniana buda, której połowę zajmuje bar i kuchnia, a drugą połowę dwa pokoje dla gości. Przed budą, na słupie, przybity napis, — "BRAZ HOTEL". Rok 1920: drewniany domek parterowy z czterema pokojami i barem. Rok 1932: dwa jednopiętrowe domki drewniane, dwanaście pokoi i restauracja. Rok 1940: dwupiętrowy dom murywany, na frontowej ścianie marmurowa płyta — "BRAZ HOTEL". Rok 1945: jedenasto-piętrowy nowoczesny budynek, trzysta pokoi — w tym wiele apartamentów z łazienkami, — wielkie sale restauracyjne, dwa bary, luksus.

Wyobrażałem sobie tak Kurytybę, jak wyglądał "Braz HOTEL" w roku 1916. Obecna Kurytyba jest inna. Rozbudowuje się wzdłuż i w szerz ucieka od wąskich ulic centrum, strzela drapaczami chmur na przedmieściach.

Mam nieco spraw do załatwienia, trzeba wyruszyć na miasto.

Najważniejszy sprawunek to okulary. Spadły mi podczas pracy wprost na cylinder motoru i stłukły się. Na głównej ulicy, 15 listopada, odnajduję sklep optyczny.

— Jakiej pan narodowości? — pyta właściciel sklepu i nie czekając na odpowiedź, sam za mnie odpowiada: — Polak?

— Tak.

— Jozinho!... — woła optyk, unosząc kotarę zasłaniającą wejście do dalszych pomieszczeń.

Po chwili ukazuje się młodzieniec w nieskazitelnie białym kitlu.

— Czym panu mogę służyć? — zapytuje najczystsza polszczyzna.

Józio, — Jozinho urodził się w Brazylii, Polski nie widział.

— Kto pana nauczył tak dobrze po polsku?...

— Mamusia... — uśmiecha się Jozinho usuwając kawałek szkła z rozbitych okularów.

Ile razy zadawałem to pytanie brazylijskim Polakom, o-trzymywałem taką samą odpowiedź: po polsku nauczyła ich matka.

Drugi sprawunek to trochę mebli, które muszę kupić. Sprawa jest bardziej skomplikowana, męczę portugalski i niemiecki. Sprzedawca oprowadza mnie po obszernych składach, nie możemy znaleźć tego co potrzeba, trwa to wszystko bardzo długo. Obaj stajemy się nerwowi. W końcu, sprawunek jest jako tako załatwiony i podaje właścicielowi składu mój bilet wizytowy.

Lysawy pan nakładą okulary i odczytuje moje nazwisko.

— Przyborowski? — patrzy na mnie z wyrazem ubolewania. — To czego, psia krew, nie mówisz po polsku!... — wznosi ręce do góry. — Przecie ja z Polski, z Belza!...

Siadamy na jednej z dwudziestu kanap znajdujących się w składzie.

Belz, Sokal, Rawa-Ruska, cadyk cudotwórca są tematem rozmowy.

Pan Izaak nie przestał się interesować losami Polski do dnia dzisiejszego.

— Wiesz pan, — mówi częstując mnie amerykańskim papierosem, — ja mam sąsiada Niemca. Jak wojna wybuchła to on wyniósł swoje radio na balkon i puścił na te zwycięstwa Hitlera. To radio krzychało: "Koniec z Polską! Koniec z Żydami!..." Więc ja go proszę: "Panie Max, weź pan to pudło do mieszkania." A on się śmieje ten łobuz. To my z żoną płakali.

Ale w czterdziestym piątym roku, jednego wieczora, to ja mówię do żony: "Rebeka, ty wynieś nasze radio na balkon, ja ciebie proszę..." To ona zrozumiała i puściła na całe gardło. A radio wołało: "Koniec z Reichem! Koniec z Hitlerem!..." To ten Max wyszedł na balkon i mówi: "Senhor Izaaque, zamknij pan radio, bo zawołam policję!" A ja mu na to: "Żebyś pan samego Hitlera zawołał, to nie zamknę. Ja pana prosiłem pięć lat temu, toś się pan śmiał. Teraz moja

kolej, ha, ha, ha!" — zaśmiałem się aż mi się odbiło. To on trzasnął drzwiami i wyszedł z domu. Teraz mówi, że jest dobrym Niemcem i że powinniśmy żyć w zgodzie.

Pan Izaak strzepuje ostrożnie popiół, który spadł na poręcz kanapy.

— Kto urodził się łobuzem, ten łobuzem pozostanie... — konkluduje swoją opowieść.

* * *

Ulica nazywa się Rio Branco, a sklep Małki, towary lokciowe, mieści się niedaleko kurytybskiego dworca kolejowego. Na ten dworzec, przybyła Małka wraz z mężem i kilkorgiem dzieci w roku 1932.

Małka stoi w otwartych drzwiach sklepu i zachęcającym spojrzeniem zachęca do wejścia. Jest niska, pulchna, czysto i starannie ubrana. Jeden rzut oka wystarczy aby stwierdzić że pochodzi z Polski.

— Dzień dobry pani... — zatrzymuję się przed sklepem.

— Dzień dobry... — uśmiecha się Małka, — od razu wiedziałam, że pan Polak. Proszę do sklepu. Potrzebuje pan czego?

— Chciałbym kupić sweter.

— Mam, mam, niech pan siada...

— Z jakich stron Polski pani pochodzi?

— Z Działoszyce, zna pan Działoszyce?

— Kto by nie znał Działoszyce!... — oburzam się. — A pani zna Sanejgnów, Święcice, Rzemiećce?...

Z kolei Małka jest oburzona.

— Państwa Deskurów, panią Morstinową, pana Szpora?...

Kto by ich nie znał, wielkie państwo było...

Rozmawiamy o Działoszycach, o Skalbmierzu, o Janowiczkach, o Raclawicach. Małka zna całą okolicę, ojciec zabierał ją z sobą na wędrowniki po dworach. Poili konia w Nidzicy, dotarli raz nawet do Korczyna nad Wisłą.

— Tu jest pański sweter... — wzdycha Małka przerywając opowiadanie. — Jak ulany dla pana, wełna prima!

Przymierzam.

— Ile pani chce za niego?

— Trzysta pięćdziesiąt kruczejrów. Zrobiłam cenę dla rodaka (*).

— Rodak da trzysta...

— Żeby tak zdrowa była nie mogę!

"Żeby tak zdrowa była!" — o mało się nie rozplakalem.

Muszę usłyszeć to jeszcze kilka razy.

— Za drogo... — mówię idąc ku wyjściu.

Małka chwytając mnie za ramię i ciągnie z powrotem do lady.

— Jak pani opuści te pięćdziesiąt kruczejrów, wezmę sweter... — upieram się przy swojej propozycji.

Targujemy się długo. "Żeby tak była zdrowa". "Niech mnie szlag trafi". "Żeby nie dożyła do jutra!" — spada na mnie jak rosa znad Nidzickich łąk.

Małka się trzyma, ostatnia cena to trzysta trzydzieści kruczejrów.

Paczka zapakowana, liczę pieniądze i kładę na ladzie trzysta pięćdziesiąt kruczejrów.

— Opuściłam dwadzieścia, weź je pan, to pańskie... Małka chce mi wręczyć pieniądze.

— Kiedy ja ich nie chcę... — mówię.

Małka jest zdumiona.

— To czegoś się pan targował dwie godziny?...

— Bo chciałem, żeby mi się wydawało że jestem w Działoszycach...

Małka pada na krzesło bez słowa. Patrzy na półki z materiałami, na wiszące suknie i palta, na ulicę. Po dłuższej chwili kieruje wzrok ku mnie.

— Weź pan te pięćdziesiąt... — szepce.

* * *

Na bocznej ulicy, mały sklepik, antykwarnia - graciarnia. Na wystawie stoją zakurzone figurki Indian na koniach, kilka inkrustowanych sztyletów, tu i tam beładnie rozrzucone książki.

Staruszek siedzący na rozlatującym się fotelu, nie zwraca na mnie uwagi. Podchodzę do półek i przeglądając zmurszałe, zalatujące zgnilizną książki. Jestem już porządnie zmęczony, zamierzam wrócić do hotelu, poczytać trochę i uciąć drzemkę. Nagle zapominam o zmęczeniu.

Odczytuję z trudnością wyblakły tytuł trzymanej w ręku książki:

(*) — Działo się to w 1952 r.

"Ks. Jan Piotrowski". "Dziennik wyprawy króla Stefana Batorego pod Psków".

— Ile ta książka kosztuje? — pytam staruszka.

Starowina bierze książkę, stara się rozlepić zwilgotniałe stronicę.

— Dziesięć kruczejów... — sepleni.

— "Pisano w pochodzie na Psków. Nocleg w boru nad rzeką Dżisną. Dnia 23 lipca 1581 r. —

Na wieść o sławie królewskiej przyjechali tutaj czterej Anglikowie, — rycerze. Prawią tak: "Iż o tym sława jest wszędzie, a będąc waleczni, przyjechaliśmy tu ofiarować walecznemu Królowi temu, służby nasze".

Król sam na koniu bieży dniem całym, na noc namiotek, ni ławki ni stoła; zydel mu czynią, kilka kołków w ziemię wbiwszy, także i stół takiego stufarku. Kobierczyka nie pyta. Kiedy spoczynku pora, nasieka Królowi drobno brzoźowego liścia, z chróstem rozłoża na ziemię; położy się i przesypia jak w najlepszym pokoju.

Pisano pod Pskowem. 24 października 1581 r. Duch w wojsku naszym zdreślał niejako od nędzy a niedostatku. Rotmistrze przychodzili do Króla z prośbą by ich rozpuścił do dom.

Wezwał ich Król JMć. do siebie i tak przemówił:

— Wiem, że wielu między wami takich, którzy bądź jako słabi, bądź jako starcy, wyszli wraz ze mną przeciw temu nieprzyjacielowi, nie spodziewając się tak ciężkiej z nim przeprawy. Przecie wskazuję wam na tą potrzebę Rzeczypospolitej i żądam byście raczej największe trudności ponieśli, aniżeli rozpoczętego dzieła poniechali.

Mężowi walecznemu i cnotliwemu przystoi raczej największe dolegliwości znosić niż na najmniejszą nawet skazę honor swój przywozić.

Brzemie i znoje teraźniejszych dni znieść musimy razem do końca i wytrwać.

To nasz święty obowiązek wobec Ojczyzny..."

Czyszczę ostrożnie okładkę książki, sklejam podarte stronicę, kładę książkę na framudze okiennej, na słońcu.

Pojedzie ze mną do — puszczy.

* * *

CONSTITUCYE

SEJMU WALNEGO ORDYNARYJNEGO SZESĆ NIEDZIELNEGO WARSZAWSKIEGO ROKU PAŃSKIEGO MDCXC DNIA XXI STYCZNIA ZACZĘTEGO 1690.

"Grochu... Jęczmienia pół korca... Kaszy jaglanej... Masła 3 garncie... Poleć słoniny... Kopa jaj..."

B. konsul Rzeczypospolitej w Kurytybie, p. Gieburowski kładzie inną książkę i opowiada o jej dziejach.

Zabrał ją z jakiegoś polskiego dworu pradiad księżnej Oboleńskiej jako "zdobycz wojenna" z kampanii 1831 roku. Uciekając z Rosji do Brazylii, księżna uratowała część swojej biblioteki. Pomiędzy listami Orłowa i rękopisem Puszkina znalazły się pięknie oprawne "Constitucye", z czasów panowania Sobieskiego.

Na karcie tytułowej skrzętna dziedziczka zanotowała wyraźnym charakterem pisma zawartość przesyłki, wysłanej zapewne do miasta dla synów kujących łacinę w konwencie.

Znajdujemy się w małym, przytulnym pokoiku. Ściany są zawieszane od góry do dołu obrazami polskich malarzy, książki piętrzą się na półkach. Gdyby nie panorama Kurytyby widoczna z okna, zdawałoby się, że jesteśmy na Żoliborzu lub na Winiarach.

Konsul Gieburowski wyglądał starannie dokument, stanowiący najcenniejszą pozycję w jego zbiorach.

WICI NA SEJMIK SĄDKOWSKI 1650.

JAN KAZIMIERZ KRÓL.

Wici, podpisane są własnoręcznie przez króla, litery są prawie, że wykaligrafowane.

— W swoich wędrowkach — mówi konsul Gieburowski, — wiele miałem takich nieoczekiwanych spotkań. Wydaje się człowiekowi, że jest sam, pośród obcych, opuszczony, zapomniany, a tu staie przy tobie ONA, tak daleka a tak bliska, i zdaje się szeptać: Oto jestem...

Tarcza słoneczna skryła się za dachami domów, cienie kładą się na meblach, zmierzch podzwrotnikowy zapada w ciągu kilku minut.

Jestem krainowo wyczerpany; wytęczałem przez ostatnie miesiące trasę nowych dróg przez puszcze, wśród pyłu ziemnego kierowałem robotami traktorów, drążyłem rowy antyerozyjne, opędzałem się przed sforą różnojęzyczną, która chciała mnie wykończyć. Byłem sam pośród obcych, opuszczony, zapomniany.

A oto, w tej chwili, wydaje mi się, że wszedłem na szlak powrotu.

Jan Kazimierz spoglądający z bieleńskiego wzgórza ku Krakowowi. Batory, układający się do snu w naddziśnieńskim borze, Sobieski kłęczący u stóp polowego ołtarza przed wiedeńską potrzebą. Któż mu wtedy Mszę św. odprawiał?... Czy przypadkiem nie ksiądz... Przyborowski?...

Idę w poszumie borów "Lerum - Polelum"; idę w zadymce śnieżnej "Popiołów". Idę coraz szybciej, korowód ludzki

obejmuje mnie ramionami jak rzeka, widzę sylwetki wyraznie, rozpoznaję w tłumie każdego.

Plugi tną skiby poznańskiej równiny, proporczyk ułański nad łóżkiem, chyła się lany pszenicy...

— Heniu!... Heniu!... Śniadanie gotowe!... Gromada dożyłkowa przed dworem, kto to stoi obok mnie na ganku?...

Nagle rozbłyśka światło. Książki spoczywają na półkach, chyli się płacząca wierzba na obrazie.

— "Czerwona ziemia", daje się we znaki wszystkim ludziom pracującym w tutejszym interiorze... Pan ma zaczerwienione oczy. Nie zapalałem światła żeby ich nie męczyć...

Głos wydaje mi się obcy. Dopiero po chwili go rozpoznaję: Jest to ten sam głos, który powiedział: — Oto jestem...

HENRYK PRZYBOROWSKI

SENSACJE LITERACKIE

"CHŁOPI" I "POPIOŁY"

W latach dwudziestych ulubionym zajęciem literaturoznawców było porównywanie twórczości Żeromskiego i Reymonta. Wynajdywano coraz to nowe przeciwieństwa i różnice między nimi, mnożono kontrasty, dzielono się spostrzeżeniami na temat diametralnych różnic w ich zainteresowaniach społecznych, wrażliwości, poglądach i przekonaniach, upodobaniach, temperamentach pisarskich i typach wyobraźni itd. itp.

Przy wszystkich zasadniczych różnicach znaleźć można jednak w biografiach Reymonta i Żeromskiego pewne drobne, ale ciekawe zbieżności i podobieństwa, które naturalnie nie mogły doprowadzić do jakiegoś upodobnienia się ideałów pisarskich obu twórców, niemniej jednak rzucają interesujące światło na ich poczucie odpowiedzialności za każde napisane słowo, wielką wrażliwość językową i ambicję.

Zarówno Reymont jak i Żeromski współpracowali w początkach twórczości z postępowym tygodnikiem warszawskim — "Głosem". Później, po zdobyciu sławy i niezależności materialnej, obaj bardzo dużo podróżowali, obaj uchodzili za najwybitniejszych przedstawicieli swojego pokolenia literackiego, obaj wreszcie kandydowali do literackiej Nagrody Nobla.

Reymont pisał "Chłopów" spory szmat czasu. Przez kilka lat nosił się i mocował z tematem. Pierwotna, w poważnym stopniu opracowana już ostatecznie wersja tej powieści poszła w ogień, gdyż nie zdołała zadowolić wysokich wymagań samego autora. Drugą wersję, tę, z której wyłonił się ostateczny kształt "Chłopów", woził wszędzie Reymont ze sobą podczas częstych w tym okresie podróży. Długo polerował i wygładzał tekst. Wprowadzał liczne zmiany i poprawki. Po wydarzeniach rewolucji 1905 roku zmienił cały trzeci tom "Chłopów" — "Wiosnę".

Z "Popiołami" było trochę inaczej. Pracę nad nimi rozpoczął Żeromski w roku 1898. Pisał dość wolno, bo równocześnie prowadzić musiał drobiazgowe studia historyczne nad okresem wojen napoleońskich, wertować stare plany miast, które (miasta, nie plany) miały być terenem przygód bohaterów powieściowych, sprawdzać szczegóły mundurowo-regulaminowe wojsk napoleońskich, poznawać aż do najdrobniejszych szczegółów realia epoki, w której umieścił akcję powieści.

Niespodziewanie przyszły komplikacje. W nocy z 2 na 3 listopada 1900 roku do mieszkania pisarza wkroczyła carska policja i skonfiskowała wszystkie notatki i rękopisy Żeromskiego, w tym również rękopis "Popiołów". W rezultacie długich starań udało się żonie Żeromskiego Oktawii odzyskać zasadniczą część rękopisu.

Po załatwieniu i uzupełnieniu wszystkich poczynionych przez żandarmerię wyrw i szczerb w tekście, w roku 1901, gdy pierwszy i drugi tom "Popiołów" był już ostatecznie skończony, a do zakończenia tomu trzeciego niewiele już brakowało, wyjechał Reymont z Warszawy do Nałęczowa i tam znowu naraził się żandarmerii. Nastąpiła ponowna rewizja, ponowna konfiskata "Popiołów" — ale Żeromski i tym razem nie ustąpił. Odrzuciwszy ową — w opinii żandarmerii lubelskiej — "nieszkodliwą" część rękopisu jeszcze raz zasiadł do uzupełniania i poprawiania. W niecały rok później, w czerwcu 1902 roku, pierwsze odcinki "Popiołów" pojawiły się na łamach Tygodnika Ilustrowanego.

Trzytomowe "Popioły" według zamysłu Żeromskiego miały być pierwszą częścią wielkiego cyklu powieści historycznych poświęconych walce wyzwolenczej narodu polskiego w XIX wieku. Czterotomowa zaś powieść "Chłopi" zgodnie z zapowiedzią Reymonta stanowić miała pierwszą część wielkiej panoramy społecznej p. t. "Życie", obrazującej życie całego narodu. Ani Reymont ani Żeromski planów tych nigdy nie zrealizowali. Obaj poprzestali na owych "częściach pierwszych".

Karol Strug

"Grzech" i ambicje Żeromskiego

W roku 1897 redakcja "Kuriera Warszawskiego" ogłosiła konkurs na utwór dramatyczny. Konkurs, jak konkurs. Chociaż spotkał się ze sporym zainteresowaniem (czego dowodem prawie 100 nadesłanych prac) i choć w skład jury wchodziły tacy znakomici pisarze i krytycy jak Bolesław Prus, Antoni Sygietyński czy Ignacy Matyszewski — żadnych rewelacji nie przyniósł. Jeśli przeszedł do historii literatury, to głównie dzięki jednej tylko pracy, w dodatku ani nie nagrodzonej, ani nawet nie zauważonej przed sądem konkursowym, dzięki dramатовi Stefana Żeromskiego "Grzech", autora, którego późniejszymi dziełami scenicznymi były: "Róża", "Sulkowski", "Przepióreczka".

Udział młodego Żeromskiego w konkursie był dla niego nie lada przeżyciem. Ze swym konkursowym startem wiązał bowiem nie małe nadzieje. W okresie oczekiwania na ogłoszenie wyników wszystkie jego myśli krążyły uparcie wokół pracy jurorów. Wiele sobie musiał po niej obiecywać, skoro w prawie każdym liście do żony z tego czasu, o jakieś sprawy konkursowe potraçał.

Okres ten ujawnił też jedną z cech charakteru Żeromskiego: skrytość, nieufność, ogromną ambicję.

Oto co pisał do przebywającej chwilowo w Nałęczowie żony:

2-VI-1897 r.

"Do dziś jeszcze nie było w "Kurierze" (...) żadnego wyszcze-gólnienia prac nadesłanych".

4-VI-1897 r.

"Musiałas już czytać w "Kurierze", że "Grzech" był wymienio-ny w liczbie 98 utworów nadesłanych na konkurs. Jak mi mówio-no, przysyłali swe sztuki: Lubowski, Bałucki, Przybylski, Tetma-fer (wierszem) i inni potentaci. Wiadomo już, że nagrodę otrzymać ma niejaki pan Grabowski, kuzyn Nowodworskiego. Nie ma więc gadania o żadnym odznaczeniu.

"Wiek", pisząc o tytułach nadesłanych utworów, zwrócił uwagę i na "Grzech" mówiąc, że nie tuzinkowy to musi być literat, kto takimi dewizami jak przytoczona operować umie 1).

Zdaje się, że ta mądra opinia będzie jedynym odznaczeniem utworu".

7-VI-1897 r.

"W Głosie" 2) nikt nie wie o moim autorstwie i nikt się nie domyśla. Umyślnie wyśmiewałem się z tych, co piszą na konkurs, żeby odwrócić wszelkie podejrzenia".

Obawy Żeromskiego spełniły się: na "Grzech" nikt w jury u-wagi nie zwrócił. Pierwszą nagrodę otrzymała jednak nie praca jakiegoś tam pana Grabowskiego, a sztuka Andrzeja Niemojowskie-go p. t. "Familia".

Po tym niepowodzeniu Żeromski na kilka lat zrezygnował z twórczości dramatycznej. Pierwszy akt "Grzechu" ogłosił w roku 1899 w księdze zbiorowej dla uczczenia świętochowskiego. Całość, z zachowaniem brulionu, została wydana dopiero w wiele lat po śmierci pisarza, bo w roku 1950.

KAROL STRUG.

1) — Żeromski podpisał swój dramat godłem zaczerpniętym ze "Zdań i uwag" Mickiewicza: "Grzech jest jedyna twoja własność".

2) — Tygodnik w którym Żeromski od pierwszych swych prób pisarskich blisko współpracował.

Esporte Universal Ltda.

ARTIGOS PARA TODOS OS ESPORTES

E UNIFORMES PARA COLÉGIOS

Rua Líbero Badaró, 356 — TEL.: 37-5660

Caixa Postal, 4413 SÃO PAULO

Z. Nowakowski o Gombrowiczu

Pisaliśmy niedawno o przyznaniu Gombrowiczowi tego-rocznej nagrody "Wiadomości" za jego "Dziennik". Jak wiadomo nagroda ta przyznana została większością głosów. Największym przeciwnikiem Gombrowicza był znany pisarz Z. Nowakowski. W czasie obrad "jury" wygłosił on ostre przemówienie atakujące Gombrowicza jako pisarza i czło-wieka. Podajemy poniżej wyjątek z tego przemówienia:

"Czytałem Gombrowicza"! I "Dziennik" i "Transatlantyk" czy-tałem z najwyższym oburzeniem jako Polak, i jako emigrant! To Państwa może zrytować, mogę was nawet zrewoltować tym po-wiedzeniem! Ale to jest człowiek, który się wyobcował z emigracji! To jest człowiek, który się wyobcował z Polski! To jest człowiek, który dzisiaj, w tej chwili, w r. 1963, pisze o Polsce z pogardą! Człowiek, który pisze że Polak, aby zostać pełnym człowiekiem, powinien się wyzwolić z polskości! Ja tego nie mogę słuchać! Ja jestem starym człowiekiem, który stoi na progu tamtego świata. I wszystko co mam, co kocham — to Polska! U niego wszystko jest głupie. Muzeum, to idiotyzm! (bo w muzeum powinien być tylko jeden obraz w każdej sali — a jak on to sobie wyobraża, nie wiem). Każdy koncert, to jest po prostu kompromitacja mu-zyki! Balzac jest cymbałem! A z Polaków? Chopin. Owszem. Ale nie popisujemy się Chopinem, bo on wcale nie należy do Polski. A Wyspiański? A Żeromski? A Reymont? Wszystko to co stanowi istotę polskości jest dla niego przedmiotem najdalej idącej po-gardy!

Mówię jak stary człowiek i jak konserwatysta, którym nie-wątpliwie jestem. Czuli bym się po prostu w najwyższym stopniu upokorzony gdyby rezultatem tego głosowania miała być nagro-da dla Gombrowicza".

KSIAŻKA PRZYBOROWSKIEGO

Książka Henryka Przyborowskiego: "RAPORT KARNY" — z której wyjątki zakończyliśmy drukować w dzisiejszym numerze "Przeglądu Polskiego", — zawierać będzie 36 opowiadań podzielo-nych na trzy części:

I. KARTKI Z LAMUSA: "Czarnymi literami", "Domek z kart", "Polski Gordonstoun", "Czako i korona", "Ta już mamy...", "Raport karny", "Rękawiczki", "Złoty wujaszek", "Gniada", "Pa-nicz", "Kołdra", "Portret", "Luźne kartki", oraz "Zegnaj lamu-sie!..."

II. Z DROGI: "Wyjątki z Dziennika 1939-1940", "Dolina gła-zów", "Tartarin z Narbonne", "Ekipa prof. Tyczki", "Wizyta", "Przebudzenie kaprala Zdzisława Beđnarka", "Lingwista", "Wy-spa węzów", "Jak zostałem wariatem", "Mr. All Right", "Spokojny zakątek", "Zegnaj Europo!", "Gdyby można jeść kwiaty...", "Roz-mówki na Oceanie", "Honorarium".

III. Z KRAJU PANA BALCERA: "Ci, co szli poza nim", "Araucaria brasiliensis", "Polska w Kurytybie", "Spokój z wygo-dami", "Reduta Ordon", "Dobra Italiano", oraz "Zegnaj czytel-niku!"

Niektóre z opowiadań I-szej części ukazały się na łamach "Wiadomości" i spotkały się z gorącym przejęciem czytelników.

Red. "Wiadomości" dr M. Grydzewski, gratulując autorowi sukcesu pisze, że "takiej prozy sam Prus by się nie powstydzil".

W. Czereśniewski, o jednym z opowiadań mówi iż jest "naj-znakomitszym jakie ukazało się na emigracji".

Znana powieściopisarka Janina Suryn-Wyczółkowska stwierdza w liście do "Wiadomości" że "Przyborowski jest świetny".

Podając tych kilka szczegółów naszym czytelnikom, wyraża-my nadzieję, że po ukazaniu się książki wspomogą wysilek autora przez jej zakupienie.

Tak jak to się zwykle dzieje z naszymi pisarzami na obczyź-nie, autor "Raportu Karnego" nie opływa w dostatki. Po przeby-ciu ciężkiej choroby, walczy z wieloma trudnościami. Znalazł się tu w Brazylii, pomiędzy — nami.

Ma prawo oczekiwać "sąsiedzkiej" — przystugi.

Wierzmy, że czytelnicy "Przeglądu Polskiego" nie odmówią mu jej.

OD REDAKCJI

Dla uniknięcia nieporozumień stwierdzamy, że artykuł Jana Bielca pt.: "REINKARNACJA" (str. 25) zamieściliśmy jedynie jako ciekawostkę na pograniczu bajki. Artykuł ten nie wyraża poglądów Redakcji.

ZMIERZCH ABSTRAKCJI

Wychodząc z wystawy w Galerii "Krzywe Koło" na Starym Mieście spotkałem znajomego malarza, który właśnie tam zmierzał.

— Warto zobaczyć? — zapytał.

— Abstrakcja.

— Abstrakcja? — skrzywił się — E, to nie idę. Chodźmy do kina.

Ta reakcja dała mi do myślenia. Bo jeśli malarz woli iść do kina niż na wystawę, to świadczy źle albo o malarzu albo o wystawie. Mój znajomy jest zdolnym, młodym malarzem, bez żadnych uprzedzeń do sztuki nowoczesnej, sam nawet czynił próby abstrakcyjne. Nikt lepiej niż on, nie potrafił bronić sztuki nowoczesnej podczas dyskusji.

Skąd więc jego dzisiejsza obojętność? Chyba stąd, że po prostu ową wystawę już wiele razy widział w innych galeriach, pod innymi nazwiskami, w pracowniach swoich kolegów. Jest znudzony pustką i dowolnością i jak gdyby uduśnieniem tych obrazów, które przywykło nazywać się abstrakcją.

Dlaczego właśnie abstrakcją?

Ponieważ są one odejściem, a nawet odżegnywaniem się od kopiowania rzeczywistości i tworzenia dzieł figuratywnych, ponieważ nie posiadają zespołu dotąd przedstawianych w malarstwie realiów, a więc człowieka, pejzażu, zwierząt lub przedmiotów dobrze wszystkim znanych, składających się na tzw. martwe natury. Nie znaczy to, aby odbiegały one od natury, przeciwnie, można by je nazwać najbardziej "naturystycznymi" obrazami w historii sztuki. Nie wystarcza im bowiem udawanie natury — one same stają się organiczną materią muru, skóry, drzewa itp.

Charakterystyczne, że większość z nich rezygnuje z typowego dla tradycyjnego malarstwa środka wyrazu — iluzji przestrzeni, osiąganej przy pomocy perspektywy linearnej i perspektywy koloru. W obrazie abstrakcyjnym wypukłe jest rzeczywiście i namacalnie wypukłe, stąd owe kawałki desek, szmat, smoły itp. naklejone na powierzchnię płótna.

Nie jest to bynajmniej jedyna rezygnacja. Warsztat dawnego mistrza krył w sobie mnóstwo sekretów technologicznych, sztuczek, sposobów, nieraz niesłychanie finezyjnych. Natomiast technika abstrakcjonisty sprowadza się zbyt często do wylewania na płótno różnych gatunków lakierów, farb, emalii, które łącząc się tworzą owe organiczne faktury. W ten sposób ostateczny wygląd obrazu zależy w dużej mierze od przypadku, rola artysty sprowadza się do sterowania nim, przyjmowania lub odrzucania rezultatu.

Nasuwa się tu nieodparcie pytanie: dlaczego współczesne malarstwo odrzuca bogatą wiedzę warsztatowo wypracowaną w ciągu wieków historii i sztuki? Dzieje się tak, ponieważ zmieniła się funkcja tej sztuki, która dawniej nastawiona była głównie na reprodukcję rzeczywistości.

Od czasu wynalazku Daguerre'a (wynalazca dagerotypii) zainicjowała możliwość odbijania rzeczywistości na płycie metalowej, szklanej i na papierze. Co więcej, można je było powielić w nieograniczonej ilości. Produkcja okazała się wielokrotnie szybsza i tańsza, a zapis rzeczy wierniejszy, bo obiektywny, nie przepuszczany przez korygujący i deformujący filtr osobowości twórcy.

Przez pewien czas malarstwo broniło się monopolem na kolor, barwność. Ale i ta pozycja została wkrótce zdobyta. Zastosowanie pryzmatów i filtrów umożliwiło tzw. dysocjację i syntezę plamy barwnej, co zbliżyło fotografię do efektów pointylnizmu (kierunek w malarstwie polegający na określaniu przedmiotu za pomocą barwnych punkcików składających się na plamę).

Zatem przedmiot można było nie tylko oddać z najdrobniejszych szczegółami, ale także stylizować go w dowolny sposób. Odbryzmami rozwój poligrafii sprawił, że najwyższe osiągnięcia geniuszu ludzkiego, dawniej dostępne garstce wybitnych, stają się własnością ogółu.

Co w tej sytuacji czyni malarz z pędzlem i paletą w rękę przeciw chemii i tranzystorom? Co wart jest jego obrazek wobec ekranu, na którym pojawia się świat w technicolorze, ożywiony ruchem i dźwiękiem? Malarz broni się, ucieka od realnego, oczywistego świata w świat skojarzeń, niejasnych wyobrażeń podświadomości. "Istnieje tylko to co widzą moje oczy otwarte, a jeszcze lepiej — zamknięte" powiedział w r. 1913 włoski malarz Chivico, jeden z wybitnych twórców surrealizmu.

Poprzez surrealizm sztuka dochodzi do zupełnego braku norm i kryteriów do tzw. "Informelu", gdzie nie ma już niczego rzeczywistego, obraz oczyszczony z wszelkich pierwiastków literackich, staje się znakiem, ornamentem. Nic nie znacząc, łechce tylko nasz zmysł wzroku bardziej lub mniej wyczulony.

Przyjemność oglądania tych obrazów przyrównać można do wrażeń, jakich doznaje się odnajdując na wycieczce ciekawe koryzienie, gałązki drzew, kamienie czy kształty w chmurach. Nas zachwyty gdy mówimy: "o, jakie to piękne" jest zachwytem nad



W Warszawskiej Zachęcie otwarto wystawę obrazów młodego malarza z Łodzi, Jerzego Nowosielskiego.

plastyczną formą przedmiotu, nie działają tu inne bodźce pozaplastyczne, gdyż przedmiot taki nie znaczy i do niczego nie służy. Ci sami ludzie, którzy wracają z wycieczki, cbladowani pięknymi kamieniami, na wystawie abstrakcyjnej oburzają się nie tyle na obrazy ile na miejsce ekspozycji — muzeum, w którym przywykli oglądać coś zupełnie innego. Obarczeni tradycją, która każe im doszukiwać się w obrazie treści, informacji, intrygi, pytają: "co to jest?" zamiast zawołać: "o, jakie to piękne".

Ludzi tych zresztą jest coraz mniej. I może zabrzmi to paradoksalnie, ale zmniejszenie się liczby "oburzonych" na abstrakcję nie produkuje jej nic dobrego. Malarstwo przedstawiające z chwilą gdy straciło wymowę szoku, gdy stało się obowiązującą modą uprawianą według ustalonych recept, gdy wreszcie opatrzyło się odbiorcom i nikogo już nie dziwi — umiera naturalną śmiercią.

Ekspozycje abstrakcjonistów świecą pustkami, głucho o nich w prasie. Wielkie powodzenie wystawy "Metafory", która odbyła się na początku b.r. w warszawskiej "Zachęcie" dowiodło, jak ludzie spragnieni są konkretnego, rekwizytu, który działając na wyobraźnię pobudza do skojarzeń nie tylko typu plastycznego, estetycznego. Na wystawie tej pokazano obrazy, w których decydującą rolę odgrywa element wyobraźni, metafory. "W twórczości tej napotykamy jakąś aluzyjność, podtekst, czasem łatwo dostępny, choć w obrazie pozostaje coś więcej, coś do odczytania, czego z całą pewnością do końca nie odczytamy nigdy" — pisał Ryszard Stanisławski we wstępie do katalogu wystawy.

Równym powodzeniem cieszyła się wystawa prac Jerzego Nowosielskiego i Kazimierza Mikulskiego. Malarstwo Nowosielskiego pozostaje pod silnym wpływem ikony, ale jest jednocześnie na wskroś nowoczesne w swoich układach kompozycyjnych, w swojej tematyce. Mikulski, scenograf współzałożyciel znanego teatru eksperymentalnego "Cricot II" to artysta już skrytalizowany, o niezwykle pięknej poetyckiej wizji, podporządkowanej rygorom surrealizmu, kierunku, który poprzedzał narodziny abstrakcjonizmu, a który dziś okazuje się tak pożądanym ze względu na swoją zawartość znaczeniową.

Odwrot od sztuki nie przedstawiającej daje się również zaobserwować na Zachodzie. W Paryżu krytyka artystyczna rozpisuje się o narodzinach nowego kierunku tzw. "nouvelle figuration" (nowa figuratywność). W obrazach przedstawicieli tego prądu (Dufour, Lapoujade) do niedawna abstrakcjonistów pojawia się postać ludzka, odczytać można przedmioty, wyrażone co prawda środkami warsztatu abstrakcyjnego, ale świadczące o dokonującym się wylomie. Próby te przypominają zmagania się z tradycyjną formą ludzi, których uważa się za twórców abstrakcji — Pollocka, Wolsa, de Staela i innych, zmagania których najlepszą ilustracją może być pewien obraz Pollocka, w którym pośród struktur uformowanych z rozlewanych lakierów, widnieje nietknięta plama czystego płótna w kształcie sylwetki ludzkiej. Dziś ten sam człowiek pojawia się znowu, nie jako relikwiczek, ale jako świadectwo odrodzenia się sztuki, jeśli nie realistycznej to na pewno humanistycznej, mówiącej o człowieku i jego sprawach.

ANDRZEJ BEUERMANN

Doktor Kontowt

Czy byliście kiedyś w Astrachaniu? Jeżeli nie to niewiele straciliście. Ja jednak urodziłem się w Astrachaniu, dla mnie jest to miasto dzieciństwa — to już co innego. Gdy przymknę oczy — widzę ulicę Wtoraja Bakablinskaja, na której mieszkalem, niskie drewniane domki i sady owocowe, gdzie rosły przedziwne gruszki o wybornym smaku. Coż za gruszki — ugryzłeś, a tu już sok leje się po brodzie!

No, może opowiadam trochę chaotycznie. Kiedy wspominał dawne lata maci mi się zawsze we łbie. Jestem bardzo uczuciowy, co zrobić! Taki już jestem, tego się nie da zmienić.

A więc Astrachan! Ojciec mój był sędzią sądu okręgowego. Powodziło nam się znośnie. W domu panowała atmosfera cokolwiek patriarchalna — mama się właściwie nie liczyła. Była to kobieta cicha i pokorna, którą stale bolała głowa. Pachniało od niej octem i cytryną. Ile razy wchodziłem do sypialni widziałem ją na szerokiej, kwiecistej turkieskiej otomanie za okładem na czole. Służba ją lekceważyła, wszystkie rozporządzenia wydawał ojciec.

A ojciec?... Spotykałem go rzadko, przeważnie w niedzielę w czasie obiadu. Zdany byłem na samego siebie. Błąkałem się po wielkim domu nudząc się nie mając do kogo ust otworzyć. Toteż korzystałem skwapliwie z każdej możliwości ucieczki na wagary. Do szkoły mnie nie posyłano byłem bowiem słabego zdrowia. Uczyło mnie w domu dwóch profesorów gimnazjum i w tymże gimnazjum zdawałem co roku do następnej klasy.

Z największym utęsknieniem czekałem na wakacje kiedy zabierał mnie do siebie doktor Kontowt.

Był to mężczyzna niski, tęg, niedźwiedziowaty. Twarz miał okrągłą, trochę jak by spuchniętą, włosy rzadkie i wąsy oklapnięte wskutek czego uważano go potrosze za abnegata.

Nie, nie potrafię powiedzieć ile miał lat: trzydzieści trzy, czy trzydzieści sześć... Są ludzie, których wieku nie podobna określić.

Dom prowadziła mu kobieta wysoka, chuda, o której mówiono, że jest jego kochanką. Nazywała się Anna Łukianowna, liczyła ze dwadzieścia pięć lat i nie była ładna. Ot taka sobie prosta, ordynarna baba, ale dobrze wyszkolona erotycznie.

Co jeszcze umiała to gotować. Jakie pierożki z kapustą robiła, a jaki barszcz ukraiński! Mówię wam — sam miód! Służącej nie trzymała, bo nie zносиła kobiet w domu. A mimo to nie zdarzyło się, żeby doktor Kontowt nie miał codziennie świeżo wypranego kitla.

W owych czasach (było to jeszcze przed pierwszą wojną) wciąż się obawiano zawleczenia dżumy z Azji. Na morzu Kaspijskim koło Astrachania stał stale pod parą okręt strażniczy i ledwo na horyzoncie ukazał się żagiel pędził zaraz na jego spotkanie. Niejeden statek perski znalazł się nagle zamiast w porcie na dnie morza.

W sezonie nawigacyjnym od marca do października stacjonowała też na redzie barka Nadzoru Sanitarnego, na której rezydował doktor Kontowt. Barka była jednopokładowa, czarna, smołowana. Przytrzymywały ją cztery kotwice. Na górze znajdowała się niewielka nadbudówka mieszkalna, a w dole — sala szpitalna i separacki.

Tam właśnie na tej barce spędzałem wakacje. Doktor Kontowt pozostawiał mi całkowitą swobodę. Zamknięty w sobie, małowówny, prześiadywał w kajucie i czytał albo wystawał godzinami przy balustradzie i patrzył w morze. Ja się w tym czasie szwendałem po pokładzie, łowiłem ryby i rozmawiałem z marynarzami.

Było ich trzech na barce, nie licząc starego bosmana Antona Iwanowicza, z którym żyłem w wielkiej przyjaźni.

Bosman, żując prymkę i spluwając do morza żółtą ślinę, mawiał:

— Ludzie w Afryce są czarni i choćby się ich szorowało szwabą nie staną się bielsi. Skórę mają już taką jak u słonia.

A w Chinach kobiety dobre. Nie ma takich kobiet, miłunki, na całym świecie. Uważać tylko trzeba, żeby nie zlać brzydkiej choroby.

Tak, widziało się kawał świata, nie można powiedzieć. A świat w gruncie rzeczy jednaki — te same góry, morza i te same baby.

Marynarze chodzili w samych spodniach i koszulach, boso. Stopy ich o zniekształconych palcach wyglądały jak mątwy. Byli to ludzie dobronudszni, towarzyscy. Poza myciem pokładu właściwie nic nie robili. Wypuszczałem się z nimi zagłówką do barek Nadzoru Policyjnego, Nadzoru Ry-

bołówstwa i Żeglugi lub przystani towarzystw okrętowych: "Kaukaz" i "Merkury". Przejeżdżaliśmy koło nadbrzeży portowych, gdzie przy wyładunku towarów pracowali za trzy ruble miesięcznie smagli Persowie. Słuchałem ich pieśni, podobnych do pieśni tatarskich i przyglądałem się ich opalonym torsom, gdy wypoczywając po pracy jedli arbuzy i czarny chleb.

Wracając nad wieczorem na barkę zastawałem zwykle doktora Kontowta, jak pochylony nad burtą patrzył zadumany w dal. O czym myślał? O życiu upływającym bez wzruszeń i wrażeń, ciągle takim samym, jednostajnym i nudnym? Czy o dalekich krajach, gdzie być może dzieje się coś dziwnego, tajemniczego i bajecznego lub po prostu innego?

W sobotę po południu przyjeżdżała Anna Łukianowna i zabierała ze sobą doktora. Była krzykliwa i wulgarna, śmiała się ochryple i zuchwale, a bosman widząc to trącał mnie łokciem:

— Ocho, doktor będzie miał pracowitą noc.

Ostatnie wakacje na barce spędziłem w r. 1914. W sierpniu, gdy wybuchła wojna, Kontowt został zmobilizowany, a ja musiałem wrócić do domu.

O doktorze wszelki ślad zaginął. Zresztą kto by tam o nim myślał w zawierusze wojennej i rewolucyjnej. Kilka razy odwiedziła nas Anna Łukianowna, ale i ona wkrótce wyjechała na wieś w rodzinne strony, w okolice Kaługi. Zmieniła się bardzo, poczerniała i jakoś jeszcze więcej schudła.

— Nie zobaczę ja już Stanisława Pawłowicza, — mówiła. — Zginął pewno na tej przeklętej wojnie.

Ojciec starał się ją pocieszyć, ale i on nie bardzo wierzył w powrót doktora Kontowta.

Minęły lata. Rewolucja wyrzuciła mnie na brzegi południowych Włoch. Statek, którym miałem jechać z Neapolu do Marsylii, spóźnił się. Nie mając co robić pojechałem do pobliskiego Sorrento.

Wyrzewałem się właśnie leniwie na plaży, gdy uwagę moją zwróciła powracająca z kąpieli para. Ona śliczna brunetka o wielkich niebieskich oczach, w których widziało się niebo, morze i fiołki, on z lekka pochylony, niezgrabny, o siwiejących skroniach. Zastanowiło mnie coś znajomego w tej twarzy inteligentnej i zamyślanej.

Chwilę przypatrywaliśmy się sobie.

— Czy to ty, Pietia? — zawołał.

— Ja, Stanisławie Pawłowiczu...

Padliśmy sobie w objęcia.

Młoda kobieta przypatrywała się temu z uśmiechem.

— Pozwól, Anzeliko, że ci przedstawię mego młodego przejeźdźcę z Astrachania — powiedział doktor Kontowt.

Wyciągnęła do mnie rękę. Słowo daję, nigdy jeszcze nie widziałem podobnie kształtnej rączki. Alabaster, marmur, Wenus...

Wkrótce pożegnała się z nami, a ja zostałem sam z doktorem Kontowtem. Przyznam się, że patrzyłem jak urzeczonemu dopóki nie znikła za zakretem.

Wstąpiliśmy do pierwszej z brzegu albergi.

Tam doktor Kontowt opowiedział romantyczne dzieje swojego małżeństwa.

Wysłany w czasie wojny do Włoch w specjalnej misji medycznej zachorował w Siennie na tyfus. Pielęgnowała go młoda szarytka. Niebawem Kontowt stracił dla niej głowę. Gdy tylko wyzdrowiał oświadczył się, ale nie chciała o niczym słyszeć. Kończył się jej właśnie nowicjat, pragnęła resztę życia poświęcić Bogu. Kontowt oszalał. Gdy Anzelika opuściła szpital i udała się do klasztoru podążył za nią, uzyskał widzenie z matką przełożoną. Dziewczyna musiała go jednak kochać, gdyż dała się w końcu przebłagać. Ślub ich odbył się w kaplicy klasztornej. Była to swego czasu głośna historia, gazety o niej pisały.

Po ślubie doktor Kontowt całkowicie się odmienił. Znikła gdzieś pasywność, poczuł niezwykle przypływ energii. Zdolny i inteligentny wyrobił sobie dużą praktykę w Siennie, a po przeniesieniu do Mediolanu zastąpił jako jeden z najlepszych chirurgów. Niedawno zaproponowano mu katedrę anatomii porównawczej na miejscowym uniwersytecie.

Kiedy mi to opowiadał przypominałem sobie Annę Łukianowną i to co mówił o babach stary bosman, że wszystkie są jednakowe. Nie wszystkie, do licha! Mogę wam na to dać uroczyste słowo honoru.

SEWERYN A. HARTMAN

GARIMPEIRO QUELUZ

WSPOMNIENIE Z GOIÁS

1

... Kamraci, a czy zwrócili już waszą uwagę one śmieszne imionka - powiedzonka, nadane naszym górkom, rzeczkom i miejscowościom jak by po to, aby człek wiedział, że mieszka wesołej jak dziecko Brazylii?

Ho, ho, towarzyszu, gdy ci się pewnego dnia sprzykrzy panorama gojańskich "bezmostów", "poimostów" i "małych mostów" jedź w kierunku Południowego Krzyża. Po miesiącu wytrwałego marszu staniesz w Paranie. I masz, czekają tam na cię podobnie dziwaczne nazwania np. Kocia Głowa lub Zarznięt Wołu albo Siedem Przejść, czy też Wzgórze Grzechotników, a nawet brr... Rzeźka Śmierci.

Może powiedział wam już ktoś o parańskich kurytybach, że były one macierzą brazylijskich płuczek złota. Wątpię jednak czy wiecie o potoczku "Kciuk Tytoniu", ukrytym w dorzeczu Tibagi. Pochlebiam sobie, że należałem do szczupłego grona ojców chrześniwych strumyka, więc posłuchajcie o tym pamiętnym zdarzeniu...

W pobliżu strugi pojawił się pewnego dnia młody jeździec. Zdażał stepowym zboczem w górę rzeczki Itatinga, co znaczy "Biały Kamień". Muł stapał wolnym krokiem, obladowany z przodu siodła sakwami, a z tyłu kompletem sit do przesiewania żwiru oraz potężną misą drewnianą do przepłukiwania ziemi. Wprawnemu oku nie uszłoby, że przybysz nadciąga z dalszych stron — miejscowi właściciele fazend nie bawią się w poszukiwanie kamyków, okoliczni zaś garimpejry drepcą nieodmiennie na piechotkę ile razy trzeba zmienić postój.

Obcy przystanął na przełęczy chcąc zorientować się którędy pojechać. Mógł powędrować krawędzią poprzecznej kotliny w prawo poza kępę zarośli, gdzie kryły się źródła. Nie chciał mu się nakładać drogi, wybrał kierunek na przelaź.

Gdy zjeżdżał stromą pochyłością wąwozu zwrócił uwagę na świeży, jeszcze zielony szal, ustawiony w pobliżu niewielkiego wodospadu, po którym przelewała się niska siklawka, błyszcząca w porannym słońcu.

Dym obok ranszy zdradzał polową kuchenkę garimpeirów. Trzech ludzi krzątało się w pobliżu, każdy w pojedynkę. Widać było, że wykończyli leże i przypotowują urobisko. Jedynym ich okryciem były słomiane kapełuszki i spodnie zakasane ponad kolana.

Przyjezdny wyminął obowisko w przyzwolitej odległości zgodnie z zasadą: "Nie wściłaj nosa do płuczek, jeżeli nie masz tam bliskiego znajomego".

Oznał się donośnym wołaniem:

— Olá, garimpeiros!

Jeden z okrzykniętych skwitował pozdrowienie podnosząc rękę na wysokość ramienia, aby chybotącym ruchem dłoni wyrazić chłodną uprzejmość, nie bez czujnej podejrzliwości.

O jakieś trzysta kroków wyżej, za skretem parowu, czekała na nieznajomego przeprawą przez koryto potoczka. W szuwarach i krzakach biegła tutaj zakosami schludna ryna strugi wyżłobiona w szarym piaskowcu. Można by ją przyrównać do jezdni samochodowej wylanej cementem i wyszlifowanej na gładko. Nad wykonaniem tego cacka przyrody i nad utrzymaniem go w nienaganniej czystości czuwał prąd wody, który sięgał za ledwie do kostek, ale po burzach rósł do rozmiaru rwącej, górskiej rzeki.

Nie było innej rady jak rozstać się z siodłem, a nawet zdjąć z pleców fuzję, żeby nie przeszkadzała. Narowiste bydlę, zepchnięte na gwałt z urwiska, padało i kładło się na ko-

lana, gdyż koryto było oślizgłe. A potem na nowo winduj kłapoucha na przeciwny brzeg!

Uporawszy się z mułem człowiek wrócił nad strumyk. Umył zabrudzone ręce, wytarł je wiechciem trawy. Już sięgał po strzelbę by ruszyć na szkarpe do muła, gdy przelotne srośczenie pod stopy zahamowało jego kroki. Przeczucie przed chwilą tafla wody zmaciła się od osypanego żwiru, a z tej zbełtanej cieczy mignęła na mgnienie oka żółto-czerwona isierka. Ocho!...

Końcem buta popchnął na prąd najbliższą grudę, roztarł ją podeszwą — i nic. Spróbował drugą — także nic, to samo z dalszą bryłą, potem z następną. Bez rezultatu.

Korzystne za to były t. zw. "informacje", owe różnorodne groszki i fasole, zdradzające sąsiedztwo szlachetnych kruszców. Łagodny prąd unosił muł, bawił się płaskiem, a kolorowe jak by oszlifowane ziarna ciężkiego żwiru nie pozwalały się unieść. Tu i ówdzie jawił się okrusz rdzawego kwarcu. Dobry znak.

Żyłka, łowiecka, raz rozbudzona, kazała udać się pod górę. Tutaj na przestrzeni kilku kroków nieznajomy podłubał patykiem w warstwie spoczywającej na kamiennym podłożu. Bryła po bryle osuwała się z szelestem i pluskiem w dół, macając wodę. Aż nagle mruwnęło nowe światelko. Najpierw jedno, potem drugie, trzecie.

Znalazła się i kruszyna wielkości złamanej ziarna ryżu. Człowiek podniósł ją z wykuku do ust. Drobinka była zimna, ciężka, podatna zębom. Nadgryziona zapaliła się szlachetnym blaskiem. Jest!...

Wtem podniósł się od strony Itatingi piekielny wrzask. To zmaczona woda zdradziła intruza zanosząc garimpejrom koło kaszady znak, że ktoś niepowołany dobiera się do ich złóż. Posypały się przekleństwa i groźby.

Zaskoczony poszukiwacz zerwał się kocim susem. Najpierw pobiegł do muła i wprawnym ruchem nałożył mu pęta na przednie nogi, żeby nie uciekł. Potem ukrył w krzakach skałkową sprawdzisz czy jest gotowa do strzału. Na koniec przesunął rękami po szerokim pasie i ruszył rezolutnie naprzeciw nadciągającej nawałnicy.

W połowie drogi natknął się na trójkę garimpeirów. Parli przed siebie rozjuszeni, jeden po tej, drugi po tamtej stronie strumyka, trzeci łożyskiem — ochrypli od krzyku, wywijając bronią sieczną.

— Jak śmie wyciągać rękę po to co nasze! Łap łajdaka! Gardłem nam zapłaci!

Najbliżej znalazł się Murzyn. Sądził długimi skokami, trzymając w podniesionej ręce gotowe do ciosu ostrze.

— Leonidas, Leonidas, a pokaż co umiesz! Bij go, Leonidas! — napędzali go dwaj pozostali.

Cóż kiedy Leonidas fiknął niespodziewanie koziołką nim zdolał dopaść wroga i grzmotnął ciężkim siedzeniem o ziemię aż zadudniło. Nie spostrzegł jak w ostatniej chwili wpadł na podstawioną po piłkarsku nogę przeciwnika.

— Trup numer jeden — dodał sobie otuchy przybysz, po czym odbierając zwyciężonemu nóż, rzekł na pocieszenie: — Niedojdo, a gdzie tobie do wysportowanych Leonidasów, zadziwiających świat na międzynarodowych igrzyskach!

Dwaj pozostali przystanęli zdezorientowani i zbici z tropu. W ich oczach obcy manifestacyjnie wbił murzyński sztylet w ziemię, potem zaś zdjął z bioder pas z rewolwerem i nabojami.

— Oddaj no, bracie, ten paragwajski maczet-odezwał się tonem przyjaznej rady do

jednego z garimpeirów. — Kowal kuł ten kawałek stali z myślą o chojakach, nie zaś o ludzkich karkach. A skądże ty, kolego, z Boliwii, czy z Mato Grosso? Coś mi się wydaje, żeśmy sobie nie obcy. Byłeś ty kiedy nad Rio das Garças, znasz Umyjnogi?

— Tak, ja niedawno stamtąd, z sąsiedniego wyrobiska w Kozimbrodzie — potwierdził zagadnięty i podał posłusznie swój długi fakon.

Gdy zaś wykaraskał się z wąskiego w tym miejscu łożyska strugi i stanął na równe nogi, wyciągnął szarmancko dłoń i przedstawił wieloimienne godności swojej osoby z należnym dla niej poważaniem:

— Hernando Garcia y Gomez de Casimiroś do usług szanownego pana. A czy kolega nie nosi czasem bugierskiego nazwiska jakoś na owe, czy cue? Ano, już wiem: Queluz, Jorge Queluz!

— Kamrat z Casimirośów i kamrat z Queluzów ratowali do spółki Szczerebatego Matiasa kiedy się topił w Rybiej Dziurze. Pamiętasz?

— A któżby zapomniał o Matiasie, co stracił zęby w bóje podczas gry w diamenty na festynie w Starych Babach? O hej, o hej!...

Matogrossenkie wspomnienia — skończyły się całkowitą ugodą.

Oporniej poszło z trzecim nacierającym, uzbrojonym w fojsę, krótką kosę na długim trzonku, z którą kabokło — co wam tu długo bać! — potrafił się porwać nawet na jaguara. Pochodził z sertonu Bahii, zwał się Tonico Alpendre. Po tym nazwisku poznać, że stara Portugalia wysyłała za morze nie tylko ludzi zamków i grodów. Jagunco znad Rio São Francisco chętnie by odparł niepożądane natręta, ale nie mógł nic zrobić będąc osamotniony. Po chwili ociągania cisnął broń i skoczył w ślad za nią.

— Na pokumanie — przystąpił do sprawy bez ogródek — masz tam chociażby łyk ognistej wody goiofą? Trzeba zwilżyć wargi.

Owszem, owszem. Pas porzucony u stóp przybysza nie był ubogi w zapasy. Była tam nawet manierka podróżna, chociaż jej wartość traciła obrzydliwą surowizną. Każdemu dostało się po sporym łyku wódki trzcinowej. Na tym samym miejscu, gdzie o mało nie polała się krew, pobratana czwórka przeszła do garimperskiego posiedzenia w kucki.

— Niech ci będzie, seu Jorge — zgodził się Bahijczyk — możesz pomyszkować w strumyku, ale tylko do wieczora.

— Dajemy pozwolenie — przytaknął Hernando, uprzedzając z nietajonym zadowoleniem: — Myśmy już i tak przetrząsali ten potok. Nie ma tam nic.

— Jeżeli coś w nim kiedyś było — dodał z przechwałką Leonidas — spoczywa dziś w niecce pod wodospadem i czeka na nas trzech, czy nie tak?

Przez opaloną twarz jeźdźca przemknął lekki uśmiech. Wiadomo jak zwodnicze bywają ścieżki garimpeirów. Sto razy zbłądzisz, aby naraz znaleźć tam gdzie spodziewałeś się najmniej.

— Ale musisz dać wykup! — zastrzegł się twardo Alpendre.

— A co takiego mam dać, żeby się wykupić?

— Dasz nam... — żądanie przybrało tu nutę prośby — dasz nam... po kciuku tytoniu. Od dwóch dni szaleje za szczyptą tytoniu do kukurydzanej zwijki.

— Skąd tu wziąć? Do najbliższego sklepiku tłucz się człowieku półtora dnia — białda Matogrossenczyk.

(D. c. n.)

PAWEŁ NIKODEM



BLASKI I NĘDZE WOJNY NA "SOKOLE"



Bandera O. R. P. "Sokół"

Kiedy patrzę się wstecz wydaje mi się, że to wszystko działo się wczoraj: ucieczka przez góry na Węgry, obóz, wyjazd do Francji, nauka rzemiosła żołnierskiego w Bretanii. Jak w zwierciadle widzę szesnastoletniego wyrostka, silnego i zdrowego, o mocnych barach, który mniej może zdawał sobie sprawę z kłęski Ojczyzny, a więcej był spragniony przygód, obcych krajów i dla którego wojna miała urok niespodzianki i zabawy. I powiedzieć, że tym młodzieńcem byłem ja, nie, nie chce mi się w to wierzyć.

Od czego zacząć? Może od owego dnia, kiedy z kilkoma kolegami z tego samego zgrupowania w czasie, gdy Francja rozsypanywała się w gruzy szedłem po szerokim gościńcu w stronę odległego morza. Z ludźmi, z którymi wędrowałem, nie łączyło mnie nic poza wspólnym pragnieniem znalezienia się możliwie szybko na brzegach Albionu. Nie mogę sobie nawet przypomnieć ich twarzy. Dzień był piękny, samoloty niemieckie przelatywały wysoko z głośnym warczeniem, mogło się wydawać, że jesteśmy poza niebezpieczeństwem, w głębokim tyle. Ale wszyscy zdawali sobie sprawę, że zagony pancerne niemieckie są tuż, tuż i że ciśnie południa przerwać może nagle huk dział i to dodawało lotności naszym nogom.

Zastanawialiśmy się właśnie nad tym jak zdobyć jakiś środek lokomocji, gdy dochodząc do pewnej wioski spostrzegaliśmy na drodze ciężarowy samochód wojskowy. Znacie te wsie bretońskie senne i jakby opuszczone, w których jedynie od czasu do czasu odezwie się kogut, albo zaszczeeka pies? Zastukaliśmy do drzwi pierwszej chaty, ale nikt się nie odezwał. W samochodzie też nie było nikogo.

Jeden z kolegów zajrzał do baków. Były pełne benzyny. Niewiele się namysla-

jąc wgramoliliśmy się na ciężarówkę, kierowca (mieliśmy ich dwóch) dał gazu i w krótkim czasie wioska bretońska znikła nam z oczu.

Jeszcze przed wyruszeniem uradziiliśmy, że udamy się do pewnego niewielkiego portu rybackiego, po prostu dlatego, że znajdował się najbliżej. I trzeba się w czepku urodzić tak jak ja: na redzie stały tam dwa niszczyciele angielskie, jak by czekając na nas. Do wieczora zebrało się na wybrzeżu kilkuset rozbitków podobnych do nas, załadunek został szybko i sprawnie wykonany i w nocy oba okręty podniosły kotwice.

Morze było spokojne, samoloty nieprzyjacielskie nie niepokoiły nas i ja, który zawsze mniemałem, że kanał La Manche jest niezmiernie burzliwy doznałem miłego rozczerzowania. Nie udało mi się nawet zaznać smaku choroby morskiej.

Nad ranem przybiliśmy do Plymouth, gdzie Anglicy najpierw nas przezornie rozbroili, a potem napoiili herbatą z mlekiem. Przyjęcie było zresztą bardzo serdeczne, poklepywano mnie wielokrotnie po ramieniu i zagadywano przyjaźnie, czego niestety nie rozumiałem, gdyż poza słowami: "Good bay!" i "Thank you very much!" — nic więcej nie umiałem.

Herbata z mlekiem prześladowała nas przez cały czas w drodze do Liverpoolu dokąd zostaliśmy wyprawieni tego samego dnia. Na wszystkich stacjach czekały na nas gościnnie zastawione stoły pełne ciastek, a starsze panie z organizacji kobiecych pompowały w każdego żołnierza tyle herbaty ile tylko mógł wypić. Zdezorientowany nieco nabrałem przekonania, że wszystkie Angielki mają lat ponad pięćdziesiąt.

Życie, które prowadziłem w Anglii bezpośrednio po przyjeździe, przypominało życie cygańskie.

W Liverpoolu staliśmy tylko dwa dni. Stamtąd przetransportowano nas do małego miasteczka Coatbridge położonego o 15 km od Glasgow. Przez dwa tygodnie kwaterowaliśmy tam w szkole, śpiąc na podłodze i nie formalnie nie robiąc. Jedyną zajęcie po porannym apelu, jeżeli nie liczyć jedzenia, polegało na spacerze przez miasto w kolumnie marszowej. Wydzieraliśmy się przy tej sposobności co sił śpiewając piosenki wojskowe. Szkoci, którzy nigdy czegoś podobnego nie słyszeli, zbierali się tłumnie na ulicach i słuchali z nabożeństwem. Mogłem się wtedy przekonać, że wbrew pierwotnemu przekonaniu nie brak tu dziewcząt i że niektóre z nich są wcale ładne.

Z Coatbridge, w którym mimo nazwy nie było żadnego mostu, przeniesiono nas do niewielkiej wsi szkockiej Crawford Abbington. Mieszkaliśmy w namiotach. Dokoła szkockie góry i wrzosowiska, z rana i wieczorem mgła. Z nudów można się było urwać.

Wreszcie któregoś dnia młodych chłopców takich jak ja odłączono od gromady i wysłano do Glasgow. Tam po pewnym czasie przyjechał kapitan marynarki i wygłosił przemówienie, w którym opiewał uroki marynarki wojennej, nie wspominając wcale o cierniach.

— No, chłopcy, który z was chciałby się zapisać do marynarki?

Podniosłem rękę jako jeden z pierwszych. Nie dlatego, żebym miał pociąg do służby na morzu, ale ponieważ jak każdy młody chłopak czułem słabość do pięknego munduru i szerokich marynarskich portek.

Zabrano mnie do szkoły marynarki wojennej w Plymouth, gdzie przez trzy miesiące wbijano mi do głowy przeróżne mądrości z zakresu min i torped. To bardzo ładna zabawka taka torpeda. Nauczyłem się jak ją rozbić i składać, a potem jak używać na pohybel kochanych bliznich.

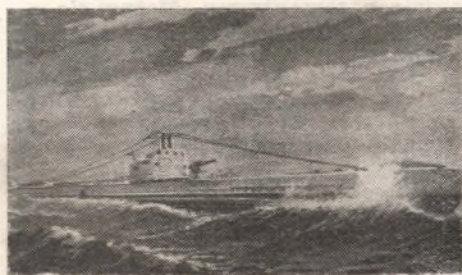
Niektóre szkoły marynarki wojennej w Anglii mieszczą się na starych okrętach, wybudowanych trzysta, czterysta lat temu. Na takiej muzealnej, drewnianej łajbie i ja również pobierałem naukę. Nazywała się HMS "Defiance" i był to właściwie sam kadłub pozbawiony masztów. Mieszkaliśmy na polskim statku handlowym, przedwojennym "Kościuszcze", który teraz zmieniając przeznaczenie przechrzczony został na ORP "Gdynia".

Nauka odbywała się po angielsku, ale był tłumacz polski. Przyznam się, że angielszczyzna początkowo trudno wchodziła mi do głowy. Nawet dziewczęta niewiele mi tu pomogły, ponieważ do rozmowy z nimi wystarczały gesty.

Po skończeniu szkoły zaokrętowano mnie na ORP "Wilka". Była to stara łódź podwodna, którą kapitan, stary wyga, niezwykle wymagający i ostry, wprowadził w pierwszych dniach wojny z Gdyni do Anglii. Miała cztery torpedy w rurach, cztery rezerwowe i dwie na pokładzie, ponadto zaś 40 min w siatce, z których o ile sobie przypominam przez cały czas służby żadna nie została użyta. Można powiedzieć, że ORP "Wilk" miał cholerne szczęście. Nie spotkał bowiem w czasie patroli żadnego przeciwnika. Maszyny jego wydawały taki przeraźliwy hałas, że słychać go było na wiele mil dokoła bez aparatów podsłuchowych.

W Dundee, gdzie ORP "Wilk" stacjonował, czekałem na jego przyjazd dwa dni, znajdował się bowiem w tym czasie na patrolu. Kiedy wreszcie wpłynął do portu przeraziłem się. Cały pokład miał rozbity i zwichrowany. O starożytności ORP "Wilka" świadczyło najlepiej to, że pokład jego był drewniany. Wściekle fale morza Północnego świetnie sobie dawały radę z tym drewnem.

C. d. na str. 2^a



O. R. P. "Wilk" w akcji

W MASYWIE MONT BLANC

2

Liny, plachty biwakowe, jednym słowem wszystko było nie takie jak potrzeba. Rzeczy nasze w skali alpejskiej odpowiadały w taternickiej sprzętowi, w który byliśmy zaopatrzeni z Ostrowskim na Wysokiej.

Ekspres dowiózł nas nocą do St. Gervais. Tu rano przesiedliśmy się do elektrycznej kolejki wiodącej doliną Arvy w samo serce Alp. Les Houche i... za chwilę Chamonix. Zadzieramy głowy do góry. Po obu stronach doliny wyrastają potężne masywy. Gdzieś wysoko majączy biel lodowców.

— Bionnassey! Brevant, a tu igły Chamonix — woła Staszek.

Nie mam odwagi wychylić się za okno. Gardło mam zawinięte szalikiem i dość wysoką gorączkę. Dzień przed wyjazdem z Paryża złapałem ostrą anginę.

— A to masyw Mont Blanc.

Kilometry w pionie nad nami rysuje się sylwetka Białej Góry, a hen w dół spływają lodowce.

Umieszczono nas tuż przy dworcu w hotelu należącym do Ecole Nationale d'Alpinisme et de Ski, w narodowej szkole alpinizmu i narciarstwa, skupiającej jako instruktorów najwybitniejszych alpinistów świata: Rachenal'a, Herzoga (obecnego prezesa Francuskiego Klubu Alpejskiego, zdobywcy Annapurny), Pierre'a Allain i wielu, wielu innych. Naszym "opiekunem", który doradzał nam wybór dróg, był René Ferlet, późniejszy kierownik wyprawy do Patagonii, uwiecznionej zdobyciem słynnego szczytu Fitz Roy. Mielśmy w nim znakomitego znawcę Alp, życzliwego i niezwykle miłego przyjaciela.

Od nas z hotelu wszędzie jest blisko. Dworzec kolei elektrycznej, kończyła stacja kolejki zębatej do Montenvers, główna ulica błyszcząca witrynami sklepów i nocnych lokali tego luksusowego

Dok. ze str. 21

Wkrótce wyruszyliśmy na pierwszy w moim życiu patrol.

Trudno mi coś powiedzieć o tej podróży, która trwała 20 dni. Płynęliśmy wzdłuż brzegów Norwegii w pobliżu Stawanger. Szybko przystosowałem się do otoczenia, nauczyłem się żyć własnym życiem, nie oglądając się na kolegów, z którymi łączyły mnie dobre stosunki, ale nie zażyłość. Był to być może zbyt krótki czas na wytworzenie się przyjaźni.

Nie zdawałem sobie jakoś sprawy, że grozi mi niebezpieczeństwo na tej starej pływającej trumnie, zwłaszcza, że jak wspominałem ORP "Wilk" odznaczał się niebywałym szczęściem: ani on nikogo nie zatopił, ani jego nie zatopiono.

Życie na łodzi podwodnej wyprane jest całkowicie z romantyzmu. Można się z czasem tak przystosować do przebywania pod wodą, że wydaje się to w końcu czymś całkowicie obojętnym i naturalnym. Nieprzyjemne bywają tylko chwile, gdy otwiera się włazy. Nie wiem, czy wszyscy, ale ja wówczas odczuwam zawrót głowy.

Po przybyciu do Dundee pożegnałem się z ORP "Wilkiem". Przeznaczono mnie na ORP "Sokół", na którym miałem już pływać do końca wojny.

(D. c. n.)

JERZY R. FUSIARSKI

uzdrowiska, jakim jest Chamonix, oraz plaża, na której spędzało się wszystkie wolne, wypoczynkowe chwile. Trudno to nawet nazwać plażą, było to bowiem ciepłe jezioro z piaszczystym wybrzeżem, wśród lasu; gdzieś tam boiska sportowe siatkówki lub koszykówki, poumieszczane na niewielkich polankach pomiędzy drzewami. No, i cudowny widok wprost na Mont Blanc. Na jednym z boisk staczaliśmy z instruktorami francuskimi zacięte boje, udowodniając wyższość polskiej siatkówki.

W Chamonix istnieje zwyczaj wychodzenia w góry po południu. Toteż i my, stosując się do tutejszych zwyczajów, wybraliśmy się na naszą pierwszą treningową drogę na Mont Blanc po południu. Wyjechaliśmy pociągiem do Les Houche, aby zjechać tam kolejką linową na Col de Voza.

W Chamonix został jedynie Orłowski i Żuławski, który przyjechałszy z Paryża po nas był zbyt zmęczony, aby pójść z nami. Orłowski nie chciał opuścić swego stałego partnera, został więc z nim. Niestety, kolejka nie była tego dnia czynna, kolejka linowa zaś na Col du Midi była jeszcze w budowie. Zdecydowaliśmy się na wyjście do schroniska Dôme du Gouter piechotą pomimo, że wymagało to pokonania 2.000 metrów różnicy wzniesień i przetrawersowania dwóch lodowców: Bossons i Tocamays.

Niezbym pamiętałem tę drogę, siedłem bowiem z angina, gorączką i... ciężkim plecakiem. Pamiętam natomiast kilka fragmentów z samego schroniska. Wiem, że gdy wstałem z pryczy ciągnącej się wzdłuż ścian, na której było miejsce dla dwudziestu ludzi, spało zaś sześćdziesięciu, zakreśliło mi się w głowie tak, że omal nie zemdlałem. Pamiętam dalej, że wynosząc jakieś śmieci, poślizgnąłem się i przejechałem na spodniach kilkanaście metrów po lodzie na terenie, gdzie wylano pomyje i inne brudy. Nieważne!

Wczesnym rankiem wyszliśmy na Dôme du Gouter, potem na Mont Blanc (4.810 m). Pamiętam cudowną grań pod wierzchołkiem Białej Góry. Zmrożony, twardy śnieg, piękna panorama całych Alp, wreszcie aluminiowe schronisko Vallat'a, leżące zaledwie 500 m. poniżej wierzchołka. Jest to niewielka dla 4-8 osób niezagospodarowana budka, z której korzysta się tylko w ostatecznych wypadkach. Na przyczepionej do drzwi tablicy czytamy: "Prosi się turystów, aby nie zatrzymywali się na nocleg w tym schronisku, ponieważ przeznaczone jest ono dla alpinistów, którzy wyszedszy po wspinaczkę wieczorem na szczyt Mont Blanc nie mają już możliwości zejść niżej."

O ile wiem wielu dziesiątkom, jeśli nie setkom alpinistów, schronisko to uratowało życie.

Na wierzchołku najwyższego szczytu Europy robimy pamiątkowe zdjęcie, po czym ruszamy dalej. Pomimo anginy czuję się nieźle i w przeciągu tego jednego dnia trawersujemy wysokimi graniami cztery szczyty liczące ponad 4.000 m. Poza wyżej wymienionymi wchodzimy jeszcze na Mont Maudit (4.468 m.) i Mont Blanc du Tacul (4.249 m.)

Śnieg, który wcześniej rano był bardzo zmarzniały i twardy około południa rozmiękł zupełnie. Z obawą przetrawersujemy pola lawinowe. Jeśli jest gdzie chowamy się pomiędzy skałami, aby schronić się choć na chwilę przed upałem. W nocy było około 10 st. poniżej

zera, teraz jest około plus 30 st. Twarze pięką nieznośnie od słońca. Dodatkową więc bieliznę, którą zabraliśmy "na wszelki wypadek" zawijamy szczególnie nasze oblicza, zostawiając jedynie szparki na usta i oczy. Oczy zaś, aby uchronić przed bolesną bielą uzbrajamy w dwie pary okularów.

Sezon ten jest wyjątkowo pogodny. Przez blisko dwa miesiące nieprzerwanie słoneczna pogoda, co ma dla alpinistów wielkie zalety, ale ma też i wielkie wady. Szereg dróg jest w ogóle niedostępnych z powodu lodowych lawin, które spadają w miejscach i czasach najbardziej nieprawdopodobnych. O ile wiadomo, że normalne w Alpach lawiny schodzą około południa na skutek wytopienia śniegu przez słońce, przedtem zaś i potem jest na ogół bezpiecznie, o tyle teraz wobec nieustannej pogody lawiny schodzą wszędzie o każdej porze. Działalność ich jest widoczna. W przeciągu miesiąca naszego pobytu w naszej tylko grupie górskiej tj. w grupie Mont Blanc, zginęło 26 alpinistów. To, że z dziesięcioosobowego składu ekipy polskiej żaden nie znalazł się wśród tych 26, należy uważać za duże szczęście.

Szczególnie pomiędzy Mont Maudit, a Mont Blanc du Tacul posuwamy się miejscami bardzo wolno, gdyż pod kolce raków nabija się mokry śnieg, który trzeba co chwilę strącać uderzeniem czekana. Z Mont Blanc du Tacul zjeżdżamy na... spodniach lodowcem na przełęcz Col du Midi. Jadąc kilkaset metrów z dużą szybkością przeskakujemy co chwila nieszerokie, pokryte śniegiem szczeliny. Nigdy nie przypuściłbym, że ten niegroźny wówczas, aczkolwiek stromy stok, stanie się grobowcem Wawrzyńca Żuławskiego. Tu właśnie w dziesięć lat później urwała się bariera seraków lodowych, brył wytopionych przez słońce, porwała Żuławskiego i wrzuciła do głębokiej na kilkadziesiąt metrów szczeliny, zapelniając ją w chwilę później setkami, tysiącami ton lodu.

W pokojach kierownictwa budowy kolejki linowej na Col du Midi spędzałem noc na jakichś dziwnych materacach. Skutki dają się we znaki dopiero następnego dnia. Okazuje się, że spaliszmy na wacie... szklanej służącej do izolacji budynku i mikroskopijskie kawałki szkła powbiły się nam pod skórę. Nie mogąc znieść tortury swędzenia przez dobry tydzień drapałiśmy się do krwi.

JERZY PIOTROWSKI

Ogłoszenia drobne:

POSZUKIWANIE RODZIN

Janina Figura z domu Suder, córka Tomasza i Małgorzaty, urodzona dn. 24 czerwca 1916 r. w Chlewiskach, pow. Włoszczowa, woj. kieleckie, poszukiwana jest przez swoją matkę, Małgorzatę Suder, zam. w Prudniku, ul. Szkolna 19 w woj. opolskim, - Polska.

OGŁOSZENIA MATRYMONIALNE

35-letni inteligent polskiego pochodzenia, zamieszkały w USA, poszukuje skromnej, kulturalnej, o niewygórowanych wymaganiach niewiasty zdecydowanej na wyjazd do USA w celu matrymonialnym, o wzroście nie wyższym niż 1,60 cm i w wieku do lat 30.

Oferty wraz z aktualnymi fotografiami należy kierować na adres: Victor Sujeci, 6621 Ovington Ave, CLEVELAND 27, Ohio, USA.



W BRAZYLII — W BRAZYLII — W BRAZYLII — W BRAZYLII — W BRAZYLII —

STRASZNA NOC W ITAYPUITE

Nikt tak nie umie opowiadać jak Paragwajczycy. Mówią przyciszonym głosem jak Indianie, a mówią tak pięknie i barwnie, iż słuchaczom wydaje się, że oglądają film.

Jednym z największych gawędziarzy był stary secador 1) Ramon Franco. Cały dzień suszył herwę, a wieczorem siadał pod suszarnią, i wypoczywał żując fumę 2).

Tak też było owego wieczoru, gdy zebrani wokół ogniska tarifejry, 3) popijając szimaron, rozmawiali o tym i owym. Głównym tematem rozmowy był wyczyn tygrysa, który porwał i zjadł petisa 4).

Ramon żuł w milczeniu swoją fumę, aż wreszcie, gdy tamci się nagadali wypłul tytoń i powiedział:

— A ja wam mówię, że jaguaron, który zabił żrebaka, wróci na przyszłą zimę i pokaże co potrafi. Jaguar, który skoszował krwi i mięsa końskiego morduje konie gdzie je tylko napotka. Tak samo bywa z tygrysem ludojadem. Zwierz taki zaniecha wołu i konia i będzie polował jedynie na ludzi. Stanie się

dla nich upiorem dopóki go nie zabiją.

Opowiem wam co się raz zdarzyło w Itaypuite. Było to w piętnaście lat po wojnie paragwajskiej. Jako mały chłopiec pomagałem już wujowi przy fabrykacji herwy. Pracowaliśmy nad rzeką Nhacundahy na herwalach w owym właśnie Itaypuite, co po indiańsku znaczy: "Kamień leżący pośrodku rzeki".

— Gdzie to jest? — spytał jeden ze słuchaczy.

— W Paragwaju. Od miejsca naszego obozowiska położonego tuż przy rzece, aż do jej ujścia do Parany jechało się trzy dni czołmem lub szatą. 5) Patronem naszym był don Juan Paraguayo, człowiek dobry i doświadczony. Wycieliśmy pikady do najlepszych odcinków herwalu. Dokoła suszarni pobudowane zostały ranse dla tarifejrow.

W owych czasach, a może i dziś jeszcze w promieniu kilkudziesięciu kilometrów od Itaypuite nie było żadnego mieszkańca. W dzień każdy siedł w las z fakonem, pochodnią i rzemieńną alsą do zbierania i prażenia herwy. Posterunki poszczególnych zbieraczy oddalone by-

ły od siebie o sto do dwustu metrów. Na noc wracali do obozowiska, każdy do swojej ranszy.

Ustalono zostało, że gdyby ktoś nie wrócił przed zachodem słońca miało się trąbić na bambusowej trąbie zwanej toru z wysokości suszarni lub wierzchołka wzgórza wznoszącego się nad rzeką.

Pracowaliśmy już miesiąc i wszystko szło dobrze do pewnego wieczoru kiedy don Juan licząc robotników stwierdził brak jednego z nich, niejakiego Raula Gomesa, który pracował na jednym z najodleglejszych odcinków herwalu. Początkowo nie przypuszczano, żeby mu się stało coś złego. Myślano, że nadejdzie z opóźnieniem. Kiedy jednak upłynęły dwie godziny i ludzie zaczęli się kłaść spać don Juan zaniepokojony kazał trąbić ze szczytu suszarni.

Noc była księżycowa, jasna i cicha. Toru huczało potężnym basem. Jego monotonne, głębokie buczenie płynęło po lasach i górach. Długo dął trębacz na bambusowej trąbie, ale zew był daremny. Raul nie wrócił.

Don Juan postanowił wysłać kilku ludzi o świtanie na pikadę, gdzie pracował zaginiony robotnik. Prócz fakonów nieli wziąć ze sobą trąby.

Ludzi nie trzeba było poganiać. Za ledwie dniało wyruszyli w drogę. Nie przeszli jeszcze całej pikady, gdy spostrzegli na ścieżce kupę śmieci, traw i liści, jak by zostało tam coś ukryte.

Tarifejry spojrzeli i zrozumieli od razu. Rozgarnęli liście i oczom ich ukazał się straszny widok. Pod śmieciami leżał trup Raula, ale tak zeszpecony, że przeżalenie ogarniało patrzących. Głowę miał rozłupaną jak orzech włoski, mózg wyjeżdżony do czysta, wylizany, krtań wygryziona — bestia piła z niej krew, pierś rozerwana — serce i wątroba zjezione. Brakowało też jednej ręki i nogi, które jaguar zjadł na zakąskę.

Żal, ból i wściekłość ogarnęły ludzi. Poszukali śladów walki, chcąc odtworzyć scenę ataku jaguara. Zbadali każdy krzaczek w pobliżu. Dziwne im się wydało, że nie znaleźli nigdzie fakona, którym Raul ścinał herwę.

Dotarli wreszcie do końca pikady, gdzie zamordowany pracował. Znaleźli ognisko do prażenia herwy t. zw. sapeco i wielka ilość naciej i ułożonej w stos herwy. Noża nigdzie nie było. Niektórzy twierdzili, że gdy Raul natarł na tygrysa ten podbił mu rękę i odrzucił nóż w las.

Wszystko to jednak była jałowa gadanina. Tymczasem sporządzono nosze z taquarussu i taquary, złożono na nich szczątki nieboszczyka i poniesiono do obozu. Zbiegło się co tylko żyło: mężczyźni, kobiety i dzieci. Wszyscy patrzyli z przerażeniem na spustoszenia dokonane przez tygrysa. W końcu wykopano grób w pobliżu suszarni i pochowano Raula.

Strach i niepewność jutra ogarnęły robotników. Gdy nadeszła noc palono ogień przed każdą ranszą i czuwano. Tygrys nie zjawił się. Słyszano tylko jak koło północy chlupnęło coś do wody jak kapiwari. Nikt jednak nie przypuszczał,

OBIEKTYWEM PO BRAZYLII

Gubernator Carlos Lacerda składał w pierwszej połowie sierpnia zeznania przed komisją parlamentarną prowadzącą dochodzenie w sprawie subwencjonowania wyborów niektórych polityków przez Instytut Brazylijski Działalności Demokratycznej.

W trakcie zeznań gubernator Lacerda, który jak wiadomo odznacza się bujnym temperamentem, oskarżył wielu dziennikarzy z Rio de Janeiro i São Paulo o korupcję i komunizm i zażądał przeprowadzenia śledztwa celem pociągnięcia winnych do odpowiedzialności karnej. Wśród oskarżonych przez gubernatora znaleźli się też przyjaciele polityczni, którzy forsowali jego kandydaturę na prezydenta w r. 1965.

W związku z tym w jednym z czołowych dzienników konserwatywnych São Paulo ukazała się następująca anegdota:

Skorpion pewnego razu poprosił żabę, żeby go przewiozła na drugi brzeg rzeki. Żaba zgodziła się na to pod warunkiem, że w czasie przeprawy nie zostanie użądłona.

— Ależ, oczywiście! Zapewniam cię, kochana żabo, że nigdy tego nie uczynię!

Ale gdy znajdowali się pośrodku rzeki skorpion zapomniał o swoim przyrzeczeniu i użądł żabę.

Konając żaba powiedziała:

— Dlaczegoś to zrobił? Przecież utoniesz w tej rwącej rzece.

— Ach, — odparł skorpion — sam nie wiem dlaczego. Poniósł mnie po prostu temperament.

X

Przed zbliżającymi się wyborami na radnych na murach domów i jezdniach ukazały się napisy propagujące niektórych kandydatów. Przeciw tej swoistej twórczości malarzkiej wypowiada się ostro opinia publiczna,

żądając nawet usunięcia "malarzy" z list wyborczych.

W jednym z miasteczek stanu São Paulo pewien kandydat na radnego posunął się tak daleko, że kazał namalować swoje hasło wyborcze na jezdni przed Trybunałem Wyborczym. Przewodniczący Trybunału oburzył się do tego stopnia, że zmusił nieszczęsnego kandydata do własnoręcznego usunięcia napisu. Kandydat na radnego wraz ze swoim zastępcą uzbrojeni w szczotki i płyny wywabiające wykonali posłusznie nakaz ku wielkiej ucieśze mieszkańców miasteczka.

X

Lucio Rodrigues Pereira, odbywając karę w więzieniu stanowym, złożył pewnego dnia uroczysty ślub, że po odbyciu kary ukrzyżuje się.

I rzeczywiście wkrótce po opuszczeniu więzienia sporządził krzyż, postarał się o młotek i gwoździe i na polu przylegającym do ulicy Condessa São Joaquim w São Paulo przystąpił do wprowadzenia w czyn obietnicy. Przybił prawą i lewą nogę. Trudniej już mu poszło z lewą ręką, ale dał sobie jakoś radę. I w końcu poprosił o przybicie prawej ręki jednego z gapiów, przypatrujących się ceremonii.

Historia doszła do wiadomości policji; wszczęto dochodzenie. Człowiek, który oddał przysługę ukrzyżowanemu, niejaki Sostenes de Freitas Leão, został pociągnięty do odpowiedzialności. Jak się jednak okazuje nie wygasło jeszcze w narodzie uczucie wdzięczności. Ukrzyżowany oświadczył, że uciekł się do pomocy nieznajomego i że Sostenes nic nie zawinił.

Sąd zmuszony był umorzyć sprawę.

REPORTER

że był to jaguar. Ale to on właśnie chciał przejść przez potok po długiej kładce, którą chodzili ludzie. Nie udało się, stracił równowagę i wpadł do rzeki, a skąpawczy się w zimnej wodzie stracił tej nocy ochotę do krwawych wyczynów.

Na drugą noc czuwano również, choć już nie tak dokładnie. W suszarni było dużo roboty. Sam don Juan przewracał liście widłami, a dwaj pomocnicy t. zw. gwajnowie pomagali mu w tej czynności. Było już dobrze po północy kiedy skończyli.

Starszy gwajno posłał sobie pod suszarnię, włożył fakon pod poduszkę i zasnął. Don Juan usiadł i obserwował długo drganie gorącego powietrza wydobywającego się podziemnym kanałem z paleńska.

Noc była jak i poprzednia księżycowa, jasna czarująca. Zdawało się, że to dzień nie noc. Suszenie szło gładko i don Juan postanowił wypalić papierosa. Wyjął fumę i chciał ją pokrajać, ale zabrakło mu noża. Cóż zrobić? Skorzystał z noża śpiącego gwajna i po cichu, lekko, wyjął mu fakon z pochwy pod poduszką. Pokrajał tytoń, ale zamiast włożyć nóż z powrotem do pochwy pozostawił go na boku.

Panowie, posłuchajcie jak drobnostka może wywołać wielką szkodę! To niedopatrznie kosztowało śpiącego gwajna bardzo wiele jak się zaraz przekonacie.

Don Juan wypalił papierosa, poleciał drugiemu gwajnowi podsyć ogień i położył się spać.

Śpi gwajno, śpi don Juan i śpią wszyscy inni w obozie, nie przeczuwając, że śmierć zbliża się do nich cichym, zdradliwym krokiem.

Drugi gwajno podsyć ogień w paleńsku i poszedł coś przekąsić do swojej ranszy. Wtem olbrzymi tygrys przebiegł mu drogę, nie zwracając wcale na niego uwagi.

— Jaguar!... — zawołał przerażony gwajno.

Obudzili się wszyscy. Nie obudzili się tylko don Juan, któremu tygrys zdjął czaszkę jak czapkę z głowy. Zaczął już pożerać mózg, ale nie zdążył, gdyż zbudził się drugi gwajno śpiący obok i widząc co się dzieje sięgnął błyskawicznie po nóż pod poduszką. Nie znalazł go jednak. Wówczas chwycił skórzaną pochwę, zerwał się na równe nogi i zaczął jak szalony okładać tygrysa pochwą.

Ludojad porzucił don Juana, podniósł się na tyłne łapy i zwałił gwajna przednimi na ziemię. Jednocześnie otworzył szeroko paszczę, aby leżącego rozszarpać na kawałki. I stała się rzecz godna podziwu! Ten potwór, kolos, w porównaniu z powalonym, bezbronnym człowiekiem nie mógł mu dać rady. Nie ceniąc jak gdyby życia gwajno wpakował jaguarowi obie ręce w paszczę tak głęboko, że złapał go za obsadę języka. Kopał go przy tym z całych sił w brzuch i wył nieludzkim głosem wzywając ratunku.

Ale ratunek nie nadchodził. Panika była tak wielka, że wszyscy struchleli. Nie zląkł się tylko jeden człowiek i wiecie kto? Najślabzy w całym obozie, najbardziej wzgardzony.

Za magazynem herwy stała ransza jednego z tarifejów, chorego na syfisy.

DR STANISŁAW BUNDYRA

Jedyny adwokat polski w São Paulo

Złatwia wszystkie sprawy cywilne, handlowe i pracownicze, jak: inwentarze, mieszkaniowe, upadłościowe itp. — BIURO: Rua Senador Feijó, 29 4 p. s.

417 (obok Katedry) tel.: 35-6521.

PRZYJMUJE OD 13 DO 19 GODZINY.

Człowiek ten więcej leżał, niż chodził. Ale teraz widząc, że nikt nie biegnie na ratunek porwał swój fakon i wołając: "Chłopy, nie bądźcie tchórzami!" pokuścił się na tygrysa. Gdy ten wciąż jeszcze szamotał się z powalonym gwajnem rąbnął go fakonem w grzbiet.

Tygrys opuścił gwajna, skoczył w bok, przewrócił cherlaka i siadł na nim. W tej samej chwili nadbiegli z fakonami w ręku pozostali tarifejry. Posądzenie o tchórzostwo podziało na nich trzeźwico. Podnieceni zaczęli a torto e a direito 6) młócić tygrysa fakonami. Ten widząc, że to nie przelewki i nie mogą skoczyć z powodu nadwreżonego krzyża, siadł na tylnych łapach i bronił się zajądł na prawo i lewo, nie pozwalając się nikomu zbliżyć do siebie. Wywiązała się walka polegająca na doskakiwaniu i odskakiwaniu i zadawaniu cięć tygrysowi. W zamęcie jeden z tarifejów zamiast tygrysa rąbnął fakonem jednego z kolegów, powyżej kolana i zwałił go na ziemię. Skorzystał z tego natychmiast jaguar. Dośięgnął przewróconego pazurami i zdziął mu łydkę z kości jak pończochę.

Mimo wszystko zwierzę dostał kilka głębokich cięć. Widząc, że nie da rady otworzył paszczę i strasząc i manewrując łapami wycofał się z pola walki w pobliski krzak taquarussu. Paragwajczycy rzucili się za nim, ale nożami nie mogli tu operować. W całym obozie nie było ani jednej strzelby, ani rewolweru, tylko broń sieczna.

Rozwścieczeni ludzie zaczęli rąbać taquarussu i kłuć jaguara ostrymi pretami. Wreszcie przy tym jak opętani. Kobiety i dzieci powyłaziły na dach suszarni i zachęcały stamtąd mężczyzn do walki. Tygrys nie wytrzymał. Chcąc nie chcąc wyłaził z krzaka. Tarifejry rzucili się za nim jak osy.

I czy uwierzycie, że nieszczęściom owej nocy nie było końca? Trzeba było jeszcze jednej ofiary. Otóż gdy tygrys ledwo się już włókł, gdy charczał i bronił się ostatkiem sił jeden z tarifejów zamierzył się na niego starą siekierą.

Siekiera siedziała luzno na toporzyску. Pierwana siłą zamachu wyleciała jak pocisk z procy i zamiast w tygrysa trafiła w biodro walczącego opodał towarzysza. Padł jeszcze jeden ciężko ranny człowiek. W końcu bitwa ustała. Tygrysa posiekano na drobne kawałki.

Gdy nastał dzień i obóz doprowadzono do porządku okazało się, że straty były ogromne: don Juan leżał martwy z rozłupaną czaszką; starszy gwajno wyl się w boleściach — poszarpane ramiona zwiślały mu jak dwa motki lyka; jeden tarifeiro miał oderwaną łydkę, drugi był nieprzytomny z upływu krwi spowodowanej raną powyżej kolana; inny wreszcie jęczał z głęboką raną biodra.

Ludzie, którym nie się nie stało, nie myśleli już o pracy. Wszystkich opanowało zniechęcenie i przygnębienie.

Don Juan został pochowany obok Raula; na grobie jego postawiono krzyż. Suchą herwę zmłócono i zsypano do magazynu. Potem nikt już śpić nie robił. Czekano na szatę, która na szczęście przybyła jeszcze tego samego dnia.

Gdy herwa została załadowana na łódź — wszyscy — zdrowi i pokaleczeni — kobiety i mężczyźni, dzieci i psy, i ich dobytek spłynęli w dół rzeki do Itapua — dzisiejszego Posadas. Rannych umieszczono w domu pewnego Paragwajczyka, gdyż szpitala nie było.

Po kilku miesiącach wyzdrowieli wszyscy, ale gwajno o poszarpanych rękach został kaleką na całe życie. Stracił władzę w obu ramionach. Jedną rękę miał przy tym przekreśloną dłonią na zewnątrz.

W jakiś czas potem, gdy ochłonęło z

przerażenia, w Itaypuite zorganizowane zostało nowe przedsiębiorstwo, Przyszedł nowy kierownik i nowi robotnicy. Ze starych nikt nie wrócił.

PINIÓR

U w a g i:

1. Suszarkowy herwy.
2. Tytoń.
3. Robotnicy zatrudnieni przy wycinaniu i zbieraniu herwy.
4. W interiorze tygrysem nazywają jaguara, chociaż w rzeczywistości poza przynależnością do rodziny kotów jaguar nie ma nic wspólnego z tygrysem. Petis — żrebak.
5. Szeroka, płaska łódź.
6. Na lewo i na prawo.

Na wyspie Bananal

Były prezydent Kubitschek miał, jak wiadomo, setki wspaniałych i kosztownych pomysłów. Jednym z tych mało realnych pomysłów było stworzenie na wyspie Bananal ośrodka turystycznego specjalnie dla amatorów polowania i rybołówstwa. Zbudował tam nawet luksusową willę t. zw. Alvoradinha, wyposażoną w urządzenia aklimatyzacyjne.

Wyspa Bananal położona jest w widłach dwóch rękawów rzeki Araguaia na pograniczu stanów Mato Grosso i Goiás. Średnia jej szerokość wynosi około 80 km., a długość — nieco ponad 300 km. Zajmuje powierzchnię o wymiarze 28 tys. km. kwadratowych. Stąd w linii prostej jest 550 km. do Brasílii, 1300 do São Paulo, 1000 do Belo Horizonte, 1300 do Salvadoru. Jak z tego wynika wszystkie duże ośrodki są bardzo odległe od wyspy Bananal. Trudno się też do niej dostać. Nie jest to zachęcające z punktu widzenia turystycznego. Prawda, że lasy tutejsze obfitują w zwierzynę, a w rzece Araguaia, nie zafrutej jeszcze ściekami fabrycznymi, i mało eksploatowanej przez rybaków, spotyka się mnóstwo ryb.

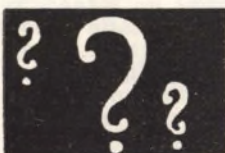
Ale przyroda tu uboga i monotonna. W dolinach rośnie skąpa roślinność, jedynie na brzegach rzeki trafiają się lasy. Całkowity brak dróg utrudnia w znacznej mierze poruszanie się. Rzeźba topograficzna jest nieznaczna, teren z lekką pagórkowatą o wzniesieniach od 300 do 500 metrów, co powoduje powtarzalność krajobrazów. Klimat zaś jest nieznosny. W najgorętszych miesiącach roku słupek termometru podnosi się do 40 st. w cieniu, a w okresach, gdy upały są mniejsze sytuacja bynajmniej się nie polepsza. W nocy miliardy komarów unoszą się w powietrzu uniemożliwiając jakąkolwiek działalność. Jeszcze gorzej bywa, gdy zaczynają padać ulewne deszcze. Grunt rozmięka, cała wyspa zamienia się w jedną brudną kałużę.

Brr... I jak tu mówić o turystyce?

(np)



Tańce Indian "Carajás" są wielką atrakcją turystyczną na wyspie Bananal.



Jedenastoletni starzec

Arthur Baliday był dzieckiem portorykańczyków, którzy wyemigrowali do Stanów Zjednoczonych. Zmarł na progreję. Jest to choroba, o której medycyna nie wypowiedziała jeszcze ostatniego słowa. Nie wiadomo z czego powstaje, czym ją można leczyć. W historii medycyny znane są 34 wypadki śmierci na tę tajemniczą chorobę.

Przed Arthurem Balidayem umarł na progreję w grudniu r. 1961 Szkot z Grenock, siedemnastoletni Georg Yansen. Zachorował w ósmym roku życia tj. od tego czasu zaczął się gwałtownie starzeć. W wieku dziesięciu lat chodzenie zaczęło mu sprawiać trudności. Musiał wypoczywać jak wiekowy starzec po przejściu kilkunastu kroków. Twarz mu się postarzała, osiwiła, włosy zaczęły mu wypadać. W jedenastym roku życia nastąpił wylew krwi do mózgu i lekki paraliż.

Zjechało się wielu lekarzy zwabionych tym rzadkim zjawiskiem. Przybył nawet osobisty lekarz królowej Elżbiety II, prof. dr. Edward J. Wayne, który orzekł:

„Z czego powstała ta dziwna choroba nie mam najmniejszego pojęcia. Nie wiem również jak ją leczyć. I śmiem twierdzić, że nie ma na nią obecnie żadnego lekarstwa. Medycyna jest tu bezsilna.”

Do tego samego wniosku doszli lekarze, którzy leczili małego Arthura Balidaya.

Arthur Baliday mieszkał w miasteczku Watsoville w Kalifornii.

Jak twierdzi jego matka od piątego roku życia zauważono w nim dziwne zmiany. Przypominał mężczyznę w średnim wieku. Włosy mu siwiały, a na twarzy pokazywały się zmarszczki. Dr. T. Schmidt, który go leczył, oświadczył rodzicom, że wątpi by mógł coś pomóc dziecku w tej nieznanej chorobie.

Arthur urodził się 18 maja r. 1950. Był drugim dzieckiem państwa Baliday. Po nim urodziło się jeszcze troje dzieci. Wszystkie są normalne. Rodzice twierdzą zgodnie, że Arthur przyszedł na świat równie normalny jak reszta rodzeństwa. Zmiany przysły później. Zmienił się zarówno jego wygląd, jak i zachowanie.

Kiedy miał 10 lat był już zgryźliwym człowiekiem, któremu wszystko przeszkadzało. Ciągłe był niezadowolony i bez humoru, choć na ogół nigdy nie mówił za wiele i nawet do matki odzywał się rzadko.

Cierpiał na sklerozę naczyń krwionośnych, miał zawał serca.

— Kiedy ostatni raz szedł ze mną do szpitala — opowiada matka — zapytałam go: „Powiedz mi prawdę, Arthurze, jestem przecież twoją matką. Co ci dolega?” Zbył mnie kilkoma słowami i zamilkł. W domu narzekał, że reszta rodzeństwa robi dużo hałasu. Pewnego razu oświadczył mi: „Mamo, niech mama usiądzie, ja chcę mamie coś powiedzieć”. Usiadłam, a on do mnie: „Powiedz mi mamo, dlaczego te dzieciaki tak wiele krzyczą?” Zabrałam dzieci do kuchni, żeby dziecko-starzec mogło spokojnie wypoczywać. Zachowywał się zupełnie jak dojrzały mężczyzna. Nawet w wielu wy-

padkach ta jego dojrzałość była mi pomocna. Obliczał zawsze np. ile mi się należy za pracę, bo ja po kilka godzin dziennie pracowałam przy warzywach na farmie. Zapisywał przez cały tydzień ile godzin dziennie pracowałam i później obliczał należną mi kwotę. Nigdy się nie mylił. Kiedy siadał do rachunków miałam wrażenie, że obliczenia dokonuje stary handlowiec.

Chodził do szkoły i nawet bardzo dobrze się uczył. Zawsze miał dobre stopnie. Początkowo bawił się ze swoimi rówieśnikami. Inne dzieci nigdy się z niego nie śmiały. Bardzo lubił szkołę. Kiedy przynosił miesięczną cenzurę zawsze kładł ją na stole, żeby zobaczyć jakie ma stopnie. Z biegiem czasu starzał się coraz bardziej, unikał zabawy z dziećmi. Podobały mu się lepiej gry dorosłych. Lubiał grać w karty i w warcaby. Grał tak dobrze w warcaby, że ogrywał wszystkich. Lubiał także czytać i patrzeć na telewizję. Był bardzo mądry. Jeżeli podobał mu się jakiś program w telewizji nie pozwalał innym dzieciom zmieniać stacji.

Bardzo dużo czasu spędził w ośrodku lekarskim Uniwersytetu w Stanford. Uczeń z całych Stanów Zjednoczonych przyjeżdżali i badali go, ale nie doszli do niczego. Choroba jego była i pozostała zagadką. W jedenastym roku życia zauważyłam, że zachowuje się tak jak by czuł, że niedługo umrze. Przewidywał zbliżającą się śmierć. Nie bawił się z resztą rodzeństwa, nie chodził do biblioteki. Każdego popołudnia siadał i czytał. Bardzo dużo się modlił. Opowiadał często dzieciom i tłumaczył zasady religii. Nie raz rozmawiał ze mną o religii, o Bogu. Powiedział mi dużo takich rzeczy, o których przedtem zupełnie nie wiedziałam. Myślałam, że te rozmyślenia i rozmowy pozwalały mu znosić lżejsze chwile oczekiwania na śmierć.

Powiedział nawet kiedyś bratu: „Wiem, że niedługo umrę!” Pragnął gorąco doczekać chwili kiedy jego najmłodszy brat Wiktor zacznie chodzić. „Teraz już spokojnie mogę umrzeć” — powiedział wtedy. W dniu, gdy umarł czuł się bardzo dobrze. Miał nawet lepszy apetyt, niż zwykle. Nigdy nie jadł dużo. W jakiś czas po obiedzie poprosił, żeby mu dać pomarańczę i wodę sodową z sokiem. Poszedł do swojego pokoju i włożył czerwoną piżamę, którą bardzo lubił. W chwilę później usłyszałam krzyk. Przybiegłam do sypialni, wzięłam go na ręce. Trzymałam na rękach starego, umierającego człowieka. Ale dla mnie był to mój mały syn...”

Arthur Baliday umarł na zawał serca. Zwłoki jego zabrano do kliniki uniwersyteckiej i dokonano sekcji w poszukiwaniu przyczyny tej dziwnej choroby. Trumienkę ze zwłokami ponieśli później do grobu jego rówieśnicy, z którymi chodził do szkoły. Rówieśnicy jedenastoletniego starca.

John Blain

(Streszczenie redakcyjne z czasopisma „Enquire”)



Rodzina Arthura: matka, siostra i bracia

REINKARNACJA

Obserwując zachodzące w naturze zjawiska zauważymy, że powtarzają się one co pewien czas. Po wiosnie nadchodzi lato, po lecie jesień i zima, by w następnym roku powtórzyło się to samo. Po dniu następuje noc, stale i ciągle w rytmicznej ciągłości. Zmiany księżyca, ruchy gwiazd i planet — wszędzie panuje prawo cyklu w postępie czasu i życia.

Medycyna uczy nas, że ciało ludzkie ma także swoje cykle. Bicie serca, zamieranie i powstawanie nowych komórek — wszystko funkcjonuje według rytmu. Psychologowie odkryli, że u każdego człowieka istnieją cykle depresji, zubożnienia, radości i aktywności mentalnej.

Historycy i socjologowie twierdzą, że istnieją cykle wypadków na świecie, cykle wojen, depresji gospodarczych, przestępstw kryminalnych, epidemii. Wszelkie życie — w głębi ziemi, w wodzie, czy w powietrzu powstaje przez rytmiczne serie powtarzających się cykli.

Nieśmiertelna jaźń człowieka ma także tendencję do kolejnych zmian — aktywności i wypoczynku. Jaźń człowieka dąży do ujawnienia swojej egzystencji w myślach, pragnieniach i czynnościach, na tej wielkiej arenie, którą nazywamy życiem. Ma ona swój okres wypoczynku, w czasie którego „trawi” zebrane doświadczenia by w następnym cyklu modelować nowe możliwości. Cykl ten nazywamy reinkarnacją.

Reinkarnacja, czyli wiara w powtórne wcielenie się, głosi, że w następnej karnacji istota, która była człowiekiem nie może się urodzić zwierzęciem, nie może wrócić do niższych form życia. W ewolucji ducha ludzkiego ku doskonałości trafić się mogą odchylenia i załamania, ale duch ten zawsze ludzkim pozostanie. Dwie trzecie mieszkańców ziemi wierzy dziś, że śmierć nie jest zakończeniem naszego żywota, że odradzamy się w nowym wcieleniu.

Teoria ewolucji Darwina mówi nam, że organizmy istot żyjących rozwijały się od form prymitywnych do form wyższych. Jeżeli rozwijała się strona fizyczna to musiała się jednocześnie rozwijać strona duchowa. Ta właśnie strona postępu duchowego zajmuje się doktryna reinkarnacji. Dusza ludzka, która jest niezniszczalna, przebywa dłużej lub krócej w tym materialnym świecie, uczy się, cierpi, pracuje, zbiera doświadczenia. Po śmierci odchodzi do sfery ducha, aby przez pewien czas zastanowić się i przemyśleć zdobyte doświadczenia. Esencję swoich doświadczeń zatrzymuje. Są to wartości etyczne i moralne, które będą dominować w przyszłym życiu danego indywiduum. I w ten sposób mija żywot za żywotem w ciągłej kolejności narodzin i śmierci. Każde życie to jedna lekcja, nieco wyżej na drabinie ewolucji ducha, aż do osiągnięcia stopnia całkowitej doskonałości, kiedy dana osoba nie będzie już potrzebowała przechodzić dalszej reinkarnacji.

W teorii reinkarnacji życie przestaje być

C. d. na str. 26

Los byłych królów

Odkąd się płaci za zwiedzanie arystokratycznych parków, za deptanie arystokratycznych trawników, za podglądanie arystokratycznych mieszkań, oglądanie arystokratycznych zbiorów i za korzystanie z arystokratycznych toalet, arystokratyczne śluby i pogrzeby pozostały ostatnią bezpłatną arystokratyczną atrakcją.

Niestety, nie wiadomo na jak jeszcze długo. Nadejdzie może niebawem czas, że za oglądanie autentycznych karet z autentyczną uprzężą, ciągnionych przez autentyczne konie, powożonych przez autentycznych woźniców w autentycznych frackach, trzeba będzie także płacić.

A jeśli nawet przyjdzie płacić, to warto. Autentyzm widowiska, ludzi, sprzętu nawet nastroju, nawet dźwięku kopyt koni, fanfar chorów ulicznych, wiwatów, entuzjazmu nic nie zastąpi. Nawet cinerama. A już na pewno nic nie zastąpi żywych, zdetronizowanych głów.

Te zdetronizowane głowy, eksmitowane wielkości, deportowane sławy i imigracyjni "monarchowie" byli jedną z większych atrakcji ślubu księżniczki Aleksandry. Od dawna Londyn Claridges, Brown Hotel, bo nie Hilton ani Dorchester nie oglądali tylu naraz tak utytułowanych i tak mało znaczących ludzi. Habsburgowie i Burbonowie, Schleswig-Holsteiny, Sonderburgs-Glücksburgowie, Bernadoci i Hohenzollerny, Orange i Siegmaringowie, może nawet i Romanowie i potomkowie Napoleona, książęta Savoy i Parmy. Wszyscy tu prawie zjechali, w pompie i w paradzie, jak za dawnych, dobrych lat, ku uciechu gawiedzi, strapieniu policji, entuzjazmowi dziennikarzy.

Kontyngent koronowanych, wciąż nie zdeponowanych, a "miłościwie panujących" zawierał: królową Luizę szwedzką, królową Ingridę duńską, królową Fryderykę grecką (odtąd znaną jako królową, którą zapędzono w kozły róg) i

króla Olafa norweskiego. Kontyngent zdetronizowanych monarchów, od dawna już miłościwie nikomu nie panujących, zawierał: eks-królową Wiktorię-Eugenię hiszpańską, eks-królową Helenę rumuńską, eks-króla Humberta włoskiego, księcia Pawła jugosłowiańskiego z żoną, (eks-król Piotr jugosłowiański nigdy tu nie bywa proszony, bo rozwód i podobno prowadzi hulaszczę życie) oraz eks-króla Michała rumuńskiego i hrabiego Paryża, który wprowadził królem nigdy nie był, ale chciał być i — co ważniejsze — przez wiele lat zajmował wygórowaną, honorową pozycję banity.

Co robią, czym są, jak żyją obecnie ci ludzie do niczego nieprzygotowani, a najmniej przygotowani na to, co ich spotkało?

Dziesięć rodzin eks-królewskich gnieździ się na portugalskiej Costa de Sol w okolicach Estorilu. Mieszka tu sobie pretendent do hiszpańskiego tronu Don Juan z własną żoną i rodziną. Mieszka tu Humbert włoski bez własnej żony, ale z rodziną (żona Humberta, Maria Józefina, siostra eks-króla Leopolda belgijskiego, dawno już opuściła męża i dzieci i mieszka, zdziwaczała, w Szwajcarii, skąd toczy boje o władzę nad wychowaniem dorosłego już zresztą syna).

Mieszka także w Estorilu, w cudownej Vila Marisol, Magda Lupescu, słynna rudowłosa eks-piękność, eks-kochanka nieżyjącego już eks-króla rumuńskiego Karola. Opuuszczona przez ludzi, otoczona zbiorami sztuki, biżuterią i znaczkami pocztowymi których Karol był namiętym kolekcjonerem, żyje sobie Magda Lupescu skromnie i pocziwie. Do kolekcji antyków i obrazów, zostawionych jej przez Karola rumuńskiego wciąż ktoś wnosi pretensje. Raz eks-królowa Helena, prawna wdowa po Karolu, raz eks-król Michał, prawny potomek Karola, oraz eks-kełner francuski, nieprawy potomek Karola, ale niemniej jego naturalny syn z paryską subretką, z którą podobno Karol kiedyś zawarł prawny ślub.

Oprócz tego niedaleko Estorilu, w górach Sintra, na wszelki wypadek, hrabia Paryża wciąż jeszcze utrzymuje wspaniałą willę Quinta do Anjinho. Od kilku lat mieszka wprawdzie już w Paryżu, dokąd pozwolono mu wrócić z całą wielką rodziną. Hrabia Paryża, bezpośredni potomek Burbonów, królów francuskich, ma jedenaścioro dzieci i spory fundusz na ich utrzymanie.

Poza Estorilem, w północnej Portugalii, mieszka sobie całkiem nieskromnie, bo we wspaniałym Palacio de São Marcos w Coimbrze, Don Duarte Nuno de Bragança, pretendent do portugalskiego tronu, z żoną Marią Franciszką i trzema synami. Chociaż Portugalia od lat pozostaje pod uciskiem Salazara, pretendent do portugalskiego tronu nie narzeka. Dyktator jest już stary i chory a pretendent wciąż jeszcze krzepki. Poza tym pretendent ma syna, 16-letniego Duarta, księcia de Beira. Jeśli straci nawet nadzięję na własny tryumfalny powrót na tron, wciąż jeszcze zostały nadzieje dla syna.

Obaj pretendenci, portugalski i hiszpański, są w podobnej sytuacji. Cicho, spokojnie ale pewnie, czekają na śmierć dyktatorów. Jeden — Salazar, drugi — Franco. Obaj mają w zapasie synów. Juan Carlos, ożeniony z córką greckiego Pawła (wciąż miłościwie panującego), księżniczką Zofią, syn hiszpańskiego pre-

tendenta Don Juana, mieszka już nawet w Madrycie. Franco kazał go szkolić w wojskowej akademii w Saragossie a potem na madryckim uniwersytecie. Obaj dyktatorzy, hiszpański i portugalski uznali zło monarchii za to "lepsze zło". To "zło gorsze", to albo anarchia, albo oficerska junta, albo rządy komunistyczne. Demokracja do głowy im nawet nie przyjdzie. Czas pokaże, historia wybierze, komu rządy przypadną.

Nie wszyscy z koronowanych przmysłowych emigrantów mieszkają w Estorilu, grają w golfa, piszą pamiętniki, urządzają "fiesty", festy i przezydują na miejscowych festynach, dojadając albo inwestując wyratowane bogactwa.

Taki na przykład, zupełnie sympatyczny eks-król rumuński, Michał, nie ma co dojadając ani inwestować. Wyjechał z Bukaresztu prawie tak jak stał. Próbował najpierw współistnienia (bez współżycia) i współpracy z komunistyczną Anną Pauker. Nic z tego nie wyszło. Mała pociecha, że Annę Pauker po destalinizacji posadzili do kryminału. Michał wprawdzie nie zdążył posadzić, ale nic mu też ze sobą nie dali zabrać. Majętności w dolarach, złotych, biżuterii i obrazach, wywiezione z Rumunii przez jego ojca, Karola, jak się już napisało, przypadły w udziale rudej Magdzie Lupescu. Razem z willą w Estorilu, cichym życiem w Estorilu i słonecznym klimatem Estorilu.

Żeby żyć rumuński Michał musiał pracować. Na siebie, dwie córki i żonę, włoską księżniczkę Savoy. Próbował najpierw nieboraczkę, farmerstwa. Ale nic z tego nie wyszło, bo ziemia w Avot St. Laurance, w Anglii rodzic nie chciał. Zarzucił więc to szlachetne, na ziemie zajęcie i przyjął pracę w szwajcarskiej firmie produkującej elektryczne przyrządy do samolotów. Sprzedaje. Reklamuje. Zdobywa rynki i klientów. Bardzo to podobno dobrze robi. Mieszka stale (bardzo skromnie) w Genewie.

Albo na przykład taki eks-król bułgarski Simeon. Także namiętnie zainteresowany samolotami; nie ich sprzedając, lecz używaniem. Mieszka obecnie w Hiszpanii, bogato ożeniony z córką hiszpańskiego prawie milionera, Margaritą Gomez Acebo Gejuela. Mieszka, przyjmuje, bywa i jeździ. Za posag żony. Także sposób.

Albo taki na przykład król Albanii, młody i przystojny, Leka. Nawet już nie eks-król, bo koronacja jego odbyła się w paryskim hotelu po śmierci jego ojca, króla albańskiego Zogi przed paroma laty. "Król" Leka ma swoich ministrów, adiutantów, szefa protokołu, a także, oraz dwór składający się z 15 wiernych dworzan.

Były król jugosłowiański, Piotr, prześladowany w Paryżu przez wierzycieli, straciwszy udział w paryskim metro w bliżej nieznanych okolicznościach, zdecydował się na opublikowanie pamiętników. Podreperował kasę, ale zrujnował reputację. Pamiętniki były w złym guście. Wcale nie arystokratyczne w smaku. Na dodatek wszystkiego, Aleksandra, jego eks-żona, nie tylko uciekła skandalicznie z brazylijskim milionerem do Acapulco w Meksyku, ale zaraz potem także opublikowała pamiętniki p. t. "Mój kuzyn Filip". Naturalnie o sobie mało, za to sporo w tych pamiętnikach napisała szczegółów o księciu Edynburga. Odtąd oboje na dwór angielski mają wstęp wzbroniony.

Byli "cesarz austriacki", byli "król węgierski, margrabia Morawii, wielki wojewoda Serbii, książę Lotaryngii i Oświęcimia", Franciszek Józef Otto

Dok. ze str. 25

niewyjaśnioną zagadką i ponurym dramatem, a śmierć traci swą grozę i staje się tylko etapem na drodze do perfekcji.

Wiemy, że żadna energia nie ginie. Trudno więc uwierzyć, aby ginęła energia duchowa. Każda myśl, każde słowo, uczucie i uczynek musi mieć jakiś skutek w tym lub następnym życiu. W fizyce nazywamy to prawem zachowania energii, w teorii reinkarnacji — karmą. Wszystko do nas wraca — dobre i złe. Dobre myśli i dobre uczynki obracają się na naszą korzyść, podczas gdy złe myśli i złe uczynki są przyczyną cierpienia, smutku i nieszczęść. To co posiadamy: charakter, zdrowie, szczęście jest produktem naszych czynności w poprzednich egzystencjach. Rasy ludzkie, narody, rodziny mają również swoją karmę.

Badacze historii stwierdzili wiarę w reinkarnację we wszystkich zakątkach świata, u ludzi wszystkich ras. Znają tę teorię: Babilonia, starożytna Hellada, Rzym, Egipt i India.

W nowszych czasach zwolennikami reinkarnacji byli: Giordano Bruno, Francis Bacon, Fichte, Lowell, B. Franklin, Emerson, Goethe, twórczyni teozofii, H. Blawatska i wielu innych. Z polskich mistyków wierzył w reinkarnację Andrzej Towiański, od którego przejęli tę wiarę Adam Mickiewicz i Juliusz Słowacki.

JAN BIELEC

C. d. na str. 27

ŻYCIE PRYWATNE GOMUŁKI

Hans Jacob Stehle, który przez cztery i pół roku był warszawskim korespondentem "Frankfurter Allgemeine Zeitung", napisał ostatnio książkę pt.: "Nasz sąsiad Polska".

W książce tej jest m. in. rozdział poświęcony zyciorysowi Gomulki oraz mało znanym szczegółom z życia jego rodziny.

Pierwszy sekretarz PZPR mieszka z żoną w dwupokojowym mieszkaniu na Saskiej Kępie. Panią Gomulkową widuje się często w kolejkach przed sklepami i żywnością. Syn ich, Ryszard, pracuje pod przybranym nazwiskiem jako inżynier w przemyśle metalurgicznym. W r. 1961 zwiedził Stany Zjednoczone.

Nie był to jednak pierwszy kontakt rodu Gomulków ze Stanami Zjednoczonymi. Rodzice Władysława, Jan i Kunegunda, już na przełomie XIX w. wyemigrowali z Krosna do Ameryki, skąd powrócili po kilku latach rozczarowani, chociaż zamożniejsi, niż przed wyjazdem. W Stanach Zjednoczonych urodziła im się córka, Józefa. Druga córka i syn Władysław przyszli na świat już po powrocie rodziców do Polski.

Na zdjęciu zbiorowym z r. 1917 rodzina Gomulków wygląda skromnie i raczej po "mieszczańsku". W domu rodziców przechowywano długo przywiezione z Ameryki czasopisma ilustrowane, które młody Władek nieraz wertował.

Świadectwo szkolne z czerwca r. 1917, jak pisze Stehle, przedstawia Gomulkę jako wzorowego ucznia, który we wszystkich niemal przedmiotach, włącznie z religią rzymsko-katolicką, mógł się poszczycić stopniem celującym, a słabszy był jedynie w śpiewie i w języku niemieckim. Rosyjskiego, który był językiem nadobowiązkowym w szkołach C. K. Galicji, Gomulka za młodych lat się nie nauczył.

S. BILIŃSKI

Dok. ze str. 26

Habsburg, wielu jeszcze tytułów, nikomu nie panujący, potomek Franciszka Józefa, przez wielu Polaków umiłowanego cesarza Austrii, mieszka sobie w Niemczech. Niedaleko Monachium, w bardzo skromnej willi, w Pocking. Ponieważ do Austrii ma wstęp wzbroniony a majątki zamrożone w bankach austriackich, dorabia pisaniami artykułów, odczytami. Wydaje ekskluzywny miesięcznik, wyłącznie dla intelektualistów. Jest podobno najbardziej pozytywnym i wykształconym człowiekiem zdetronizowanego klanu. Ożeniony z niemiecką księżniczką Reginą Saxe-Meiningen, Otto Habsburg ma cztery córki i syna. Znajomość historii i inteligencja wcale mu nie przeszkadzają w ustawicznej prawie mrówczej pracy nad przeprowadzeniem restauracji monarchii w Austrii. Jedną z jego najbardziej omawianych prac "Monarcha w wieku atomowym", wprawdzie na nikim nie zrobiła wielkiego wrażenia, ale nie pozostawiła żadnych wątpliwości. Dr. Otto Habsburg wierzy że atom do tronu ma się odwrócić proporcjonalnie. Rozbijając atom, sklei się monarchię. Ostatecznie niech każdy wierzy w co tam sobie chce.

Poza tymi wszystkimi wymienionymi, królewskimi z pochodzenia ludźmi, jest jeszcze Faruk, eks-król Egiptu, Arab opasły, obleśny, antypatyczny. Bez tro-



W STARYM KRAJU — W STARYM KRAJU —

PRZEGLĄD WAŻNIEJSZYCH WYDARZEŃ

Po zimie stulecia zapanowało w Polsce "latostulecia". Niemilosierny żar leje się z nieba właściwie od końca maja. Najgorszy był lipiec kiedy temperatura nie spadała poniżej 32 stopni, a w murach Warszawy nawet 38 st. w cieniu. Tak wysokich temperatur nie notowano w Polsce od r. 1923.

Piękna pogoda mogła radować tylko wczasowiczów, którzy w tym roku o każdej porze cieszyli się słońcem i czystym niebem. Ludzie, którzy muszą spędzać czas w miastach, czuli się już znacznie gorzej. Gorąco nie zmniejszało się w nocy, tropikalny upał nie pozwalał spać. W hutach żelaza, stali i szkła, w koksowniach temperatury sięgały 70-80 st. Praca w tych warunkach była nie do zniesienia mimo, iż bez przerwy zraszano wodą stanowiska robocze, urządzano zasłony wodne, polewano dachy hal fabrycznych, instalowano dodatkowe wentylatory.

Panujące w kraju upały przewyższały o kilka stopni temperatury w krajach południowo-europejskich i śródziemnomorskich i na wybrzeżu Afryki północnej. Tak np. dn. 25 lipca w Warszawie było 37 st., a w Damaszku tylko 31.

W związku z dużą suszą żniwa rozpoczęły się o dwa tygodnie wcześniej, niż normalnie. Wszystkie zboża dojrzewały prawie jednocześnie co spowodowało spiętrzenie prac w polu. Upały zmuszały do pracy w nocy. Chłopi, harując po 16 godzin na dobę, padali ze zmęczenia. Trzeba się było spieszyć, ponieważ zboże wysypywało się już z kłosów.

Jak ocenić tegoroczny urodzaj? W niektórych okolicach kraju zboża ożime obrodziły dobrze, gorzej jest z jarzynami. Ziarno w kłosach jest chude wskutek suszy. Najgorzej z kłosowych przedstawiają się owsy. Upał i brak deszczu spowodowały, że ziarno w nich rzadkie i liche. Nie robiono jeszcze omlotów trudno więc orzec w jaki sposób susza odbiła się na urodzaju. Horoskopy są jednak złe.

Najgorzej przedstawia się sytuacja jeżeli chodzi o okopowe i warzywa. Powiedły kar-

nu i z resztką pieniędzy dożywa "zreformowanego" żywota jako obywatel Monako. Wierzy jak wszyscy oni, którzy już tylko wierzyć muszą, że syn jego wróci kiedyś na tron w Kairze Rozwiedziony, toczący wieczne z żoną boje o wychowanie syna, Faruk jest na pewno tym "zdeponowanym" zdetronizowanym królem, o którym można powiedzieć, że zasłużył w zupełności na swój nieciekawy emigracyjny los.

O innych zdetronizowanych monarchach, szczególnie o eks-królu Leopoldzie belgijskim, można tylko powiedzieć, że byli przypadkowymi postaciami, po których przeszły tryby historii. Po prostu mieli pecha.

Jeszcze jeden wielki ślub, jeszcze jeden wielki pogrzeb, może jeszcze jedna koronacja, może dwie i koniec. Nawet nazwiska znikną z gazet.

Sic transit gloria mundi.

Pozostaną jeszcze długo wariaci, schizofrenicy, paranoicy, kobotyni, tekturowe korony i drewniane berła. Albo powstanie nowe pokolenie panujących, bo ludzkość lubi cyrk i kocha widowiska.

("Związkowiec", TORONTO)

tofliska, ziemniaki wielkości orzechów nie wróżą urodzaju. Na górkach i glebach piaszczystych niektóre redliny wyschły zupełnie. Niedobór wilgoci w glebie wyraźnie pogorszył stan upraw buraków cukrowych.

W miastach schną drzewa na ulicach. Pożółkły trawniki i łąki. Powiedły koniczyzny i seradele. Drugi pokos traw przepadł. Na niektóre pola puszczono już krowy, bo zebrać się koniczyzny, czy seradeli nie da, zresztą często bytła nie ma już czym paść. Gleba ubita jak klepisko, spękana, rozczarowana od nadmiaru upałów, nie pozwala na robienie podorywek i sianie poplonów.

W tych warunkach tragicznie zaczyna się przedstawiać sytuacja w zakresie hodowli. Jedynie długotrwałe deszcze mogłyby przynieść zmianę, choć wielu rzeczy nie da się już uratować.

Upały wpływają na stan wód w rzekach. Najstarsi ludzie nie pamiętają Wisły tak wąskiej i płytkiej jak tego lata (poziom wody 56 cm). W niektórych miejscach można przebrnąć przez rzekę nie zanurzając się nawet do pasa. Stan ten stwarza wiele kłopotu w zaopatrzeniu ludności i przemysłu w wodę. W Warszawie do wyższych pięter woda dopływa bardzo skąpo i tylko w określonych godzinach dnia. Wprowadzono zakaz mycia samochodów wodą z hydrantów, pojazdy wolno myć jedynie w Wiśle. Nie wolno polewać ulic wodą filtrowaną. Wyłączono fontanny.

Jak by tego wszystkiego nie było dosyć szerzy się w Polsce plaga pożarów, spowodowana nadmiernym wysuszeniem roślin i drewnianych domów. Palą się domy mieszkalne, budynki gospodarcze, lasy, zboże na pniu i w stogach. Największym podpalaczem są iskry z parowozów.

W końcu lipca po wielu dniach oczekiwania nareszcie przeszły nad Polską pierwsze deszcze, początkowo 28-go jeszcze dość skąpe, ale już w nocy z niedzieli na poniedziałek 29 lipca obfite i trwające bez przerwy cały dzień. Temperatura gwałtownie spadła do 17-20 st., ale już 30 lipca powróciły 32-stopniowe upały. Po zbawiennych deszczach ożyły uprawy kartofli, buraków cukrowych i innych roślin okopowych.

★

W miastach zaopatrzenie w produkty żywnościowe nie uległo poprawie. W dalszym ciągu odczuwa się brak mleka, masła i mięsa wołowego. Ceny warzyw, wskutek długotrwałej suszy utrzymują się na wysokim poziomie. Sezon owocowy nie zapowiada się dobrze. Najwięcej będzie jabłek, nie tyle jednak co w latach urodzaju. Gruszki i śliwki obrodzą słabo. Lepiej zapowiadają się jedynie śliwki t. zw. węgierki.

★

Na zakończenie naszego przeglądu jeszcze jedna niewesoła wiadomość. We Wrocławiu i w woj. wrocławskim zanotowano 40 wypadków ospy naturalnej. Cztery osoby zmarły. Dla bezpieczeństwa izolowano w Warszawie 5 osób, które przebywały we Wrocławiu i cierpią na jakieś bliżej nieokreślone dolegliwości, co nie wyklucza możliwości ospy. Izolowano również najbliższe otoczenie osób podejrzanych. W innych województwach w kraju kwarantanną objęto osoby, które zetknęły się z chorymi na ospę w czasie pobytu we Wrocławiu. Zarządzono masowe szczepienia ludności.

(as)

PRZEGLĄD POLSKI INFORMUJE:

W Polsce kształcą się 1300 cudzoziemców. Wśród 1300 cudzoziemców, którzy kształcą się w Polsce najczęściej studiują medycynę, chemię, budowę okrętów, górnictwo i architekturę. Dla niektórych cudzoziemców zorganizowane są oddzielne klasy, jak np. dla 100 Kubańczyków. Nauczanie odbywa się w języku polskim, co stanowi dużą trudność. Obecnie mają być utworzone wydziały, gdzie będą prowadzone studia w światowych językach obcych — francuskim i angielskim.

Owiec coraz mniej. Od kilku lat notuje się systematyczny spadek hodowli owiec w Polsce. Z 4,2 mln. sztuk w r. 1956 pogłowie owiec spadło w r. 1962 do 3,1 mln. sztuk. W związku z notowanym corocznie sukcesywnym zmniejszeniem się podaży wełny z owiec krajowych — w r. 1961 zakupiono 8.100 ton wełny, a w r. b. przewiduje się już tylko 6.400 t, zachodzi konieczność zwiększonego importu wełny lub ograniczenia produkcji.

Nowe odkrycia geologiczne na Ziemi Lubuskiej. Ziemia Lubuska badana jest od wielu lat przez ekipy geofizyków i geologów. Pierwszym ich sukcesem było dowiedzenie się ropy naftowej w okolicach wsi Rybaki w pow. Krosno Odrzańskie. Obecnie w okolicach Nowej Soli nawiercono złożę, w którym

stwierdzono występowanie ropy i gazu ziemnego. Czy jest to jednak „duża nafta” i bogate złożę gazu ziemnego — ustali się prawdopodobnie w najbliższych miesiącach. Intensywne prace poszukiwawcze trwają nadal.

Zatonięcie polskiego statku rybackiego. Przebywający na łowisku w cieśninie Skagen polski lugrotrawler ze Szczecina m/t „Mazurek” zatonął. Przeplływający w pobliżu statek handlowy bandery szwedzkiej „Thjntank 10” wyłowił z wody jednego z członków załogi „Mazurka”. Dalszych jedenastu wyłowiła jednostka szwedzka — trawler „Aasa”. Trwają poszukiwania dalszych 6 członków załogi, wśród których znajduje się kapitan zatopionego statku.

Groźny pożar lasu. Nienotowany od lat pożar lasu wybuchł w woj. wrocławskim na terenie leśnictwa Biernatów. Spalił się tam na przestrzeni przeszło tysiąca hektarów las oraz karczowiska. W akcji ratowniczej brało udział 36 jednostek strażackich, tysiące osób miejscowej ludności, przybyli z Wrocławia żołnierze i harcerze. Wprowadzono do akcji dziesiątki beczkowozów. W patrolowaniu terenu pomagały również samoloty. Ogromne usługi w akcji kładzenia tam posuwającej się ścianie ognia oddały czołgi, które zwały

drzewa, tworząc zapory. Przyczyną tego największego po wojnie pożaru lasu była iskra z parowozu.

Wybuch gazu w Lubaczowie. W rejonie Lubaczowa nastąpił gwałtowny wybuch gazu ziemnego i jego pożar. W miejscu wybuchu, to jest w samym korycie rzeczki Lubaczówki, utworzył się krater, z którego wydobywa się płonący gaz, zaś w miejscach oddalonych od ognia wytryskują fontanny, wrzące błota. Według pierwszych hipotez przyczyną powstania pożaru było to, że gaz przepływając bardziej przepuszczalnymi warstwami ziemi, znalazł ujście w stosunkowo mniej odpornym na ciśnienie gruncie koryta rzeczki. Zapalenie gazu nastąpiło — jak się przypuszcza — na skutek iskry wywołanej przez wyrzucone z dużą siłą z dna rzeczki kamienie. Pożar zdołano ugasić.

Najgłębszy otwór wiertniczy w Polsce. Brygada Jasielskiego Przedsiębiorstwa Geologiczno-Wiertniczego przekazała do eksploatacji najgłębszy gazowy otwór wiertniczy w Polsce. 3.321 metrów wiercenia tego szybu trwały od 8 kwietnia br.

Nowy zbiornik wodny. Na Czarnej Przemszy w Przeczycach koło Siewierza przekazano do użytku zbiornik wodny. Zbiornik ten ma przede wszystkim ogromne znaczenie dla budowanej w pobliżu elektrowni „Łagisza”, której pierwszy turbozespół ruszy w sierpniu br. Poza tym zbiornik w Przeczycach, wyrównując duże wahania poziomu Przemszy, usprawni zaopatrzenie szeregu zakładów pracy w wodę. Wreszcie „Przeczyce” — jak każdy prawie zbiornik — pełnić będzie funkcje przeciwpowodziowe, a dla mieszkańców Śląska będzie terenem wypoczynku i sportów wodnych. W tym m. in. celu brzegi obsadzono 50-metrowej szerokości pierścieniem zieleni. Pomyślano także o wędkarzach. Już obecnie w zbiorniku znajduje się narybek pstrąga. W czasie robót ziemnych odkryto duże cmentarzysko z okresu kultury łużyckiej, sprzed 2 tys. lat. Naukowcy zainwentaryzowali już i zabezpieczyli ponad 800 grobów, które zawierają ciekawy materiał archeologiczny i będą nadal badane.

Urodzaj na pstrągi. Jeżeli miniona ostra zima dała się solidnie we znaki we wszystkich niemal dziedzinach życia w Polsce, to chyba w najmniejszym stopniu zaszkodziła ona pstrągom i lipieniom. W potokach górskich Podhala i w Dunajcu zaobserwowano te ryby w dawno nie spotykanych ilościach. Najciekawsze jest to, że po raz pierwszy od kilkunastu lat, tęczowe pstrągi zadomowiły się w potokach zakopiańskich, u stóp Gubałówki.

O cisach staropolskich

„Jeśli by kto wszedłszy w las drzewa, które znajdują się być wielkiej ceny, jako jest cis albo im podobne podrąbał, tedy może być przez pana albo dziedzica pojman, a na rękojemstwo tym, którzy oń prosić będą, ma być dan. Tymże obyczajem o gajach, gdzie mało lasów ma być zachowano”.

Takie rozporządzenie wydał król Władysław Jagiełło w r. 1423. Był to pierwszy w Europie akt prawny chroniący cisy. Dowodził wielkiego znaczenia tego drzewa, chociaż w owych czasach — jak stwierdza Długosz — cis tworzył na polskich ziemiach całe lasy.

Obecnie podjęto w Polsce słuszną troskę Jagiełły o drzewostan lasów i otoczono staropolskie cisy opieką w specjalnych rezerwatach. Tym bardziej, że ilość cisów w polskich lasach zmniejsza się w ciągu stuleci katastrofalnie. Drzewo cisowe jest twarde jak dąb, trwałe, elastyczne, ma piękną barwę. Te rozliczne zalety spowodowały, że używano go zarówno do celów magicznych i obrzędowych, jak i do masowego wyrobu łuków i kuszy, naczyń i narzędzi. Pnie cisowe służyły do budowy portów np. w Świnoujściu, domów (cisowe dworki!), a za czasów saskich cisowe lasy były trzebione przez ośrodki meblarskie w Gdańsku i Kolbuszowej. Dodajmy, że cis był również poszukiwany jako surowiec eksportowy i wędrował np. masowo do Anglii.

W chwili obecnej Polska ma 14 rezerwatów cisowych, rozmieszczonych w różnych częściach kraju. Najgrubszy okaz cisa, a więc i najstarszy rośnię w Henrykowie Lubuskim na Dolnym Śląsku. Jego obwód wynosi 5,06 m. Ma on prawdopodobnie około 1400 lat. Na szczególną uwagę zasługuje zajmujący 37 ha powierzchni rezerwat w nadleśnictwie Wierzchlas, znajdujący się w obrębie borów Tucholskich. Tworzą te bory jeden z największych w Polsce kompleksów leśnych, ciągnąc się przez około 100 kilometrów. Te trzysta tys. hektarów lasu — to szczytki potężnej puszczy pomorskiej.

W tych to odwiecznych borach — jak głosi podanie — przed wiekami największy książę pomorski Świętopełk, znalazłszy się

podczas polowania w połowie biegu Brdy, na prawym jej brzegu, zawołał, by zatrzymać swą świtę: „Tu, hola...”. Popasali ponoć w tym miejscu czas dłuższy i... stąd wywodzi się nazwa Borów Tucholskich.

Po dziś dzień w niedostępnych moczarach leśnych gnieździ się czarny bocian, mieszka w borze sokół wędrowny, nocami słychać głos puchacza, największej z polskich sów. W najdłuższych ostępach utrzymał się, z rzadka już dzisiaj występujący w Polsce, głuszc. Wojewódzkie władze ochrony przyrody zabezpieczyły jego naturalne stanowiska, tworząc mateczniki głuszcowe. Dzięki licznym torfowiskom czasów polodowcowych utrzymała się w Borach Tucholskich gdzieś niedzicie flora tundrowa, identyczna z florą na dalekiej północy. A jednocześnie w innych częściach boru roślinność jest tak bujna, spleciona, że leśne rzeki płyną jakby w tunelach zieleni.

Uroczysko cisów staropolskich, liczące ponad 4.200 cisów, jest rezerwatem ścisłym, to znaczy pozostawia go się w stanie zupełnie naturalnym. Jest to las pierwotny, gdzie pnie drzew rosną, jak je los posiał i butwieją tam, gdzie padły. Pleni się tu i rozwija wszystko według własnych praw, których nikomu nie wolno naruszać.

W wyjątkowych tylko wypadkach zezwala się komisyjnie na pewne prace leśne, np. gdy pochylone drzewo grozi zwaleniem się na zabytkowy cis. W rezerwacie nie można zbierać żadnych roślin bez zgody konserwatora, nie można obcinać, czy łamać gałęzi. Chodzi bowiem o zachowanie — ze względów naukowych i historycznych — przedwiecznego obrazu puszczy, o ocalenie wszystkich rosnących w niej rzadkich roślin.

Oprócz cisów — rosną tu piękne stare sosny, lipy sięgające 200 lat, jawory, potężne dzikie grusze. Krzewy leszczyny, głogu, dzikich porzeczek tworzą nieprzebyte gestwiny. Wielkie paprocie rozpościerają swe szerokie wachlarze i pachną aż do zawrotu głowy całe lany konwalii. Wkrótce zakwitnie czeremcha...

K. Boergerowa



Sanocka Fabryka Autobusów produkuje rocznie około dwóch tysięcy autobusów. Na zdjęciu: W hali montażowej autobusów.



NA NASZYM PODWÓRKU—NA NASZYM PODWÓRKU

PRZEGLĄD WAŻNIEJSZYCH WYDARZEŃ

... W SÃO PAULO:

Życie Polonii paulistańskiej przebiegało w sierpniu pod znakiem kilku znamienitych wydarzeń.

Na czoło wybija się tu walne zgromadzenie członków Klubu 44, które odbyło się 7 sierpnia przy licznych udziałach członków.

Ustępujący zarząd otrzymał jednomyślne absolutorium, podkreślano kilkakrotnie zasługi ustępującego prezesa dr Antoniego Moszkowskiego, na którego wniosek wybrano prezesem na następną kadencję p. Henryka Jonasa.

P. Henryk Jonas wygłosił przy tej sposobności przemówienie, w którym wskazał na konieczność podwyższenia składek członkowskich. Chodzi o to, że Klub może pozostać w obecnej siedzibie, za wynajem której płaci niski czynsz, jedynie do końca br. Czynsz za nową siedzibę będzie niepomniernie wyższy i to stanowi przyczynę proponowanej, jeszcze zresztą nieustalonej, jeżeli chodzi o wysokość, składki członkowskiej.

W wyniku dyskusji zebrani upoważnili przyszedłszy zarząd do wyznaczenia nowych składek miesięcznych w zależności od wydatków wynikających ze zmiany siedziby Klubu.

W skład zarządu poza p. Henrykiem Jonaszem weszły następujące osoby: I wiceprezes: Feliks Piotrowski (wybrany ponownie), II wiceprezes: Emil Bader, sekretarz: Zygmunt Jacewski, skarbnik Tadeusz Neuding, i jako dyrektorzy: pp. Jerzy Piątkowski i Alfred Stroynowski.

Do rady Klubu, poza wchodzącymi z urzędu byłymi prezesami: Stefanem Neudingiem, Włodzimierzem Scipio del Campo, Januszem Niklewskim i Antonim Moszkowskim, obrani zostali następujący pp.: Stanisław Bundyra, Czesław Las, Jan Litmanowicz, H. Y. Podolski, Marek Reichman, Alfred Reichstein, Mirosław Szabuniewicz, Hipolit Wawelberg, Karol Wedziagolski i Andrzej Zaremba-Zajczkowski.

W kolejności wspomnieć należy o koncercie znakomitej śpiewaczki Opery Warszawskiej Haliny Słonickiej, który odbył się dn. 13 sierpnia w salonach Klubu 44. Sprawozdanie z tego koncertu podajemy osobno.

W dwa dni potem, 15 sierpnia, odbyła się staraniem Duszpasterstwa Polskiego w São Paulo uroczysta akademii poświęcona Wniebowzięciu Najświętszej Maryi Panny, roczni-



Roman Wachowicz i Stefan Giller w komedii "Zabici deskami" pióra Wachowicza, wystawionej w Kurytybie.

cy Cudu nad Wisłą i 20-leciu powstania w Getcie Warszawskim.

Akademia poprzedzona była nabożeństwem w Auxiliadorze. Kościół wypełniony był do ostatniego miejsca.

W sali Dom Bosco, gdzie następnie przebiegli wszyscy wierni, powitał ich ks. proboszcz Antoni Łatka. W programie akademii znalazło się szereg pieśni, (odśpiewanych przez chór, który pod batutą ks. dr Jana Kasprzyka czyni nieustanne postępy), deklamacji, występów solowych i tańców. P. Irena Katz odegrała na pianinie dwa utwory Chopin'a, wykazując wielką muzykalność, doskonałą technikę i kulturę muzyczną. Z deklamatorów największe brawa uzyskał p. Józef Modzelewski za doskonałe wykonanie wiersza: "Nie ma getta w Warszawie". Tańce: trojak i krakowiak na żądanie publiczności były bisowane. Zaznaczyć należy, iż do sukcesu wieczoru, który pozostawił niezapomniane wrażenie, przyczynił się głównie ks. kapelan Jan Kasprzyk. Pełna połoju konferansjerka tego złotoustego kaznodziei, a przede wszystkim znakomita reżyseria całości, zasługują na szczególne podkreślenie.

Przejazdem w São Paulo bawiły: Zofia Raciborska, aktorka telewizji warszawskiej, znana odtwórczyni audycji dla dzieci pt.: "Dobranoc dzieci" i Irena Dobosz, redaktor "Kobiety i Żucia".

... W RIO DE JANEIRO:

Donosiliśmy niedawno o przewidywanej wizycie w Polsce w IV kwartale rb. aktora i reżysera Zbigniewa Ziemińskiego. Ten znany i ceniony przed wojną artysta warszawski, który zdobył sobie imię m. in. świetną rolę Chopina w "Lecie w Nohant" Iwaszkiewicza, gdzie występował obok grającej Solange — Niny Andrycz, wygłosi w Polsce szereg odczytów o kulturze brazylijskiej i reżyserować będzie kilka sztuk brazylijskich w teatrach polskich. Pobyt w kraju rozpocznie od Krakowa, w którym zrealizuje spektakl współczesnej sztuki brazylijskiej w Starym Teatrze.

... W KURYTYBIE:

Jak się dowiadujemy świetny zespół folklorystyczny w Kurytybie, który niedawno uzyskał tak wspaniały sukces na festiwalu folkloru w lipcu br. w stolicy Parany, ma w końcu września wystąpić w Rio de Janeiro, a następnie na początku października w São Paulo.

Z opóźnieniem piszemy o pięknych uroczystościach, które odbyły się dn. 7 lipca w Kurytybie z okazji 60 rocznicy założenia polskiej Wiceprovincji Księży Misjonarzy. W dniu jubileuszu Mszę św. pontyfikalną odprawił ks. biskup Ignacy Krause, a podniósł kazanie wygłosił ks. kanonik Franciszek Starzyński.

Wieczorem tegoż dnia odbyła się uroczysta akademii w sali Tow. União Juventus, w czasie której uczczono również zasługi ks. Ludwika Bronnego. O zasługach ks. Bronnego mówili: ks. rektor Dominik Wiśniewski, inż. Edmund Gardoliński i dr Edwin Tempski. W drugiej części akademii wystąpił zespół folklorystyczny, który oczarował widzów śpiewem i tańcem.

(as)



Halina Słonicka

KONCERT HALINY SŁONICKIEJ

Dnia 13 sierpnia śpiewała w Klubie 44 Halina Słonicka.

Na program koncertu złożyły się pieśni: Falconieri, Mozarta, Schumanna, du Parc'a, Chopina, Różyckiego, Nowowiejskiego, Moniuszki, Rimszajskiego, Korsakowa i Szymanowskiego oraz arie z opery Pajzelli: "La serva padrona" i z kantaty Bacha: "Ich hutte viel Bekuemerniss".

Artystka ma głos o imponującej skali, wspaniale wyszkolony technicznie, co pozwala jej wykonywać najtrudniejsze utwory z zadziwiającą łatwością. Świeżość tego głosu, nieskazitelnosć frazy i wielka muzykalność, połączone z doskonałą dykcją, tak rzadką u śpiewaczek, przyczyniają się do doskonałości interpretacji. Słonicka, mimo, iż mogłaby to z łatwością uczynić, nie stosuje sztuczek technicznych. Jej wykonanie nacechowane jest prostotą, graniczącą z pozorną surowością.

Na bis zaśpiewała z niezwykłą maestrią arie z aktu I Traviaty, za co publiczność zgłosiła jej żywiołową owację. Akompaniował dyskretnie i celnie mąż artystki, Jerzy Marchwiński.

(sn)



Jerzy Marchwiński

Muzykalne małżeństwo

Spotykamy się w hotelu Excelsior. Halinę Słonicką widzę po raz drugi w życiu, ale rozmawiamy jak byśmy się znali bardzo dawno. Te młoda kobietę, chciało by się powiedzieć dziewczynę, cechuje bezpośredniość i szczerość, nic z bohemy. Włosy ułożone w węzeł, jasne jak miód. No, tak, patrząc na nią nikt nie mógłby się pomylić: Polka. Brazylijscy dziennikarze powiadają, że jest podobna do Marii Schell. Myślę, że to nieprawda, ale jednak coś w tym jest — ta twarz oryginalna, nietuzinkowa o urodzie szczególnej, w której poza pozornym spokojem kłębią się nerwy.

Mąż Haliny Słonickiej nazywa się Jerzy Marchwiński (ona też, ale kto by wymówił to nazwisko poza granicami Polski, więc już lepsze to panińskie) i rzeczywiście jak twierdzą koledzy brazylijscy przypomina Tonya Curtisa. Nie będę go opisywać — macie obok fotografie.

A więc siedzimy w hotelu Excelsior i rozmawiamy.

Pani Halina mówi, że skończyła Wyższą Szkołę Muzyczną w Warszawie w klasie Marii Halfter w r. 1960, ale już od pięciu lat śpiewa w Państwowym Teatrze Wielkim Opery i Baletu. Repertuar: Traviata, Rigoletto, Cyrulik Sewilski, Don Juan, Opowieści Hoffmana, Carmen, Manon... I pieśni, których starczyłyby na wiele recitali bez powtarzania tematów. Występowała w Tuluzie (opera), w Paryżu (koncert), w Bukareszcie (opera), w Pradze Czeskiej, w Szwajcarii, w Holandii. Jest laureatką konkursów śpiewaczych we Francji, Holandii, Rosji, Szwajcarii i we Włoszech. Ostatnio, w lipcu br., brała udział w międzynarodowym konkursie śpiewaczym w Rio de Janeiro, w którym uczestniczyło ponad 50 śpiewaczek i śpiewaków i uzyskała trzecią nagrodę.

— Uważam to za duży sukces — mówi — w konkursie brało udział wielu ludzi z pięknymi głosami. Śpiewałam potem w Teatrze Municipal w Rio de Janeiro i przyjmowano mnie owacyjnie. Brazylijczycy są bardzo muzycalni, znają się na śpiewie. Ogromnie mi się podoba ten naród, no i kraj oczywiście. Żałuję, że Brazylia jest tak daleko. Chętnie bym tu jeszcze wróciła, żeby zaśpiewać.

P. Jerzy Marchwiński uśmiecha się.

— Osobiście nie miał bym także nic przeciwko temu. Ale i tak myślę, żeśmy się w czepku urodzili. Taka podróż!...

P. Marchwiński ukończył Wyższą Szkołę Muzyczną w r. 1958. Jest on obecnie obok prof. Lefelda najlepszym polskim akompaniatorem. Zajmuje stanowisko adiunkta w Wyższej Szkole Muzycznej w Warszawie w klasie fortepianu, współpracuje z Filharmonią Narodową, Polskim Radio i Telewizją, jest członkiem Trio Fortepianowego im. Fryderyka Chopina. Interesuje się głównie muzyką kameralną. Ulubionymi jego kompozytorami są Bach, Beethoven, Strawiński, Szymanowski i Webern.

Pytam państwa Marchwińskich kiedy wracają do kraju.

— W Polsce — mówi pani Halina — będziemy dopiero we wrześniu. Przedtem odwiedzimy jeszcze Francję.

— Czy związane to jest z planami jakichś występów?

— Może... W każdym razie prowadzić będziemy w tej sprawie rozmowy.

— Co mam powiedzieć od państwa naszym czytelnikom?

— Pozdrowić ich serdecznie i życzyć, żebyśmy się zobaczyli w Polsce.

Rozmawiał: SEWERYN A. HARTMAN

PEWIEN NIESPOKOJNY DUCH

(Dokończenie z nr. 31)

Pracowałam u mnie blisko dwa lata, przy czym dwa tygodnie robił, a jeden pił. Nadeszła zima. Spał na gołych deskach, nie miał się czym okryć.

Kiedy mu mówiłam, żeby sobie kupił koc, powiadał, że szkoda wydawać pieniędzy na takie rzeczy. Żał mi było, że marznie nocami, umieszciliem go więc na nowo w pensjonacie.

Pewnej soboty poprosił, żeby mu dać pieniędzy, bo musi kupić koszulę i trzewiki, wszystko już z niego zlatywało.

— Pieniądzy ci nie dam, Piotr, bo nic nie kupisz — mówię — i cały tydzień będziesz chlapał, a wiesz, że robotę mamy pilną.

— Tak źle nie będzie, panie Kempa. Ja wiem, że robota pilna.

Pomimo tych zapewnień pieniędzy mu do rąk nie dałem. Poszedłem z nim do sklepu. Wybrał sobie pantofle, koszulę i jeszcze coś więcej, nie pamiętam co. Zapłaciłem i otrzymałem 30 kruczejrów reszty. Poprosił, żeby mu to dać. Myślę sobie: za trzydzieści kruczejrów nie będzie pił cały tydzień, najwyżej przepije niedzielę. Dałem.

W poniedziałek Piotra nie ma, we wtorek nie ma. Idę zobaczyć co jest.

Pytam właściciela pensjonatu:

— Gdzie Pedro?

— A leży pijany. Ani jeść nie schodzi.

— Panie, — mówię — uprzedzałem i prosiłem, żeby mu wódki nie dawać i że płacę tylko za życie, a za wódkę nie płacę.

— Ależ, panie Teofilu, ja mu wódki nie dawałem. On sobie przynosił z bodegi.

— Przecież nie ma pieniędzy.

— Miał nowe buty i koszulę to w niedzielę sprzedał jednemu gościowi i teraz ma pieniądze.

— Ach, to tak! — myślę sobie. — Czekaj, ty draniu, pijanico!

Poszedłem do jego pokoju i zacząłem mu wymyślać, ale gadanie do pijanego to tyle co do bydła. Zostawiłem go i poszedłem zły jak cholera: raz, że miałem pilną robotę, a po drugie, że mnie tak nabił w butelkę.

Cały tydzień pił, w poniedziałek przyszedł do pracy zblichany na fest. Naprawiłem mu moralów i dałem rysunek. Wybrał się na podwórce szykować drzewo na nową robotę, którą miał zaczynać. Wyciągnął parę desek, jał mierzyć i przerzynać. Naraz dostał jakiegoś ataku i padł na deski nieprzytomny, tylko ślepią wybałuszyl i charczał.

Poleciałem szukać doktora, ale go nie znalazłem, bo tylko jeden mieszkał wtedy w naszym mieście. Koledzy obłeli mu twarz i lew wodą, zaczął ożywać. Kiedy wróciłem — siedział już na wpół obłąkany. Zaprowadziłem go do pensjonatu i wpakowali do łóżka. Prosiłem właściciela, żeby zwracał na niego uwagę i zawołał mnie w razie potrzeby.

Nazajutrz z rana poszedłem go odwiedzić. Dostał delirium, pokazywał mi jakieś robaki, które wylazły ze ścian, z koldry, zbijaly się w gromady i wybuchały, ale ja nic nie widziałem. Ale najwięcej bał się policji, że chodzi pod jego oknem i kazał mi patrzeć, czy jeszcze jest.

Pobiegłem do doktora, dał jakieś lekarstwo, zaraz kupiłem i po tygodniu chłop był zdrowy.

Wrócił do pracy, ale po paru tygodniach z powrotem zaczął pić, chlał cały tydzień, w poniedziałek przylazł około godziny 10 rano trochę jeszcze pijany i poprosił o 50 kruczejrów.

Stałem przy pracy, spojrzałem na niego i mówię:

— Pierunie, jeszcze się nie nachlapał?

— Już tylko dziś, panie Kempa, jutro stanę do pracy.

— Idź do diabła! Już dosyć tego.

— Tylko dziś, tylko 50 kruczejrów.

— Powiedziałem ci już raz, że na wódkę nie mam pieniędzy.

— No, to chociaż 20 kruczejrów.

Zaczął na mnie nacierać całym ciałem i popychać.

Szewska pasja mnie ogarnęła i nie namyślając się wiele gwizdnąłem go z całej siły w głowę.

Cofnął się, myślałem, że porwie się do bicia, przygotowałem się już do obrony, gdy spostrzegłem ze zdziwieniem, że pomacał się tylko po nosie. Na dłoni miał krew.

Popatrzył się i mówi:

— Nawet krew poszła. Ale to nic, panie Kempa, jutro będę pracować. Tylko 20 kruczejrów.

Powiedział to jak najspokojniej jak by nie nie zaszło.

Serce mnie gorzej zabolalo, niż jego nos. Wyjąłem 30 kruczejrów i dałem. Podziękował i wyszedł. Rzeczywiście, tym razem dotrzymał słowa. Nazajutrz zjawił się do pracy, ale ja przez kilka dni nie mogłem sobie darować, że go uderzyłem.

Pracowałam po tym zajściu jeszcze kilka miesięcy, ale nie było już z niego pożytku. Co zarobił to zaraz przepijał. Tak go wódka zmarnowała, że nie nadawał się do pracy. Mając na sumieniu mój czyn nic mu już nie mówiłem. Kiedy był trzeźwy starałem się po przyjacielsku tłumaczyć jakie są skutki pijanstwa. Przyznawał mi we wszystkim rację, gdyż w gruncie rzeczy nie był ciemny, dużo czytał i posiadał wiedzę w wielu dziedzinach. Przy takich rozmowach często płakał i mówił, że on to wie i rozumie, ale nic na to nie może poradzić.

Była to prawda. Bywało, że czasem i dwa tygodnie się trzymał, ale pod koniec stawał się nerwowo, zapominał się w pracy, robota wylatywała mu z rąk i zaczynał nową tygodniówkę chłania.

Pewnego dnia pyta mnie, czy ma jeszcze jakiś zarobek do otrzymania.

— Niewiele, ale masz. Bo co? Znowu chcesz pić?

— Nie, panie Kempa, skończę panu tylko tę robotę i pójde sobie w świat. Już i tak za długo siedzę w jednym miejscu.

— A gdzie pójdziesz?

— Do Kurytyby.

W kilka dni potem wykończył robotę i poprosił o rozliczenie. Dałem mu jeszcze parę kruczejrów więcej, niż się należało. Podziękował, zabrał walizkę i parasol i poszedł.

Ślad po nim wszelki zaginął. Do dziś nie mogłem się dowiedzieć co się z nim stało. Jeżeli się utopił to nie w morzu tylko w wódce.

Był to człowiek inteligentny, dużo wiedział. Niestety, nałóg brał górę nad wszystkim. Nie miał zwyczaju pić po bodegach w towarzystwie. Przeciwnie, towarzystwa unikał, przynosił pingę do pensjonatu, zamykał się na klucz, kładł się do łóżka, pił, palił fajeczkę i czytał.

O swej przeszłości niewiele chciał opowiadać. Mówił, że jest ślązakiem, urodził się w Lublińcu, gdzie też ukończył gimnazjum i że służył w wojsku w Częstochowie. Raz tylko nie wygadał, że większą część służby wojskowej przesiedział w pace, ale nie chciał wyznać za co. Zauważyłem jedynie, że kiedy był pijany bał się policjantów. Wiedząc, że utrzymuje kontakt z konsulem polskim w Kurytybie pytał mnie kilka razy, czy nie pisałem o nim do konsulatu, na co zawsze odpowiadałem, że o pijakach nie mam co pisać i zwracać komuś głowę bez potrzeby.

Od czasu, gdy po raz ostatni widziałem Mańkę upłynęło osiemnaście lat, nie wiem gdzie się obraca, czy jeszcze żyje, czy też naprawdę utopił się w gorzałce.

TEOFIL KEMPA

LIST DO REDAKCJI

Drogi Panie Redaktorze!

W przejeździe do Stanów Zjednoczonych od-
wiedził mnie mój dobry znajomy. W pewnej
chwili, wziął odruchowo ze stołu i przeczy-
tał maszynopis "Reflektora". Wobec tego, że
czas naglił a wizyta się już kończyła, zapyta-
łem go czy upoważnia mnie do odpowiedzie-
nia na jego uwagi — publicznie. Zgodził się
zastrzegając, nie wymieniania nazwiska. Jest
to człowiek zajmujący się interesami i nie
życzy sobie, — poza reklamą swojej firmy —
innych publikacji.

Przed wszystkim pragnę złożyć mojemu
rozmówcy dwa komplementy:

1. Poza robieniem pieniędzy interesuje się
literaturą; 2. Prowadził rozmowę ostro, ale
kulturalnie.

Cóż go tak głęboko dotknęło?

Oto moja uwaga o "niejakim" Gombrowi-
czu i ironiczny ton "Reflektora", którym jas-
no określiłem mój stosunek do jego twór-
czości.

Odpowiadałem w kolejności tematu rozmowy:
To, że większość "jury" "Wiadomości" wy-
powiedziała się za Gombrowiczem, nie ozna-
cza jeszcze, że werdykt był słuszny. Pisarz i
filozof, "niejaki" Cicero, który prawdopodob-
nie wedle opinii Gombrowicza nie godzien mu
rozwiązać rzemyszcza u butów, stwierdził już
dość dawno, "że większość prawie nigdy nie
ma racji".

Następnym argumentem słuszności oceny
"jury" było cytowanie słów członka tego
aeropagu, Tadeusza Nowakowskiego który
oświadczył że już przez samo zainteresowa-
nie się Gombrowiczem, przez polemiki z nim
i rozgłos, wysuwa się on na czoło pośród
wszystkich kandydatów do nagrody.

No, no powoli. Ostatnio o wiele więcej się
mówi o min. Profumo i Christine Keeler,
autorce "Dziennika" za który otrzymała
skromną nagrodę w wysokości 35.000 dolarów
od tygodnika angielskiego "News of the Wo-
rld", aniżeli o Gombrowiczu. To gadanie o
nim to słaby argument.

Piszący te słowa nie jest doświadczonym
pisarzem. Wychowywał się na wsi, pośród
chłopów, myśli po chłopsku.

Ale i ja, w młodości, interesowałem się np.
Skamandrem z jego wszystkimi nowator-
stwami. Co z niego pozostało? Kto dziś mówi
o Czyżowskim, o Jasińskim, a przecież po-
dówczas huczało o nich po kawiarniach tak,
jak dzisiaj huczy o — Gombrowiczu. Prze-
minęli z marcowym kapuśniakiem.

Gombrowicz dla mnie jest odrażający i
wstrętny. Już wolę od niego, murzyńskiego
boksera, Luisa Clay, który zapowiada w któ-
rej rundzie położy swojego przeciwnika,
twierdzi że jest największym z żyjących lu-
dzi i nakłada sobie po meczu na łeb koronę.
Czy wolno pisarzowi dawać takie widowisko?
Przecie i ten muskularny chłopak murzyński,
w porównaniu do geniusza auto-reklamy
Gombrowicza, jest niewinnym dzieckiem. Ale
są i inne o wiele głębsze powody mojej od-
razy do tego rodzaju pisarstwa. Mówił o nich
Zygmunt Nowakowski, na zebraniu "jury".

Gombrowicz nawołuje, abyśmy się wyzwoli-
li z polskości, abyśmy szli za jego rozcheł-
stana, międzynarodową plachtą, ku świet-
lanej krainie nowoczesności, innymi słowy
abyśmy plułi, tak! plułi, na nasz dorobek
kulturalny i zaczęli od nowa. On, wielki
mistrz humbugu, sam, własnymi rękami,
położy kamień węgielny pod ten... Pałac
Kultury.

Otóż, — niech mi wolno będzie powtórzyć
słowa Zygmunta Nowakowskiego: "Ja tego
słuchać nie mogę". Nie wyrekne się nigdy
ukochania dla oplwanych przez Gombrowi-
cza: Sienkiewicza, Reymonta, Prusa, Zerom-
skiego i Z. Nowakowskiego.

Ostupałem, czytając w "Wiadomościach",
że niektórzy członkowie "jury" pisarze i po-
eci ośmielili się zestawzić proponowanego



NA POGRANICZU BAJKI — NA POGRANICZU

Mrówki i węże w São Bernardo

To co opowiem działo się w czasie, gdy w
stanie São Paulo tworzyła się polska kolo-
nia São Bernardo. W r. 1891 była tam jesz-
cze dzika puszczka, do której zjechała brać z
Królestwa Polskiego i Litwy. Polacy i Litwi-
ni pracowali zgodnie, budowali drogi i domy,
trzebili puszcze i po jej spaleniu sadzili fa-
solę, kukurydzę i maniok. Robota była cięż-
ka, gdyż grunt górzysty, a ziemia mało uro-
dzajna. Zniechęcało to ludzi.

Wielu opuściło kolonię i przeniosło się do
miasta São Paulo, gdzie łatwo było o zaro-
bek. Na kolonii São Bernardo pozostało mało
rodzin. Jednym z tych, którzy przenieśli się
do São Paulo był szewc Kwiatkowski, mistrz
w swym zawodzie. Szyl buty z cholewami tak
foremne i mocne, że nie mógł podołać ob-
stalunkom. Klientami jego byli właściciele
plantacji kawy. Płacili za buty złotem.

Poznałem Kwiatkowskiego po latach w
mieście Pirahy w stanie Rio de Janeiro, gdzie
zamieszkał po spędzeniu kilkunastu bujnych
lat w São Paulo. Po stracie żony Polki oże-
nił się z Brazylijką i stworzył typowo brazy-
lijską rodzinę. Mimo to w głębi duszy czuł
się Polakiem i każdy Polak, choćby włoścza-
gi, był przez niego goszczony i wspomagany jak
rodzony brat. Za każdym razem, gdy go od-
wiedzałem, opowiadał o piekle, które prze-
chodzili koloniści z São Bernardo.

Z opowiadań jego najbardziej wrażliła mi
się w pamięć historia pogrzebu starego Litwi-
na i anegdota o zagadkowej sympatii żaby do
węża.

Spośród kilku rodzin litewskich osiadłych
w São Bernardo jedna przywiozła ze sobą
starego osiemdziesięcioletniego dziadka, któ-
ry zaraz po przybyciu zapadł na chorobę
aklimatyzacyjną, objawiającą się wrzodami
na nogach. Trapiły go również pchły ziemne
(bichos de pé).

Najwięcej jednak dręczyła go nostalgia za
stronami rodzinnymi. Słaby był i pokładał
się często, a gdy niekiedy wstawał szedł w
pole oglądać pracę wnuków. Nic mu się nie
podało, bo:

"Liść był dziwny u każdej rośliny,
Te jako pióra, a tamte jak miecze,
Dławi się wszystko i dusi pospółu".

laureata z wyżej wymienionymi. Dobry
Boże! Oni i Gombrowicz! Amok opanował to
londyńskie zgromadzenie. Ludzie, czy wyście
czytali "Potop", "Lalkę", "Popioły", czyście
patrzyli na "Gałązkę Rozmarynu"?

Oni, i — żeby użyć własnego stylu laurea-
ta: puc, lipa, wypuczenie, pornografia tran-
saltantyczna, hau, hau, miau, miau, prrrr i
puff! Jak to powiedziałem w Reflektorze:
"Coca-Cola — Gombrowicz".

Tak jak i Z. Nowakowski, młodym nie je-
stem. Straciłem wszystko. Posiadam jednak
jeden skarb, którego mi setki Gombrowiczów
nie odbiorą: spuściznę cudownej polskiej li-
teratury.

Niech ten wygibas i ciężkiego kalibru, lek-
koduch, zbiera sobie nagrody.

Niech mu dadzą nawet — Nobla; niech
krzyczy: "Chodźcie za mną durnie!"

Nie pójde do tego międzynarodowego ko-
łochu. Nie zagna mnie tam nawet przy po-
mocy szacownych członków "jury" "Wiado-
mości".

Na zakończenie rozmowy powiedziałem
mojemu zgnębionemu gościowi, że nie będę
już nigdy czytał Gombrowicza. Nie mam na
to — zdrowia.

Z wyrazami głębokiego szacunku

Henryk Przyborowski

Niezadowolony z przyrody, świata i ludzi
chodził smutny, mówiąc:

"Oczy moje za śmierci obliczem

Tęsknią teraz i więcej za niczem".

Zyczenie jego spełniło się wkrótce. Nad-
szedł ciepły styczeń z grzmotami i ulewny-
mi deszczami. Wskutek gorąca i niestrawne-
go tutejszego pożywienia starzec zachorował
na biegunkę, która niebawem położyła kres
jego życiu. Gdy umarł sporządzono prostą
trumnę. Nieśli ją na ramionach ludzie na
cmentarz odległy o sześć kilometrów.

Dzień był upalny i chmury gromadziły się
na horyzoncie. Gdy kondukt żałobny znajdo-
wał się w odległości dwóch kilometrów od
cmentarza zerwała się gwałtowna burza. Na
szczęście w pobliżu mieszkał pewien Brazy-
lijczyk. Przyjął nieproszonych gości życzli-
wie i odstąpił im szope, żeby mogli się schro-
nić przed deszczem.

Ponieważ lało i grmiało do późna w noc
żałobnicy przenocowali w szopie. Nazajutrz
rano, gdy się przebudzili spostrzegli biega-
jące po trumnie wielkie, czarne mrówki
wielkości pszczoły. Podnieśli wieko trumny i
straszny widok przedstawił się ich oczom.
Trup był pokryty mrówkami. Twarz miała już
zjedzoną do nagiej kości, a przez oczodoły
wchodziły i wychodziły szeregami mrówki.

Trzeba było rozpaść ogień z gałęzi i chrus-
tu, żeby wykadzić dymem owady. Zamknię-
to, następnie, trumnę i pogrzebano zwłoki na
pobliskim cmentarzu. Był to smutny epizod
w historii polskiej kolonizacji w Brazylii, o
którym pan Balcer napewno nie wiedział.

Opowiadał mi jeszcze Kwiatkowski, że w
czasie karczowania lasu pod budowę drogi
na kolonii obok pnia zwalonego drzewa drwa-
le zabili niewielką żararakę. W południe,
gdy przerwali pracę i jedli obiad zauważyli
jak z lasu wybiegła żaba i doskoczyła do wę-
ża. Powąchała go i stała nad nim chwilę za-
myślona. Potem zaczęła skakać wzdłuż ciała
węża. Skończywszy oględziny wróciła do za-
rośli. Koloniści nie zrobili jej nic złego. Jedni
dziwili się, a drudzy śmiali z żaby.

Po pewnym czasie żaba wyskoczyła z za-
rośli. Niosła w pyszczku listek jakiejś roślin-
ny. Zbliżyła się do węża i skacząc pociągała
listkiem po jego ciele. Później uciekła do la-
su.

Koloniści nie wiedzieli co o tym sądzić.
Gdy rozprawiali na ten temat zauważyli, że
wąż przeżył się i porusza.

Wracając wyraźnie do życia, zaczął nawet
pełzać. Na ten widok jeden z drwali porwał
spora gałąź i dobił go.

Koloniści głowili się długo nad dziwnym
postępowaniem żaby-lekarki ale nie potra-
filu odgadnąć, co nią powodowało i tak ta
sprawa pozostała niewyjaśniona dotychczas.

Opowiadał mi też Kwiatkowski o szersze-
niach polujących na żmije. Idąc raz przez
las do roboty widział jak żmija z gatunku ża-
raraki uciekała kryjąc się pod liście spadłe z
drzew. Kilka szerszeni gonilo ją jak psy goń-
cze. Żmija wywijala się im zręcznie. W końcu
jednemu z nich udało się spaść jej na kark
tuż za głową. Naprawdę starała się go zrzu-
cić, uzadlił ją śmiertelnie. Zadrzała, wypre-
żyła się i zdechła.

Po chwili nadleciało więcej szerszeni i
przystąpiły zaraz do ćwiartowania trupa.
Kwiatkowski zostawił je i poszedł do roboty.
Kiedy wieczorem wracał do domu zastał już
tylko szkielet węża. Ciała nie było na nim
ani krzyny.

PINIOR



Barwny korowód wiosenny zorganizowany przez uczennice liceum medycznego w Warszawie.



Lucyna Winnicka i Elżbieta Czyżewska w nowym filmie polskim "Godzina psów róz".



Poznań — Widok na Runek i renesansowy Ratusz — (początek XVI w.)

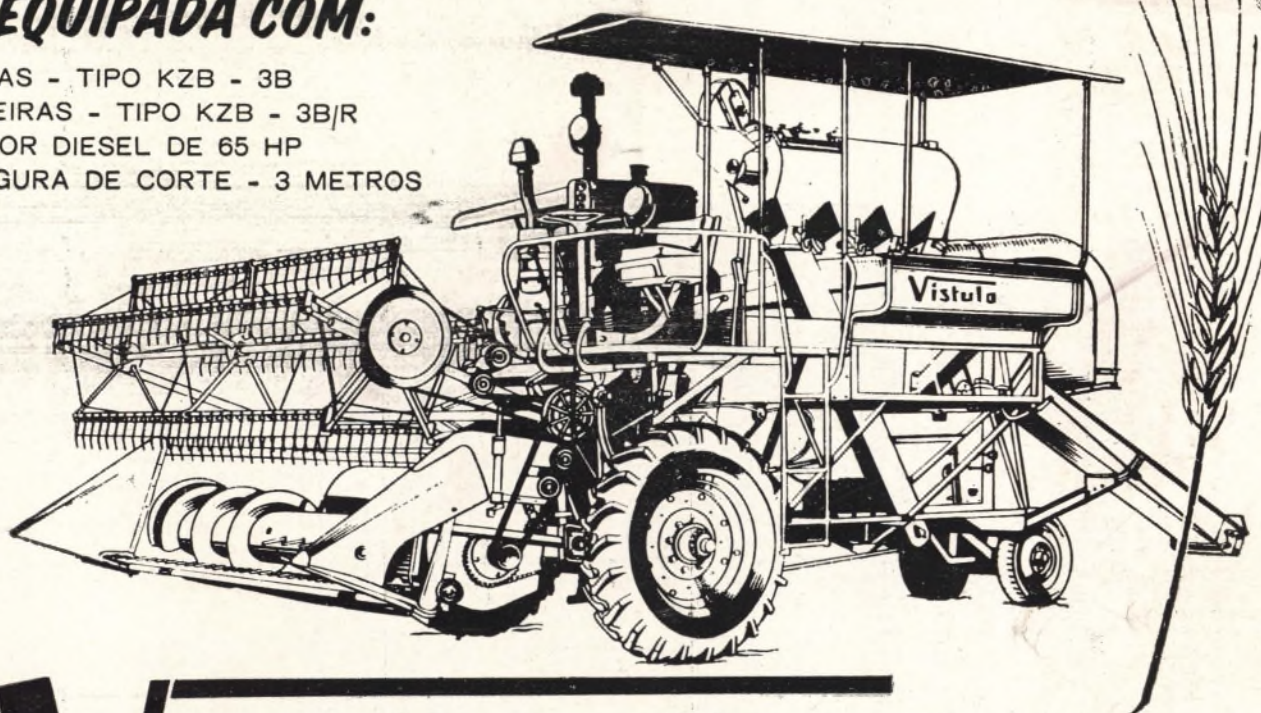


W rezerwacie żubrów w Smardzewicach, woj. kieleckie.

$$\begin{array}{c}
 \text{1} \\
 \text{Vistula}
 \end{array}
 +
 \begin{array}{c}
 \text{2} \\
 \text{OPERADORES}
 \end{array}
 =
 \begin{array}{c}
 \text{60} \\
 \text{SACAS POR HORA}
 \end{array}$$

Vistula COLHEDEIRA COMBINADA
EQUIPADA COM:

RODAS - TIPO KZB - 3B
 ESTEIRAS - TIPO KZB - 3B/R
 MOTOR DIESEL DE 65 HP
 LARGURA DE CORTE - 3 METROS



Vistula

ASSISTÊNCIA
 TÉCNICA E
 ESTOQUE
 DE PEÇAS

AUTOMOTRIZ - APROVADA EM TODAS AS REGIÕES AGRÍCOLAS

COLHE - TRILHA - ENSACA

- TRIGO • ARROZ - sêco e irrigado
- SOJA • MILHO - com p'ataforma especial de 2 bôcas, tipo Vassali, produto nacional.

DISTRIBUIDORES



COMPANHIA FABRICADORA DE IMPLEMENTOS AGRÍCOLAS
 Rua do Grito, 707 - Telefone: 63-5121
 Telegr. COFIMAG - São Paulo

VENDAS FINANCIADAS PELA
CARTEIRA AGRÍCOLA DO
BANCO DO BRASIL

Revendedor para Triângulo Mineiro e Sul de Goiás

VICENTE MARINO

IMPORTAÇÃO E COMÉRCIO

Rua Campo Formoso, 32 - UBERABA - MINAS GERAIS

Tricot-lã

sweater
original

